

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP**

MARIA MANUELA NACANDUMBO

**Estudo dos efeitos psicológicos decorrentes de eventos
traumáticos em jovens: o impacto da guerra em Angola**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

MARIA MANUELA NACANDUMBO

**Estudo dos efeitos psicológicos decorrentes de eventos
traumáticos em jovens: o impacto da guerra em Angola**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a Dr^a Denise Gimenez Ramos.

São Paulo

2017

Ficha Catalográfica

NACANDUMBO, Maria Manuela. *Estudo dos efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos em jovens: o impacto da guerra em Angola.*

São Paulo: 2017, 140 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Área de concentração: Pós-Graduação em Psicologia Clínica

Orientadora: Prof^a Dr^a Denise Gimenez Ramos

Palavras – Chave: Trauma; Guerra; Efeitos Psicológicos; Estresse Pós-traumático.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo, para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução parcial ou total desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que citada a fonte.

São Paulo, de 2017

BANCA EXAMINADORA

**“Se as feridas do teu próximo
não lhe causam dor, a sua
doença é pior do que a dele”**

Tinho Aires

Dedico o presente trabalho a Abel Aurélio,
meu querido e saudoso pai,
ao frei João Domingos Fernandes OP,
que já gozam das alegrias celestes e
à Maria Isabel, minha muito querida mãe.
Incansáveis mestres que inculcaram
em mim os valores humanos e cristãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e da vocação a serviço da humanidade. A sua proteção divina me conduziu até aqui e me firmou cada vez mais no seu amor e, sobretudo, nos momentos de atravessar desertos.

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos, netos, familiares, pelos alicerces firmes de valores humanos e cristãos que me transmitiram. Grata também por todos os bons momentos em que juntos pudemos partilhar a fé, amizade, carinho e sofrimento em família.

O meu profundo agradecimento à Professora Doutora Denise Gimenez Ramos, que aceitou o desafio e a complexidade da minha pesquisa.

O seu acompanhamento como orientadora contribuiu bastante para meu crescimento e amadurecimento pessoal e acadêmico, assim como as suas aulas sempre foram um jorrar inédito de conhecimentos e experiência. Muito obrigada pela partilha e por todos os momentos que o processo da pesquisa exigiu a vossa paciência, sabedoria, audácia e até sofrimento.

Aos alunos do ensino médio participantes da pesquisa, pela disponibilidade e por terem contribuído de maneira significativa com a experiência feita pessoalmente. À escola Santa Maria Goretti, pelo empenho de todos os professores e da direção da escola. Ao professor e psicólogo Severino Sassokele Tulumba, pela mobilização dos alunos, aplicação e coleta dos dados. A todos que participaram do processo de coleta e de envio dos dados, Kadu, Igor, Dudu e Lena.

À minha Congregação Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, pelo tempo de formação que me proporcionou; a cada irmã da Província de Santa Cruz - Brasil, que me acolheu e me ofereceu um ambiente propício para que pudesse integrar a exigência acadêmica e a beleza da vida Consagrada; à Irmã Maria Izabel Coenca, pelo acolhimento durante os 5 anos, cuja amizade, delicadeza e dedicação incansáveis foram para mim um exemplo de vida; à irmã Rita Veronezzi, que me acolheu na comunidade de Campinas e por toda a vida partilhada; à irmã Alzira Santana, pela sua compreensão, convívio e sensibilidade; à irmã Ana Maria da Silva, pelo seu carinho, ternura e generosidade; às irmãs das comunidade de São Paulo e Campinas, pela amizade e apreço manifestos constantemente. Às irmãs mais novas pela amizade e acolhida e, sobretudo, às que estiveram sempre mais

próximas, Mônica Ferraz, Suzana Tchilombo, Margarida Moandjambi, Fabiana Tomás, Josenilde Marques, Izide Santina, Angelita Francisco, Sônia Cândido Vanessa Ribeiro, Maria do Bomfim e Aparecida Marques.

À Professora Doutora Edna Maria Severino Peters Kahhale, por ter aceito participar da minha banca; por toda a contribuição incondicional na construção do presente trabalho; o acolhimento que me proporcionou nas suas aulas, grupos de pesquisa e em outros momentos de reflexão e lazer. Às professoras do programa: Dr^a Ceres Alves Araújo, Dr^a Mathilde Neder, Dr^a Ida Kublikowski, Dr^a Marlise Aparecida Bassani e Dr^a Elisa Maria Cintra, por todo o contributo e apreço durante as aulas; à Dr^a Reinalda Melo da Matta e ao Dr. Roberto Garcia, pela disponibilidade em terem aceito contribuir com a sua experiência para a minha banca e por toda a riqueza partilhada nas aulas e em outros momentos; à Mônica Pereira e ao Marcos Aurélio, pela disponibilidade no programa e Comitê de Ética.

Ao padre Professor Doutor José Fernando Boaventura que, pela sua pertinência científica, ajudou a reestruturar o projeto de um modo mais pragmático; às irmãs Joana Janja, Maria da Conceição Tchendowesi, Paulina Cassinda e Elizabeth Joaquim pela amizade e cooperação em situações de trabalho e férias; à irmã Filipa António e Maria Joana Rafael pelo apreço, dedicação e acolhimento na casa provincial.

Aos meus colegas das diferentes turmas, pelo conhecimento e interajuda construídos juntos, destacando o apreço à Carla Anauate, Maria Ângela, Mariana, Regiane, Roger, Ademir Júnior, Maria Luísa, Maria Carolina, Elizabeth Haga e Natasha Torlay. Àqueles com quem foi possível criar laços de amizade e confiança, especialmente: Maria Irene Neta, Lesle Maciel, Sônia Godoy, Jerferson Montreozol e John Londerry OM.

À Dr^a Maria Irene Ferreira Lima Neta, pela sua dedicação exclusiva e incondicional, desde a qualificação, com a informatização, o tratamento dos dados e as conclusões, por ser uma pessoa muito especial, dedicada, e uma agradável companhia que, da amizade e convívio, se associou à reflexão científica.

À querida Maria Simone Gaspar, pela sua presença amiga e ajuda econômica nos momentos mais difíceis; aos meus incansáveis irmãos Helena Maria Colombo e Ildefonso Maria Colombo, à minha sobrinha Flávia Vieira Eugando pelo apoio e colaboração, tanto econômico como pela documentação necessária. Aos meus amados sobrinhos, sobrinhos-netos e, sobretudo, aos menores que, na hora da

saudade, animavam-me, marcando presença por vídeos e áudios. À minha muito querida mamãe, pelo seu coração de ouro expresso nas breves chamadas telefônicas, sempre me encorajando e me aconselhando. À Irmã Aurora de Sousa, minha querida amiga, pela presença e partilha em todos os momentos, quer com a minha mãe como com a família, por se ter feito tão próxima e fraterna.

À Rosana Portela que revisou e deu forma ao projeto inicial; à Nicole Maciel Pitelli que gentilmente fez a tradução do resumo; aos que mesmo não nomeados, mas que me acompanharam na trajetória acadêmica e experiência longe da pátria.

A todos que contribuíram economicamente para custear as despesas com a universidade, transporte, material acadêmico e saúde, nomeadamente a minha comunidade de Campinas, o Governo Provincial do Kwanza Norte, Angola, com autorização do Dr. Henrique André Junior, os diretores provinciais do Mapess e Educação Sr. Pedro Fula e Sr. Sebastião Abel, que preservaram a minha efetividade; aos senhores Carlos Campos e Pedro dos recursos humanos do governo provincial de Ndalatando, pelo apoio na análise do processo efetivo da função pública.

Minha eterna gratidão, que Deus abençoe a todos.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender os efeitos psicológicos em jovens, decorrentes de eventos traumáticos da guerra em Angola. Foram pesquisadas as seguintes questões: quais foram as experiências traumáticas de guerra que os jovens vivenciaram, e como os eventos de guerra afetaram e afetam a vida destes hoje. Em relação ao método de pesquisa, foi feito um estudo qualitativo. Para o levantamento dos dados da pesquisa, foram utilizados dois instrumentos: um questionário autopreenchido e desenhos sobre a vivência da guerra. Os participantes foram alunos do ensino médio da Escola Missionária Santa Maria Goretti em N'dalatando, capital da Província do Kwanza Norte, Angola. Participaram do estudo 99 alunos, de ambos os sexos, com idade entre 16 e 26 anos. Os dados foram inseridos e analisados no software SPHINX, auxiliado pelo Excel e Nuvem de Palavras. Os dados foram analisados à luz da literatura especializada e organizados em categorias. A pesquisa foi submetida e autorizada pelo Comitê de Pesquisa e Ética, sob o Número do Parecer 2.071.586 e CAAE: 67127917.0.0000.5482. Os resultados revelaram que os participantes, na sua maioria, enquanto crianças, passaram por experiências de sofrimento pessoal, das suas famílias, amigos e até de desconhecidos. Viram pessoas mortas, mutiladas, maltratadas, torturadas psicológica e fisicamente, ataques e destruições. Passaram também diversas privações, tais como: fome, sede, falta de abrigo e de cuidados básicos de saúde. Apontaram diversas consequências de trauma psicológico e físico, o subdesenvolvimento, em todas as dimensões da vida e, momentos marcantes de difícil superação e esquecimento que impactam a sua vida hoje. Expressaram sentimentos de perda, irritabilidade, tristeza, medo, culpa, revolta, indiferença, ressentimento, aflição, desgosto, abandono, solidão, arrependimento, mágoa, ódio, angústia e dor.

Palavras-chave: Trauma. Guerra. Efeitos Psicológicos. Estresse Pós-traumático.

ABSTRACT

The present research aimed to understand the psychological effects on young people, resulting from traumatic events of the war in Angola. The following questions were researched: what were the traumatic experiences of war that the youth experienced, and how the war events affected and impacted their lives today. With respect to the research method, a qualitative study was done. For the survey data collection, two instruments were used: a self-completed questionnaire and drawings about the experience of war. The participants were high school students of the Santa Maria Goretti Missionary School in N'dalatando, capital of the Province of Kwanza Norte, Angola. 99 students, of both sexes, agenda between 16 and 26, participated in the study. The data were entered and analyzed in SPHINX software, aided by Excel and Word Cloud. The data were analyzed in the light of the specialized literature and organized into categories. The research was submitted and authorized by the Research and Ethics Committee, under the number of Opinion 2,071,586 and CAEE: 67127917.0.0000.5482. The results revealed that the participants, in their majority, the children, went through experiences of personal suffering, of their families, friends and even strangers. They saw people killed, mutilated, mistreated, psychologically and physically tortured, attacked and destroyed. There have also been several deprivations, such as hunger, thirst, lack of shelter and basic health care. They have pointed to various consequences of psychological and physical trauma, underdevelopment, in all dimensions of life, and marked moments of difficult overcoming and forgetfulness that impact their lives today. They expressed feelings of loss, irritability, sadness, fear, guilt, revolt, indifference, resentment, grief, disgust, abandonment, loneliness, repentance, hurt, hatred, anguish and pain.

Keywords: Trauma. War. Psychological Effects. Post-traumatic Stress.

FIGURAS

Figura 1 – Crianças mutiladas	46
Figura 2 – Desenho	61
Figura 3 – Desenho	64
Figura 4 – Desenho	65
Figura 5 – Insignia da República de Angola	93

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Participantes que fizeram os desenhos: sexo e idade	59
Gráfico 2 – Categorias expressas nos elementos desenhados	63
Gráfico 3 – Nuvem de palavras a partir das falas dos desenhos	79
Gráfico 4 – Vivência de guerra e familiar que sofreu e morreu na guerra.....	81
Gráfico 5 – Formas de morte e nível de parentesco	82
Gráfico 6 – Formas de sofrimento e nível de parentesco	83
Gráfico 7 – Consequências da guerra	84
Gráfico 8 – Sentimentos de vivência de guerra e idade	85
Gráfico 9 – Sentimento de vivência de guerra e sexo	86
Gráfico 10 – Momentos marcantes da guerra	87
Gráfico 11 – Reação ao encontrar alguém que esteve ligado à guerra	89
Gráfico 12 – Relatos de momentos específicos da guerra	91
Gráfico 13 – Respostas ao questionário em nuvem de palavras.....	92

TABELAS

Tabela 1 – Núcleos de significação: Descrição de cenas de guerra.....	65
Tabela 2 – Núcleos de significação: Alta agressividade destrutiva e ameaçadora ..	66
Tabela 3 – Núcleos de significação: Cenas de mutilação e feridas de guerra	68
Tabela 4 – Núcleos de significação: Vingança	69
Tabela 5 – Núcleos de significação: Desejo de matar	70
Tabela 6 – Núcleos de significação: Referências à morte	71
Tabela 7 – Núcleos de significação: Pedido para não matar	71
Tabela 8 – Núcleos de significação: Sofrimento/dor e morte de familiares.....	72
Tabela 9 – Núcleos de significação: Medo e aflição	73
Tabela 10 – Núcleos de significação: Pedido de socorro	74
Tabela 11 – Núcleos de significação: Cenas traumáticas específicas.....	75
Tabela 12 – Núcleos de significação: Consequências traumáticas da guerra	75
Tabela 13 – Núcleos de significação: Fuga da violência e da guerra	77
Tabela 14 – Núcleos de significação: Arrependimento	78

TEMAS DOS QUESTIONÁRIOS

Tema 1: Idade e sexo.....	80
Tema 2: Experiência de guerra	80
Tema 3: Morte ou sofrimento de familiares durante a guerra	80
Tema 4: Morte de familiares e formas de falecimento	81
Tema 5: Formas de sofrimento e nível de parentesco.....	82
Tema 6: Consequências da guerra	83
Tema 7: Sentimentos de vivência de guerra e idade.....	84
Tema 8: Sentimentos de vivência de guerra e sexo	85
Tema 9: Momentos marcantes da guerra.....	86
Tema 10: Reação ao encontrar alguém que esteve ligado à guerra	88
Tema 11: Relatos de momentos específicos da guerra.....	89
Tema 12: Respostas ao questionário em nuvem de palavras	91

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA REALIDADE ANGOLANA	24
2.1 Situação geográfica e alguns recursos naturais.....	24
2.2 Antecedentes históricos da Independência de Angola	25
2.3 Situação sócio-político-militar de Angola durante a guerra.....	27
2.4 Situação econômica atual	31
3 DESCRIÇÃO DE EVENTOS TRAUMÁTICOS DO PÓS-GUERRA	34
3.1 As consequências da vivência da guerra em Angola.....	34
4 A SITUAÇÃO TRAUMÁTICA E SEU IMPACTO.....	41
4.1 O Trauma	41
4.2. Estresse pós-traumático e seu desencadeamento	44
4.3. Algumas pesquisas sobre trauma de guerra	49
5 OBJETIVOS	54
5.1 Geral.....	54
5.2 Específicos	54
6 MÉTODO.....	55
6.1 Participantes	55
6.2 Local de pesquisa	55
6.3 Instrumentos	56
6.4 Procedimento de coleta de dados	56
6.5 Cuidados éticos	57
6.6 Procedimento de análise dos dados.....	58
7 RESULTADOS	59
7.1 Descrição da amostra.....	59
7.2 Resultados referentes aos desenhos.....	59
7.3 Análise dos desenhos	59
7.3.1 Análise geral dos desenhos e sua descrição.....	60
7.3.2 Descrição do conteúdo dos desenhos	60
7.3.2.1 Armas.....	61
7.3.2.2 Veículos.....	61
7.3.2.3 Ações militares	62
7.3.2.4 Cenas de guerra.....	62
7.3.2.5 Estruturas destruídas	62
7.3.3 Categorias expressas nos desenhos pelos diálogos escritos	65
7.4 Análise dos questionários	80
7.5 Síntese da análise dos resultados.....	93
8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	94

8.1 Discussão sobre os desenhos.....	94
8.2 Discussão dos questionários	97
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXO A - Parecer de projeto de mestrado em psicologia clínica	112
ANEXO B - Parecer substanciado do CEP.....	113
ANEXO C - Autorização de pesquisa da instituição	118
ANEXO D - Figuras desenhadas pelos participantes	119
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	139
APÊNDICE B - Questionário autopreenchido pelos participantes	140

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo estudar os efeitos psicológicos em jovens, decorrentes de eventos traumáticos da guerra em Angola. O desejo de abordar esse assunto surgiu de duas situações: primeiro, por ter vivido uma experiência pessoal de guerra, por muito tempo; segundo, por ter trabalhado com crianças, jovens e adultos, vítimas de guerra, durante e depois do acontecimento.

Tinha 12 anos quando começaram os conflitos armados por todo o território de Angola. Lembro-me das caminhadas a pé entre soldados, obuses explodindo por todos os cantos, a música frenética e diversificada de tiros que me ensurdecia, deixando-me tonta, sem saber ao certo por onde ir, e de ouvir a voz paciente de minha mãe dizendo: “levanta, vamos para este lado; segura o teu irmão”. Lembro-me também das noites passadas nas matas e cavernas, desesperada e exausta, escalando montanhas e suportando a chuva, o frio, a fome, a sede e todas as possíveis privações desencadeadas pela guerra; de ver pessoas que passavam por nós, levando os cadáveres de seus entes queridos enfaixados em pedaços de tecido e de cobertores para o sepultamento, sem nenhuma dignidade; de sobreviventes de massacres, com ferimentos graves, à procura de um centro médico mais próximo.

Em 1975 eu já havia cursado a 4ª classe e, em 1978, fiz um curso de alfabetizadora, por seis meses, para trabalhar com crianças e adultos. Considero esse acontecimento um marco de paixão pela carreira docente atual.

Em 1980, depois de 5 anos sem estudar, fui viver longe dos meus pais, num lar de estudantes, organizado pelo Ministério da Educação, depois da destruição das infraestruturas em quase todo o país, nos primeiros anos de guerra. Porém, a comunicação com a família era muito difícil. Tinha notícias sobre os ataques das aldeias vizinhas através do rádio e do jornal. Esses meios de comunicação eram permanentemente consultados, com a esperança de encontrar alguma notícia sobre a minha família. As ambulâncias e os helicópteros passavam pela cidade continuamente, transportando feridos em ataques para o hospital local. Quando escutava o ruído desses veículos, sentia um desespero sem igual. Foi uma situação aflitiva. Algumas vezes, com os colegas nas mesmas condições, fomos ao hospital e às unidades militares com a finalidade de obter informações sobre nossos parentes.

No entanto, mesmo perante aquela situação, resisti a tudo. Tinha o grande desafio de priorizar o estudo na perspectiva de um futuro melhor. Porém, tive de

interrompê-lo nos momentos de confronto e de fuga dos professores para outras cidades em busca de segurança, dado que a maioria deles eram cooperadores cubanos.

Ao vincular-me à Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, com o carisma voltado à educação de crianças e jovens e com o lema “fazer o bem sempre”, pude dedicar-me a diversas atividades humanitárias e sociais, através da educação e da saúde, mesmo em tempos intensos de guerra. Naquele período, como missionárias, estivemos sempre ao lado do povo, independentemente de sua condição sócio-político-cultural e econômica. O nosso acesso a todos os lugares foi sempre preferencial, sobretudo nos locais mais vulneráveis, não obstante os riscos que também corríamos com os ataques, bombardeios e minas instaladas no terreno. Acolhemos órfãos e refugiados de guerra em todas as suas situações. Fizemos diversos projetos com as Organizações não Governamentais (ONGs) e outros programas internacionais de caráter filantrópico e humanitário, que nos ajudaram a criar estruturas de alojamento, escolas e centros de saúde. Servimos de mediadoras nas instituições privadas e públicas do Estado angolano, para registro de pessoas, localização de suas famílias e sua inserção no mercado de trabalho e na sociedade.

Debruçando-me sobre a realidade que a guerra produziu na vida das pessoas, em 1989, fui motivada a fazer o curso médio de formação de professores de educação moral e cívica, por 5 anos. Essa formação era administrada pela Igreja Católica com um cunho religioso escamoteado, devido ao comunismo implantado no país. Havia uma forte perseguição à Igreja. Nenhum religioso (a) podia frequentar a escola do Estado, e o ensino religioso estava proibido, porque, logo após a independência, de acordo com Ramos^b (2015, p.246), “o Estado recém-nascido escolheu a via socialista”. Depois de alguns anos, e por exigência da missão, cursei licenciatura em Ciências da Educação, com foco em psicologia. Depois da formação, foi muito mais fácil realizar o desejo de educar e formar a mente e o coração das crianças e dos jovens.

A perspectiva de nossa pesquisa, no contexto da sociedade angolana, vinculada ao estudo dos aspetos oferecidos na área da Psicologia Clínica, e de modo particular na Psicologia Psicossomática e Hospitalar, que propõe o estudo do fenômeno psique-corpo, é de capital importância. A dimensão interativa tem como escopo oferecer valiosos subsídios para a observação do fenômeno psique-corpo, de acordo com Ramos^a (2006, p.79), ante a vivência traumática da guerra. Neste

âmbito, nos propomos a abordar a questão diretamente com pessoas que viram, ouviram e vivenciaram episódios de diversos eventos traumáticos durante a guerra, trazendo para a pesquisa elementos subjacentes aos efeitos psicológicos de eventos traumáticos em jovens. É o ser humano que, na sua dupla dimensão e relação complementar corpo/mente, foi atingido e mergulhado em diversas experiências. Por uma desumanidade imposta pelo processo de dominação colonial, irmãos assumiram posições políticas adversas que conduziram a desavenças e rupturas da sociedade, em que cada um barbaramente matou e destruiu o seu semelhante.

O período de guerra, de 1975 a 2002, além de ter sido longo para as pessoas que nasceram e cresceram naquele ambiente de conflito, fez com que vivenciassem experiências extremamente difíceis, de sofrimento, perdas, mortes e luto. Essas pessoas ainda hoje manifestam muitas inquietações e mágoas, relatando experiências exacerbadas e dolorosas. Em muitas situações, a liberdade, a confiança, a identidade, a sensibilidade e a sua autoestima estão distorcidas e feridas, o que compromete as relações interpessoais. Perante esta realidade, nos sentimos perplexos e com déficit de conhecimento teórico e prático neste âmbito. Pensamos que haja uma necessidade de compreender o impacto psicológico causado pela guerra, fruto da experiência vivenciada, para uma conveniente harmonia, equilíbrio humano, saúde física e mental. Deste modo, poderemos responder às angústias e às aspirações prementes desta população-alvo, para que possam ressignificar as experiências intensas e os eventos devastadores que julgamos terem sido traumáticos. Além disso, podemos contribuir com os dados sobre o tema, já que em nossa pesquisa bibliográfica, para a construção do presente trabalho, foram encontradas muitas pesquisas que tratam do tema sobre o trauma, embora em perspectivas diferentes. A guerra de Angola terminou há 15 anos (2002), no entanto, suas consequências estão bem presentes, revelando que os traumas dessa guerra são intensos e permanentes. O tecido humano, afetado pela realidade do conflito armado, direta e indiretamente, permanece numa situação de vivência traumática, situação esta que se repercute na saúde física, mental, emocional e comportamental dos sobreviventes.

Obviamente as pessoas que passaram por situações traumáticas tendem a modificar seus padrões de comportamento na essência e originalidade.

Depois de um acontecimento traumático, a vida não é mais a mesma. As pessoas que vivenciaram um trauma sentem que mudaram substancialmente. Sua identidade, seus afetos e suas reações fisiológicas, a maneira como veem a vida e suas interações com outras pessoas de alguma maneira sofreram total transformação. Não há mais segurança, previsibilidade e confiança (KELLERMANN, 2010, p.23).

Foi com esse olhar direcionado às pessoas que sofrem com os traumas de guerra, particularmente a guerra de Angola, que nos enveredamos pelo caminho do estudo em questão: "Estudo dos efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos em jovens: o impacto da guerra em Angola".

O presente estudo justifica-se tanto pela complexidade da realidade angolana do pós-guerra no que tange às questões psicológicas devido às consequências nefastas que perduram até hoje, quanto pela falta de estudos profundos e adequados para a solução dos dilemas encontrados.

Desse modo, para a construção de nosso trabalho, fazem-se necessárias algumas indagações que abarcam, de forma geral, o tema abordado:

- a) Observar quais experiências traumáticas de guerra os jovens vivenciaram;
- b) Observar como os eventos de guerra afetaram e afetam a vida dos jovens hoje.

São diversas as memórias de acontecimentos do passado que, ainda hoje, fazem eco na vida de muitos. Quando da elaboração do nosso tema de pesquisa, foram surgindo várias ideias de como poderíamos direcionar o estudo. Em contato com algumas pessoas que vivenciaram a guerra e, em diversas situações, voluntariamente, uns se dispuseram a nos contar um pouco de sua experiência em forma de narrativa e por escrito.

A pesquisa está estruturada, além da introdução, em oito capítulos:

O primeiro capítulo faz a descrição de alguns aspectos da realidade angolana, sua situação geográfica, alguns recursos naturais, os antecedentes históricos da independência, a realidade sócio-político-militar durante a guerra e a questão econômica atual.

O segundo capítulo trata dos eventos traumáticos do pós-guerra, nomeadamente dos conflitos armados, das consequências da guerra, à luz de alguns autores, como André Lukamba, Ana Maria Rudge, Noelma Viegas D'Abreu, Sheryl Feinstein e Erik H. Erikson.

O terceiro capítulo aborda a situação traumática e seu impacto, conceituando o trauma e o estresse pós-traumático com base em autores com relevância na área, tais como Bernd Ruf, Daniel Freeman, Eliane Mary de Oliveira Falcone, Gina Ross, Júlio Peres, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), Marcelo Feijó de Mello Matthew Friedman, Peter A. Levine, Perter Felix Kellermanann, Sebastião Abrão Salim e Suzana Pedras.

Levantamos também a produção acadêmica dos últimos cinco anos sobre a problemática em estudo, compreendendo os anos de 2010 a 2016, delimitando as instituições de ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Estadual Paulista (UNESP). Além dessas instituições, pesquisamos também alguns artigos de periódicos do Portal CAPES, BIREME, SCIELO, com o auxílio dos serviços do Google Acadêmico.

O quarto capítulo apresenta os objetivos, geral e específicos.

O quinto capítulo contém o método de pesquisa, local, participantes, instrumentos, procedimentos e os cuidados éticos.

O sexto capítulo faz a análise dos resultados.

O sétimo capítulo enfoca a discussão dos resultados.

O oitavo capítulo tece considerações finais.

2 DESCRIÇÃO DE ALGUNS ASPECTOS DA REALIDADE ANGOLANA

Para a compreensão da realidade angolana, e talvez isso justifique tanto o processo de colonização como as sucessivas guerras, será feita uma breve contextualização de seus espaços, bem como o perfil de alguns de seus recursos naturais.

2.1 Situação geográfica e alguns recursos naturais

A República de Angola é um país que está localizado no Continente Africano, na costa ocidental, banhado pelo Oceano Atlântico. Sua população, embora as opiniões estatísticas mostrem divergências, estimam-se em 19.088.106¹ milhões de habitantes e 25.789.024² milhões de habitantes, de acordo com o censo nacional angolano, realizado em 2014 e atualizado em 2016. A taxa de crescimento da população anual é, em média, de 2,78% e a esperança de vida é, em média, de 55,29 anos³.

O site www.consuladodeangola.org do consulado de Angola, no Brasil, apresenta as principais riquezas do país. Ele é rico em recursos naturais e seu subsolo alberga 35 dos 45 minerais mais importantes do comércio mundial. Entre os mais explorados estão o petróleo, o diamante, e as rochas ornamentais. Neste momento é o quarto maior produtor de diamante em nível mundial. A flora e a fauna oferecem diversos tipos de madeira e animais de espécies raras, tais como o pau ferro/preto e a palanca negra.

O solo e o clima são favoráveis para a agricultura. Angola já foi o terceiro produtor mundial de café. O setor agrícola, as pequenas e médias empresas nacionais e internacionais estão sendo incentivadas para a produção agrícola, a exploração e o investimento em outros recursos, até então não ou pouco aplicados, para criar estabilidade e equilíbrio econômico sustentável. No entanto, muitos

¹ Estimativa atualizada em junho de 2015. Dados obtidos da CIA-The World Fact Book. Informação sobre Angola, registrada nos fatos mundiais, publicada pela Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, em 2015 (tradução nossa).

² Instituto Nacional de Estatística de Angola (INE). Disponível em: <http://www.ine.gov.ao/xportal/xmain?xpid=ine&xpgid=home&xlang=PT>. Acesso em: nov.2016.

³ CIA-The World Fact Book Informação sobre Angola, registrados nos fatos mundiais, publicada pela Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, em 2015 (tradução nossa).

campos não oferecem muita segurança devido às minas colocadas no terreno, no período de guerra.

2.2 Antecedentes históricos da Independência de Angola

A Nação foi colonizada por Portugal do século XV ao XX (1482-1975). Como estratégia de ocupação efetiva territorial, os “portugueses estabeleceram contatos” de amizade com os povos encontrados no local (JÚNIOR, 2015, p.24). Desde os primeiros momentos, fez-se sentir fortemente o processo mercantilista europeu. Com o objetivo fundamental de obterem escravos e recursos naturais, implementavam guerras e manobras militares, que causavam numerosas mortes e muito sofrimento, uma “luta titânica” causando “chacinas” (JÚNIOR, 2015, p.39). Perante a realidade de ações de ocupação, eram frequentes as resistências, permitindo-se uma grande herança de conflitos e revoltas. Estas, por sua vez, perpetuaram-se ao longo dos tempos, sacrificando vidas humanas, violando a dignidade e os direitos inalienáveis do homem.

O processo de descolonização em Angola foi um marco histórico, fruto do surgimento dos “ideais anticolonialistas”. Estes, nos anos 1950, com o intuito de “contestação ao colonialismo” em diversos Congressos, Assembleias Mundiais e Internacionais de resoluções de paz, nas Nações Unidas e nas Organizações Africanas, fomentaram interesses pelo direito de autonomia e de concepção da independência aos países “Afro-Asiáticos” (PUNZA, 2015, p.134).

Como a situação de vida dos angolanos estava se degradando cada vez mais, os “nacionalistas angolanos” criaram organizações políticas de abordagens revolucionárias em prol da independência. Foi nesta confluência que surgiram diversos movimentos de libertação nacional. Apesar do desejo manifesto, a independência de Angola tardou a ser concedida e foi submetida a repressões contínuas. Os angolanos começaram a criar grupos de revolta, fazendo greves e manifestações. Como resposta às contestações, as “autoridades portuguesas” orientaram prisões e ataques violentos em áreas de ocupação, com diversas táticas e bombardeamento pela Força Aérea, o que provocou grandes genocídios, como por exemplo, o ocorrido no dia 4 de janeiro de 1961. Até hoje, esse episódio narrado pelos sobreviventes é recordado com muita dor, mas também com heroísmo. As prisões e os ataques sucessivos provocaram mortos e feridos. As vítimas de toda

ordem eram permanentes, o que deu início à luta armada, em 4 de fevereiro de 1961, considerada como longa e cruel repressão colonial. Nesta altura, deu-se o início da guerra que durou treze anos, fazendo com que muitos, sobretudo jovens estudantes e trabalhadores, se refugassem nos países vizinhos (PUNZA, 2015, p.137). Infelizmente, apostou-se “para o patamar da guerra de guerrilha” com a perspectiva de que ela “era a única via de libertação” de Angola sob a opressão colonial portuguesa (MANUEL, 2015, p. 190-191). Durante o percurso da guerra diversas estratégias foram estabelecidas para o engajamento militar com palavras de ordem dos “Comandantes”, que produziam “um efeito catalizador no seio dos combatentes que acreditavam na luta armada[...], caracterizada por insucessos e sucessos” (FRANCISCO, 2015, p.177-180).

Com a “pressão externa e interna” ante o regime salazarista, surgiu a “Revolução dos Cravos”, em Portugal e, naquele momento, deu-se a queda da ditadura, no dia 25 de Abril de 1974, beneficiando assim “o processo da descolonização”. A partir desse momento, em Angola, viabilizou-se a independência (PUNZA, 2015, p.147).

Com a última assinatura de Cessar-Fogo, em outubro de 1974, chegou-se ao fim das hostilidades, terminando, desse modo, a guerra de libertação e colonial de Angola. Em um período de negociações, Portugal e os três movimentos - (MPLA) Movimento Popular de Libertação de Angola, (UNITA) Unidade Total de Libertação de Angola e (FNLA) Frente Nacional de Libertação de Angola-, quando da Cimeira de Alvor, rubricaram o “Acordo de Alvor”, no qual manifestaram a necessidade de um Governo de Transição e os seus critérios. Acordo este que foi suspenso em agosto de 1975 pelo general Costa Gomes, devido às contrariedades criadas entre os movimentos, o que nada alterou o processo da independência ora em curso, conforme Ramos^b (2015, p.234-236).

Diante das controvérsias entre os movimentos, a situação de guerra foi retomada com os primeiros confrontos em Luanda, no mês de fevereiro de 1975. A “evolução da situação político-militar” foi fruto das “alianças internacionais e do envolvimento das superpotências”. Os interesses econômicos foram colocados acima dos desejos do povo, que suplicava por sua liberdade e independência. Em março do mesmo ano, um quadro histórico de guerra civil repercutiu por todo o país, entre os três movimentos que foram criados em prol da independência nacional,

segundo Ramos^b (2015, p.234-236). Novos eventos tornaram o país um palco de guerra.

2.3 Situação sócio-político-militar de Angola durante a guerra

Os eventos que desencadearam os fatos em evidência circunscreveram-se a partir dos acontecimentos históricos compreendidos entre 1975 e 2002, anos de guerra, período bastante conturbado.

Em 11 de novembro de 1975, às 00h00, foi proclamada a Independência pelo MPLA “na voz do seu Presidente António Agostinho Neto”, o primeiro presidente de Angola. Uma Nação reconhecida pelos “Estados membros da comunidade internacional [...], pela República Federativa do Brasil [...], pelas Nações Unidas e pela Organização de Unidade Africana”, enquanto no Sul e Leste do País, a UNITA e a FNLA, proclamaram a independência da República Democrática de Angola, não reconhecida pela “comunidade internacional”. Com a independência, Angola tornou-se um Estado, cujo presidente da Nação era o presidente do MPLA. No entanto, apesar da proclamação da independência, as ações militares seguiram o seu curso (RAMOS^b, 2015, p.243-244). As outras duas forças transformaram-se em oposição armada, o que veio a agravar a situação em Angola com “ações militares de envergadura considerável” (RAMOS^b, 2015, p. 246-247).

A partir daquele momento, ou seja, de uma guerra civil nacional, com intervenção internacional, Angola veio a se tornar um país configurado em um “palco de luta da região”. As grandes “potências capitalistas do Ocidente e socialistas do leste europeu” mantiveram a sua interferência, conduzindo o país ao caos. Cada movimento foi apoiado por potências estrangeiras: a FNLA teve apoio militar, material de guerra e logístico do Zaire, de mercenários europeus, norte-americanos e portugueses; a UNITA teve ajuda financeira e militar dos Estados Unidos, China, África do Sul; o MPLA beneficiou-se do Congo-Brazzaville, das estruturas aeroportuárias, e do apoio militar soviético e cubano (RAMOS^b, 2015, p. 236-237).

A guerra ocorreu entre militares de diferentes opções políticas, em locais habitados, cidades, aldeias e fora dessas localidades, em transportes públicos e militarizados, para além das bases militares que se foram criando, de acordo com

interesses estratégicos. No entanto, o povo estava no meio disso tudo, na estrutura política, social, econômica e organizacional, sofrendo diretamente as consequências. Contudo, nada justificava essa situação devastadora, por um período tão longo, sacrificando vidas sem preço. Muekalia (2013, p.144) advertiu que “milhões pagaram o derradeiro preço ou passaram por incalculáveis sacrifícios em nome de um país”.

Cada beligerante pretendia a neutralização do adversário e a institucionalização da democracia, a fim de se neutralizarem as políticas totalitárias. A circulação de pessoas e bens eram feitas por colunas militarizadas e com grande risco devido a “grandes quantidades de minas antitanque e antipessoais”. Além disso, algumas eram reforçadas para permitir explosões potentes com o objetivo de provocar efeitos destrutivos e psicológicos de insegurança e medo (GÓMEZ, 2014, p.32-33). As viagens duravam semanas, senão meses, tanto de carro como a pé. Muitas vezes, as populações serviam de escudo para os militares em momentos de combate. Jovens, adolescentes e crianças eram raptados e forçados a se enquadrarem nas fileiras militares muito cedo. Em algumas situações, o transporte do material de guerra e de alimentos era feito pelo povo. As meninas eram abusadas e também forçadas a constituírem família contra a sua própria vontade e, muitas vezes, com diferenças etárias enormes. Famílias inteiras foram mortas, com tiros, queimadas, afogadas, mutiladas, de todos os modos atrozos que se possa imaginar. Diante dessas experiências vividas de modo singular, Muekalia (2013, p.11-12), no preâmbulo de seu livro, elucida: “fomos, e continuamos a ser, actores e vítimas de um sonho por realizar; uma Angola [...] uma Nação [...], povo, em nome do qual, tanto suor, lágrimas e sangue se derramaram”.

Outras tragédias foram surgindo na medida em que as ofensivas ocorriam, como por exemplo, separação de famílias, raptos sucessivos, fugas sem destino e detonação de minas, causando enormes estragos. Algumas vezes, estratégica e disfarçadamente, as minas foram enterradas no meio da vegetação, por onde era comum a circulação de pessoas (GÓMEZ, 2014, p.33).

A deflagração dessa situação contribuiu inclusive para o aumento do número de refugiados, mutilados, órfãos, mortos, paralisando o país, além de provocar consequências nefastas de forma generalizada. Nesse sentido, Muekalia (2013, p.11) declara que “a Guerra afetou, com menor ou maior intensidade, todas as famílias angolanas”.

Ainda de acordo com Ghali (1993), apud Lukamba (2012, p.138), esta foi “uma guerra inédita que tudo condicionou, se supõe a mais trágica guerra do mundo, o conflito mais sangrento do mundo”. Estima-se que mais de mil angolanos morriam por dia, durante o tempo do conflito, e que esse número duplicou entre os anos 1998-1999, período este configurado como o mais intensivo de guerra. Foram mais de 1,5 milhão de mortes, um número incalculável de mutilados, entre eles, militares, civis (homens, mulheres e crianças), e aproximadamente 4 milhões de refugiados que se mudaram para diversos países. As perdas foram enormes durante mais de um quarto de século de luta armada, o que reduziu significativamente o índice populacional de acordo Ngonda (2016), em entrevista concedida ao Jornal de Angola (JA)⁴.

Diante das diversas tragédias advindas dessa guerra, muitos acordos de ajuda foram sendo rubricados com diversos países do mundo, no campo diplomático, econômico e de cooperação, visando tanto o material bélico, que tornava o país mais sangrento, com um cenário de guerra intenso (RAMOS^b, 2015, p.248-252; MUEKALIA, 2013, p.189), como uma ajuda social e humanitária, efetivada pelas Organizações Não Governamentais (ONGs). Evidentemente, alguns apoios objetivavam os interesses econômicos do potencial do país, sobretudo o petróleo e o diamante.

Carvalho faz menção que a guerra em Angola sempre foi fomentada a partir do estrangeiro, com pessoas a serviço dos interesses estrangeiros. Em sua opinião, às novas gerações deve ser transmitida e preservada a memória social dos acontecimentos históricos que Angola conheceu, para que se evite a sua repetição (CARVALHO, 2013).

Durante o longo processo de guerra, que perdurou 27 anos, sobretudo a partir de 1990, surgiram vários momentos de negociação de paz, tréguas, acordos, sanções, ajuda humanitária, em nível nacional e internacional, de países amigos e vizinhos, da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização da Unidade Africana (OUA). No entanto, apesar dos esforços empreendidos na busca de soluções eficazes para o término do conflito, esses acordos não surtiram efeitos consideráveis (MUEKALIA, 2013, p.267).

⁴ NGONDA, Lucas. Disponível em: <<http://muanadamba.over-blog.com/2016/06/lucas-ngonda-o-momento-e-de-unidade-para-tirar-o-pais-da-crise.html>>. Acesso em: 29 out. 2016.

Em 2000, intensificou-se a guerra e uma das forças estava mais enfraquecida pelas sanções internacionais, dado que havia escassez de meios, deserções e capturas militares. Muekalia (2013, p.320) considerou este momento como o “início de um dos períodos mais difíceis da história do Partido”. Os ataques foram se desenrolando sucessivamente, as mortes e destruições eram sem fim; o país estava reduzido a um quadro sombrio inédito. Esta situação alastrou-se até fevereiro de 2002, em que se registrou a saturação do poder militar, físico, moral e psicológico.

Em abril de 2002, foi restaurada uma nova era. Surgiu a paz quando menos se esperava. Muitos ficaram céticos, parecia um milagre caído do céu. Levou um bom tempo para acreditar que os angolanos da frente de combate haviam tomado consciência da situação caótica que se vivia há anos. Nessa altura, foi possível aos militares de ambos os partidos políticos sentarem-se à mesa de negociações, decretando o cessar-fogo, em todo o território nacional. A partir desse momento, instaurou-se o projeto de reconciliação nacional para o qual todas as forças vivas da nação foram chamadas a contribuir com muito afinco. O processo tem sido possível, mas ao mesmo tempo lento e complexo, devido à experiência de ódio vivenciada pelas pessoas ao longo da guerra. Segundo D’Abreu (2015, p.7):

Todos temos histórias de dor, de mágoas, de sofrimento, mas todos podemos e devemos procurar olhar em frente e viver melhor, ser mais felizes. No fundo, a única razão pela qual estamos aqui, na vida, é para sermos felizes. Eu acredito, seriamente, na transformação e na melhoria através da psicoterapia e do caminho do autoconhecimento, do melhor controlo das emoções e da melhor identificação de sinais que não nos fazem bem nem a nós nem aos nossos, nem aos outros que interagem conosco.

Tem sido uma necessidade importantíssima do processo de reconciliação e apaziguamento dos corações e das consciências dado o grande período em que ocorreu a guerra. A pacificação não é um processo que se realize em um curto espaço de tempo, não é possível reconstruir em pouco tempo o que foi destruído em 27 anos (CARVALHO, 2013).

O mesmo autor, na sua reflexão sociológica, também propõe que, após o término da guerra e o calar das armas, seria indispensável atuar em duas dimensões. A primeira vertente seria a reconciliação nacional para aproximar as partes beligerantes, uma vez que o processo dentro dos limites tem conhecido momentos de avanços e recuos. A segunda dimensão, e a mais complexa, seria desenvolver um trabalho direto com as pessoas, as famílias, a população das

diversas comunidades sofridas e que trazem nas suas vidas experiências traumáticas, dizendo que nada mudaria em suas vidas caso não ressignificassem as suas experiências. O autor confirma que morreu muita gente e que não estaria longe da verdade afirmar que cada família estendida angolana sentiu diretamente os efeitos da guerra e que seria preciso implementar com urgência um trabalho sobre o trauma com pessoas vítimas de guerra (CARVALHO, 2013).

Carvalho diz que houve, de certo modo, uma preocupação com os traumas físicos e sensoriais, mas não uma preocupação com os traumas de natureza psicológica. Salienta que esta deveria ser a preocupação não só do governo, mas principalmente da sociedade civil. Questiona a associação dos psicólogos sobre o que tem feito. Faz referência a apenas um ou dois psicólogos que estão atuando, e de modo individual. Apela para que a sociedade se organize e que os profissionais associados saibam cumprir com o seu papel. Com veemência aponta para a efetivação urgente de ações que visem ultrapassar situações que atingem crianças, jovens e idosos hoje, pois, depois da guerra, deveria ter sido feita uma avaliação do resultado de traumas para que estes pudessem ser atenuados e para que as pessoas tivessem uma existência a mais íntegra possível (CARVALHO, 2013).

Diante do que a guerra deixou como herança, dor, mágoas e sofrimento profundo na vida dos angolanos, há a necessidade de um olhar clínico mais diferenciado. Pelo impacto vivenciado é importante criar um espaço de representação simbólica do evento traumático através de diversas formas de psicoterapia. Na sociedade angolana, obviamente não é ainda uma práxis nem uma prioridade no contexto da saúde pública, a intervenção e o acompanhamento psicológico e psiquiátrico. Por outro lado, existe também um viés bastante preconceituoso em termos culturais na procura do serviço.

2.4 Situação econômica atual

Com o advento da paz, a sociedade, quanto às infraestruturas, está se reorganizando gradativamente. Com a paz, Angola tem conhecido outros momentos que, graças à sua efetivação, têm possibilitado a reflexão sobre vertentes que elevam o nível de vida, o desenvolvimento social e o exercício democrático. Muitos angolanos puderam sair da situação de penúria em que se encontravam. Com a

restauração dos momentos de paz a expectativa de vida em Angola aumentou de 40 para 51 anos (CARVALHO, 2013).

Contudo, o processo ocorre lentamente, e talvez essa lentidão decorra da falta de consciência no que concerne à justiça social e aos parâmetros mais igualitários entre os cidadãos.

Nesse sentido, além de o país não ter se reconstruído das consequências da guerra, vive um processo de corrupção generalizada, em que se acentuam, cada vez mais, as desigualdades sociais. Já em 2008, conforme indicadores estatísticos do Banco Mundial, 37% da população estava abaixo do limiar de pobreza, índice este que vem aumentando.

Em uma entrevista concedida à Sociedade Independente de Comunicação (SIC) pelo Chefe de Estado Angolano no dia 10 de junho de 2013⁵, o mesmo destacou a questão da pobreza como uma das grandes preocupações do país e informou que cerca de 35% a 36% da população é pobre. Os programas de “combate às assimetrias” para a redução das “desigualdades” entre ricos e pobres estavam sendo implementados, considerando-as também como uma herança pesada do período colonial. Em relação ao fenômeno da corrupção, manifestou incerteza de um dia ser possível ultrapassá-lo, mas apontou esforços e estratégias para a sua redução, com combate e responsabilização dos atores nos termos da lei, de modo que todo cidadão respeite o “Patrimônio do Estado”.

Com a crise econômico-financeira instalada no país, à qual a nota pastoral da Conferência Eclesiástica de Angola, São Tomé e Príncipe (CEAST) se refere como sendo fruto da “corrupção generalizada”, e com a queda significativa do petróleo no nível mundial, a população angolana está vivendo mais um de seus momentos catastróficos. Sente-se, de modo geral, que a situação do país, em todos os setores, vive momentos sombrios, “dado o percurso histórico, sócio-político, cultural e econômico ainda enfermo” (CEAST, 2016, p.2).

⁵ Entrevista do Chefe de Estado Angolano à SIC (2013). Disponível em: <http://jornaldeangola.sapo.ao/entrevista/entrevista_na_integra_do_chefe_de_estado_a_sic>. Acesso em: 10 out. 2016.

Desse modo, os princípios da Lei Constitucional angolana, no artigo nº 90, sobre a justiça social (2010)⁶, não estão em sua plena execução, visto que o desenvolvimento social apresenta enormes insuficiências.

É evidente que os recursos nem sempre servem aos interesses elementares da maioria dos angolanos. Os ricos, que se configuram como a minoria do país, tornam-se cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, por má gestão dos bens públicos. Toda essa problemática intensificou ainda mais a herança de sofrimento perpetrada pela situação de guerra. Deste modo, surgem revoltas, descontentamentos e algumas manifestações atípicas, revelando experiências angustiantes e ressentimentos.

⁶ ARTIGO 90 (Justiça social), 2010. O Estado promove o desenvolvimento social através de:
a) Adopção de critérios de redistribuição da riqueza que privilegiem os cidadãos e em particular os extractos sociais mais vulneráveis e carenciados da sociedade;
b) Promoção da Justiça social, enquanto incumbência do Estado, através de uma política fiscal que assegure a justiça, a equidade e a solidariedade em todos os domínios da vida nacional.

3 DESCRIÇÃO DE EVENTOS TRAUMÁTICOS DO PÓS-GUERRA

3.1 As consequências da vivência da guerra em Angola

A guerra tem grande poder devastador, fazendo com que a humanidade mergulhe cada vez mais em um caos sem precedentes.

Em uma entrevista concedida à Rede Angola (RA) pela psicóloga Noelma Viegas d'Abreu, no dia 20 de março de 2015, por ocasião do lançamento do seu primeiro livro, "Entre Sonhos e Delírios", a mesma relata que, como Angola vivenciou muito tempo de guerra, o *stress* pós-traumático e a situação pós-guerra deveriam ser bastante explorados, assim como ocorre em outros países, principalmente depois de um acontecimento ou de fatores violentos, independentemente de sua natureza. Em Angola, todas as pessoas foram atingidas pelo conflito de modo direto ou indireto e expostas a diversos tipos de agressões, o que afetou significativamente a sociedade em geral. Segundo D'Abreu (2015):

A guerra afeta diretamente as pessoas que viram e vivenciaram situações reais de confronto, mas também aquelas que foram atingidas de forma simbólica, ou indireta, pela tomada de conhecimento. Por outro lado, a perda, a morte, os lutos, as deslocamentos das famílias, o empobrecimento, as deficiências resultantes das minas e outras armas, a falta de estruturação das famílias pela deslocação de umas para lugares distantes de outras e a individualização de muitas para sobreviverem, todos estes fatores interferem indubitavelmente com a vida dos angolanos⁷.

Conhecido e vivenciado o longo período de guerra, as suas consequências são visíveis e preocupantes, fatores estes que, como pesquisadores, nos inquietam. Esses fatos parecem estar presentes na memória de muitos angolanos de modo silencioso e recalcado, os quais parecem às vezes limitar as relações sociais, o enfrentamento da vida e, sobretudo, a própria identidade como cidadão de uma nação soberana. Foi observada certa apatia na participação daquilo que possa ser favorável à vida como uma conquista no dia a dia, certo desinteresse pelo bem pessoal e comum, além de um individualismo negligente e de uma desestruturação familiar. Os valores essenciais, tais como solidariedade, respeito e dignidade, que eram marcas características do povo angolano, inverteram-se. Registraram-se

⁷ Disponível em: <<http://www.redeangola.info/especiais/a-unica-razao-pela-qual-estamos-aqui-na-vida-e-para-sermos-felizes/#.VVYwYnFKpoM.facebook/>>. Acesso em: 21 out. 2016.

situações anômalas de indiferença, intolerância, revolta e perda de fé em um futuro melhor. Vale citar alguns detalhes e propostas da Conferência Episcopal de Angola, São Tomé e Príncipe (CEAST 2016, p.3) aludindo à mudança de vida e de mentalidade.

Os acontecimentos de guerra foram vivenciados em situações diversas e como experiências únicas. Diante disso, cada um reagiu de acordo com as defesas e recursos psicológicos que estavam ao seu alcance. As trágicas exposições pelas quais a grande maioria de angolanos passou fizeram com que as suas defesas naturais fossem transgredidas. Em alguns, aparentemente, não houve graves danos, contudo, em outros, nota-se condições de caráter psicológico.

D'Abreu (2015), ao fazer uma retrospectiva do que foi o tempo de guerra e suas consequências em Angola, aponta algumas soluções para que se possa estabelecer o equilíbrio da situação traumática pós-guerra:

Estamos [...] a falar de trauma pós-guerra e este precisa ser superado com base no equilíbrio e tranquilidade familiar, no suporte, no amor, no apoio das famílias, mas também com muita ajuda psicoterapêutica. Muitas situações exigem tratamento psicológico ou psiquiátrico, pois algumas pessoas revelam sérios sintomas de delírios e alucinações, perda de contato com a realidade e, nestes casos, estamos a falar de sintomas psicóticos que só com tratamentos com medicação e psicoterapia é possível viver melhor (D'ABREU, 2015)⁸.

Essa problemática provocou muitas consequências, como por exemplo, um índice assustador de diversas epidemias, mortes por falta de alimentação básica e de medicamentos. Assiste-se também a um grande número de crianças na rua e de rua, aumentando a delinquência infanto-juvenil, nunca vista antes.

Outro elemento a se considerar ante a realidade sofrida dos adolescentes, jovens e adultos, é o índice de população analfabeta, sobretudo referente à população feminina. São vários os fatores subjacentes ao sistema “apesar do esforço da alfabetização” (LUKAMBA, 2012, p.139).

Angola herdou um sistema educativo colonial bastante seletivo de desigualdade. Durante os vários séculos que caracterizou a colonização, as poucas instituições de ensino estatais que existiam, pouco ou quase nada beneficiaram os nativos angolanos e nem sempre a distribuição foi de modo equitativo. A maioria da

⁸ Disponível em: <<http://www.redeangola.info/especiais/a-unica-razao-pela-qual-estamos-aqui-na-vida-e-para-sermos-felizes/#.VVywYnFKpoM.facebook>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

população não teve acesso ao ensino, o que produziu um estado de analfabetismo incalculável. Até 1975, apenas 5% da população estava alfabetizada. Foi a partir de 1976, logo após a independência, que o governo definiu a política concreta de expandir a educação para todo país, a fim de ser corrigido o sistema (OLIVEIRA, 2011).

Mesmo em período de guerra, houve um grande desempenho de todas as forças vivas da sociedade para o relançamento do processo ensino-aprendizagem. Diversos projetos, como a “Lei do Sistema da Educação”, foram sendo implementados, de acordo com as circunstâncias vividas no país. Nesta perspectiva, em 2001, período de intensa efervescência, novas políticas e estratégias no setor da Educação foram propostas através da “Lei de Bases do Sistema da Educação, lei nº 13/01 de 31 de dezembro”, visando a educação para todos de 2001-2015⁹. Depois de um longo processo de implementação, foi atualizada pela proposta de “Lei de Bases do Sistema de Educação, Lei nº 17 de agosto de 2016”, com dimensões importantes e urgentes para a realidade do País, com o propósito de uma gradual ampliação da educação obrigatória e gratuita da classe de iniciação ao 1º ciclo do ensino secundário, Lei aprovada pela Assembleia dos deputados, em 11 de agosto de 2016¹⁰.

No entanto, apesar desta realidade, o processo educativo em Angola ainda passa por situações bastante desafiadoras, como consequências do sistema colonial, da guerra e da pobreza. Segundo Rodrigues, 29% de crianças em Angola, para ter acesso à escola, precisam caminhar mais de 2 km todos os dias. 26% das crianças com idade entre 6 e 9 anos nunca frequentaram a escola (RODRIGUES, 2012).

Face à realidade da população feminina, hoje, na sociedade angolana, existem ainda diferenças na sua inserção social, política, econômica e cultural.

No meio urbano, pela autonomia e mérito próprio, a mulher tem conquistado o seu espaço. Paulatinamente tem contribuído para o seu reconhecimento social, o que favorece a expressão da igualdade de gênero. Contribui significativamente na esfera política e econômica. Portanto, tem espaço e o mesmo é bem definido. O

⁹ ASSEMBLEIA NACIONAL - Lei de Bases do Sistema de Educação / Diário da Republica LEI Nº 13/01 de 31 de dezembro. Luanda.

¹⁰ ASSEMBLEIA NACIONAL - Lei de Bases do Sistema de Educação / Diário da Republica, LEI Nº 17/16 de 11 de agosto, Luanda.

processo de escolarização é considerado como um fator importante para sua afirmação social, emancipação e dignidade.

Culturalmente, no meio rural, a mulher tem outro protagonismo. Não há preocupação com a sua escolarização, sobretudo depois do ensino primário. É imposta pela sociedade a participar de outras funções da comunidade, provendo o bem da família, através do cuidado da casa, a preparação para a função esponsal e matrimonial (SILVA E CARVALHO, 2009).

Refletindo sobre a situação atual do jovem angolano, alguns autores partilham algumas constatações.

Oliveira (2011) diz que, embora terminada a guerra, os efeitos continuam a incidir sobre a realidade dos jovens. As oportunidades são várias e também os desafios do acesso à educação e ao mercado de trabalho estão condicionados, devido às poucas habilidades que os jovens apresentam, sobretudo os que não tiveram possibilidades de formação, quer por falta de condições econômicas, quer pela conjuntura social e política recorrentes da guerra. Portanto, devido à perplexidade e à celeridade na transformação da sociedade atual, é urgente criar debates e estudos mais aprofundados sobre o comportamento, identidade e atitudes dos jovens angolanos.

De acordo com essa constatação, Carvalho (2013) diz que os efeitos que os marcaram durante os 27 anos de guerra, ainda hoje regulam a realidade dos jovens, pelas infraestruturas destruídas, perdas, diversos tipos de sofrimento, desagregação familiar ligada à questão migratória de áreas rurais para urbanas, assim como de Angola para o Exterior. Aqueles que partiram para o exterior, por motivos de segurança ou por possuírem melhores condições de vida social e econômica, qualificaram-se e estão em posição privilegiada, porque conseguiram empregos excelentes e com ótima remuneração, o que facilitou a sua realização e integração em termos de dignidade humana.

Salienta também que as condições da maioria dos jovens angolanos continuavam bastante precárias, dado que a população angolana é majoritariamente jovem. Por um lado, os jovens são a força produtiva e inovadora com garantia do desenvolvimento sustentável do País. Por outro, a situação constitui um grande desafio consubstanciado às dificuldades de acesso à educação e ao emprego que legitimam as desigualdades sociais atuais, que se reproduzem como uma bola de neve, porque a falta de qualificação e formação condiciona o futuro destes jovens.

Apontou também a guerra civil e o serviço militar obrigatório como situações difíceis. Hoje, os jovens estão desmobilizados e muitos deles têm alguma deficiência física. Ao voltarem para as suas famílias e para a sociedade, vivenciam muitos desafios, pois o nível de qualificação acadêmico e profissional não se enquadra nas ofertas e exigências da sociedade. Em muitas situações, os benefícios remuneratórios do serviço militar prestado não são suficientes para suas necessidades reais. Como alternativa, buscam meios informais e muitas vezes ilícitos e difíceis de ser rompidos (CARVALHO, 2013).

Portanto, o índice de desemprego é bastante alto, o que propicia o comércio ambulante, não muito bem-sucedido. Muitas práticas ilícitas são frequentes, como o consumo de álcool e drogas, que têm altos indicadores. Os atos de criminalidade de diversas naturezas são perpetrados, sobretudo nas grandes cidades, tanto na calada da noite como à luz do dia. Os suicídios ganham proporções alarmantes, sobretudo entre jovens/adultos.

A prostituição é inclusive um meio muito utilizado entre adolescentes e jovens como garantia de melhores condições de vida, principalmente para as meninas. Um conjunto de situações se desencadeia diante de uma prática de risco para a saúde, propagando-se assim, cada vez mais, o vírus HIV/AIDS. Em 2012, a estimativa era de 248.800 pessoas infetadas, cerca de 12.600 teriam morrido, colocando Angola em 23º lugar em relação aos demais países do mundo¹¹. A desestruturação da família angolana criou um estado de vida bastante precário em termos de valores humanos. Muitas crianças cresceram em ambiente conturbado, sem uma orientação adequada. O processo de iniciação para a vida não aconteceu de modo a respeitar os critérios das etapas do desenvolvimento humano, tanto em termos culturais, sociais, psicológicos e afetivos.

Segundo Erikson (2006), o desenvolvimento humano se processa dentro de oito forças básicas da vida, que são: esperança, vontade, propósito, competências, fidelidade, amor, cuidado e sabedoria. A população do presente estudo está configurada no ciclo da fidelidade e do amor, que são a adolescência e a idade adulta jovem. Num contexto normal, pressupõe-se que estes já tenham integrado as fases anteriores.

¹¹ Dados obtidos da CIA-The World World Fact Book. Atualizados em 2015

Neste período, estão presentes as crises de identidade versus confusão, e intimidade versus isolamento. Os estágios e modos psicosssexuais são a puberdade e a genitalidade. Nas relações significativas, estabelecem-se grupos de iguais e outros grupos, buscando os modelos de liderança. Desta forma, permeiam-se os parceiros de amizade, sexo, competição e cooperação; as antipatias previstas são o repúdio e a exclusividade, mundo ideológico dentro de padrões competitivos e cooperativos do princípio de ordem social (ERIKSON, 2006 p.32-33). Porém, os jovens integrantes de nosso estudo nasceram no período de intensa guerra. Esta situação fez com que nem todos os pais, tutores e agentes sociais tivessem oportunidade de partilhar com eles os requisitos para uma boa sanidade moral, psíquica, afetiva, emocional e intelectual, porque todas as atenções estavam mais voltadas para a guerra, de acordo com o que muitas vezes ouvi dos adultos: “no tempo da guerra não se limpa a arma”.

O princípio de desenvolvimento humano, segundo Erikson, requer integração e sequência ao longo do ciclo da vida, como garantia de equilíbrio e harmonia do indivíduo. Na adolescência, o processo da identidade e confiança são marcos essenciais que se consolidam paulatinamente no equilíbrio integrativo pessoal, com os outros e com o mundo que o envolve. A identidade e a confiança se configuram do enriquecimento de etapas anteriores que envolvem uma certa trajetória de autenticidade, de superações e de prévios conflitos necessários (Erikson, p.63).

Quando a pessoa dentro da sua realidade for conduzida a vivenciar, com equilíbrio, as etapas anteriores da sua vida, mais facilmente se adaptará às situações reais, porque amadurecem as suas livres escolhas ante a “impulsividade obstinada com a compulsividade submissa”, alternadas quando criança. A sua identidade enriquece-se na sinergia dos momentos da dependência da “vontade dos outros” e da independência à mercê dos “seus impulsos rebeldes”, e o processo se fortalece para as etapas subsequentes (Erikson, p. 67). “O ser humano, desde cedo, deve tentar desejar aquilo que pode ser, renunciar [...] àquilo que não pode ser e acreditar que desejou o que é inevitável por necessidade e lei” (Erikson, p.68).

As condições e circunstâncias dos jovens hoje estão associadas às consequências da guerra que foram forçados a viver. Embora esta situação não tenha sido gerada por eles, cada um precisa retomar a vida com sentido e significado e não como meros sobreviventes. De acordo com a perspectiva de Erikson, a compreensão do círculo da vida da pessoa não se dissocia da realidade

contextual, onde ela se desenvolve. “O indivíduo e a sociedade estão intrincadamente entrelaçados, dinamicamente inter-relacionados em contínuo intercâmbio” (Erikson, p.96).

Portanto, são diversos os desafios desses jovens que veem os seus projetos cada vez mais adiados. Existem promessas e boas intenções de soluções governamentais e da sociedade civil, mas que tardam na sua implementação.

4 A SITUAÇÃO TRAUMÁTICA E SEU IMPACTO

Dado que a abordagem do trauma em diversas perspectivas é de suma importância, ameaçando grande parte da população mundial, existe um profundo interesse em descrever seus efeitos psicológicos decorrentes de eventos de guerra, a fim de despertar a sociedade angolana para a tomada de consciência da real situação, objetivando a criação de estratégias de intervenção para a recuperação desses traumas.

Para a compreensão dos efeitos psicológicos de impactos traumáticos serão apresentadas algumas perspectivas conceituais e abordagens inerentes à problemática em discussão.

4.1 O Trauma

Quando acontece algum desajuste emocional e comportamental durante o processo do desenvolvimento, pode haver prejuízo nas etapas seguintes da vida.

De acordo com Feinstein (2011, p.116), uma experiência traumática pode produzir sentimentos muito dolorosos e o indivíduo procura adotar mecanismos defensivos para se proteger contra as recorrências que podem acontecer de modo “consciente ou inconsciente”. Dada a sua capacidade cerebral, o ser humano detecta as ameaças físicas e psíquicas e as informações favoráveis ou adversas.

Quando experiências emocionais intensamente dolorosas acontecem na infância, as crianças podem ser afetadas para a vida futura devido à sua plasticidade cerebral não preparada para enfrentar experiências traumatizantes. O processo de fuga e luta numa atitude defensiva pode conduzir à situação de risco (FEINSTEIN, 2011, p.117).

Corroboramos com Matta (2015) quando ela faz menção sobre as consequências advindas do trauma na infância e quanto à sua repercussão na vida adulta. Para tal, a autora salienta que são fundamentais as precauções da exposição de crianças a eventos traumáticos e que é importante a intervenção precoce para a prevenção dos efeitos nocivos do trauma.

O cérebro humano está preparado para encontrar algum sentido no caos e na confusão. Deste modo, é preciso que em tempo útil o jovem possa encontrar a orientação necessária que o ajude a “atribuir um significado aos acontecimentos”.

Assim, diante da lógica do seu sentir e pensar ele pode aprender a lidar com a vida e com os problemas que o afetam, desenvolvendo estratégias duradouras e eficazes (FEINSTEIN, 2011, p.123).

Para Salim (2012), a experiência traumática é capaz de promover uma ameaça de ruptura da superfície sensorial ferida. O autor ressalta que a palavra “trauma” em grego significa “ferida”. Diante de uma experiência traumática, o sofrimento que envolve a pessoa pode ser tão grande que ela busca a defesa a fim de se preservar e se auto-apaziguar para que a cicatrização do ferimento aconteça “na superfície sensorial” (SALIM, 2012, p.51-52).

Maté (2012), na apresentação do livro “Uma voz sem palavras” de Peter A. Levine (2012, p.14), elucida que: “o trauma ocorre quando somos incapazes de libertar energias bloqueadas, de nos mover de forma plena pelas reações físicas/emocionais à experiência dolorosa”. A pessoa envolvida em situação traumática fica aprisionada, vivencia uma experiência de intensa ativação fisiológica, sem possibilidade de expressar e ultrapassar esses estados de ameaça.

Para Ross (2014, p.22-24): “[...] o trauma é uma experiência de sobrecarga sobre a qual sentimos não ter nenhum controle [...]”. O autor considera o trauma como um acontecimento que desafia e subjuga a capacidade humana ante qualquer ação: tanto o corpo como a mente ficam limitados e sem equilíbrio. Ele define três tipos traumáticos: o “trauma de choque”, o “trauma de desenvolvimento”, e o “transtorno de estresse pós-traumático”.

Para Levine (2012, p.42), “[...] o trauma é algo que também acontece no corpo”. O indivíduo traumatizado fica paralisado de medo, toma um susto, podendo apresentar desmaios e sentir em si e sobre si uma grande fragilidade. “[...] o trauma devasta a vida”. O autor compreende o trauma como um ferimento e não como um distúrbio. “[...] o ferimento de estresse pós-traumático é uma ferida emocional, maleável à atenção e à transformação curativas”. Nesta compreensão, não é possível usar paradigmaticamente na cura do trauma a mesma intervenção curativa para as situações de câncer e outras doenças, pois segundo Levine “[...] o trauma é [...] uma experiência profunda”, em que a pessoa se sente desconfortada. “O trauma é um fato da vida” que precisa ser superado (LEVINE 2012, p.44-47).

Peres (2014, p.1) aborda o trauma como a transgressão das “defesas psicológicas naturais”. O trauma é vivenciado no corpo e as suas evidências são psicossomáticas. O trauma tem características devastadoras na vida das pessoas,

carrega experiências de pavor, insegurança, desconfiança, acusações mútuas, agressão, violência, medo paralisante, congelamento, ferimento e perda. O indivíduo, muitas vezes, é acometido por ansiedade, medo, dissociação, depressão, isolamento, vitimização e choques traumáticos como formas ameaçadoras que o devastam e imobilizam de modo involuntário. O autor sugere inclusive que as políticas públicas deveriam promover estratégias para prevenir os efeitos decorrentes de eventos traumáticos.

Para Costa et al. (2016), o sofrimento traumático dificulta o processo de comunicação da experiência dada a impossibilidade de simbolizar a vivência devido à magnitude do acontecimento. O sujeito, ao vivenciar acontecimentos intensos devido aos seus efeitos mórbidos, fica impossibilitado de reagir de modo adequado porque se registram lacunas na memória que bloqueiam a organização psíquica. Portanto, é uma força energética extremamente excessiva e intolerante que incide sobre o sujeito de modo que ele perde a capacidade de dominar e elaborar a força que envolve o seu aparelho psíquico, diante dos limites da situação considerada violenta.

Ainda segundo os autores, o trauma, face ao acontecimento histórico, afeta a autoconservação e a autopreservação de uma pessoa dentro da sua realidade individual e da sua comunidade. Os eventos traumáticos provocados por situações ameaçadoras à vida, como a guerra e violências, afetam o funcionamento psíquico e causam consequências inomináveis, tornando difícil sua simbolização. Desta forma, uma intervenção terapêutica eficiente para a reconstrução do processo da desorganização psíquica é imprescindível, Costa et al. (2016).

Segundo Rudge (2009), o “trauma não pode ser caracterizado exclusivamente pelo acontecimento”. Neste aspecto, deve-se levar em conta a estrutura psíquica, na qual é construído o evento traumático devido à unicidade e à singularidade da organização psíquica de cada indivíduo. Portanto, é relevante frisar a ideia de que o trauma é “[...] o impacto de um acontecimento sobre um psiquismo singular, e o solo construído pela história passada do sujeito”. É o sujeito que atribui o significado que determinado acontecimento tem para si (RUDGE, 2009, p.43).

A trágica situação de guerra vivenciada em Angola foi sobreposta a um passado drástico e humilhante de escravatura, dominação e colonização de cinco séculos. Os angolanos são um povo que vivenciou grandes conflitos sociais, políticos, culturais, éticos, morais e psicológicos ao longo da sua história. Podemos

observar consequências impressas na memória implícita, silenciosas e recalçadas do povo em geral, do qual são extraídos os sujeitos para a pesquisa. Estão vivas as feridas físicas, emocionais e as experiências dolorosas de um povo que resultam em atitudes de desinteresse, indiferenças, revoltas, medo, e ações descontroladas em algumas situações. Diante da evidência de choques passados e da falta de intervenção, preocupa-nos a falta de ações terapêuticas em prol da superação.

Friedman (2009, p.14), ao fazer referência à exposição a eventos traumáticos nos países em conflito e em diversas situações em que prevalece o trauma, aponta os efeitos psicológicos e físicos do trauma como uma questão desafiante de saúde pública, para o mundo. Enfatiza a aplicabilidade de formas de prevenção para as vítimas, tanto crianças como adultos. Friedman (2009, p.19), de modo incisivo, relata que “o trauma ocorre não apenas devido à exposição a eventos catastróficos; depende também da resposta emocional do indivíduo exposto a tal evento”.

As situações traumáticas não são acontecimentos comuns e suas consequências dependem de características individuais. (FALCONE & OLIVEIRA, 2013).

Desta forma, o mesmo evento traumático pode provocar diferentes reações, dependendo de traços de personalidade. Os fatores e a forma como cada um processa a informação são determinantes na configuração ou não da reação à situação traumática. (PERES, 2014, p.12).

No trauma psicológico se evidencia a memória traumática, através de experiências ocorridas e de episódios traumáticos, que podem afetar a qualidade de vida do sujeito, estabelecendo uma estreita relação entre o trauma psicológico e o TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático), que abordaremos em seguida.

4.2. Estresse pós-traumático e seu desencadeamento

Segundo Freeman & Freeman (2014, p.22-23):

[...] a ansiedade é a emoção que sentimos quando não podemos, ou não sabemos, como tomar uma atitude para lidar com uma ameaça. É estado de ânimo e uma “emoção”. Os eventos traumáticos, de acordo com a experiência de cada indivíduo, são percebidos como um momento “peculiar”. E que quando “massivos”, esses eventos podem se confirmar no “processamento” de “episódios potencialmente estressores.

Em relação à prevalência do TEPT, Friedman (2009, p.14) reconhece de modo significativo o grande avanço de pesquisas que tornam evidente o estresse decorrente de catástrofes e de eventos traumáticos como uma questão de saúde pública. Relatos de estudos feitos com os veteranos da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, mostram dados em que o TEPT pode durar mais de 50 anos e até mesmo a vida inteira, quando as vítimas não são tratadas; o mesmo pode acontecer com angolanos, indivíduos com sintomas de TEPT que, por terem vivido episódios profundamente dolorosos, ao longo de três décadas de guerra, e por terem passado anos sofrendo hostilidades, precisariam de um tratamento clínico para a superação de seus traumas.

Quanto ao TEPT, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o critério A, de um modo geral, se aplica à nossa pesquisa porque o universo populacional do qual extraímos a amostra para a pesquisa vivenciou uma guerra na qual “a exposição a um episódio concreto ou ameaça de morte, lesão grave [...]” pessoal, das suas famílias, amigos, conhecidos e amigos, era frequente, correspondendo a:

1. Vivenciar diretamente o evento traumático;
2. Testemunhar pessoalmente o evento traumático;
3. Saber que o evento traumático ocorreu com familiar ou amigo próximo [...];
4. Ser exposto de forma repetida ou extrema a detalhes aversivos do evento traumático [...] (DSM-5, p.271).

Muekalia (2014), ao descrever suas experiências em tempo de guerra, diz que passou por momentos muito difíceis de fome e sede. Caminhavam longos dias sem beber água e para refrescar um pouco a língua colocavam “pepsodent”, uma pasta de dente. Ficavam tão debilitados que, tanto a população como os militares, morriam desidratados. Exemplificando, o autor relata que os soldados “[...] caíam ao chão e morriam. Não havia nada que pudéssemos fazer, exceto cobrir os corpos com ramos de árvores e pegar suas armas [...]”. Evidentemente, não há quem possa resistir diante de uma situação tão trágica. Outro diz “[...] eu estava muito traumatizada, assustada e confusa por ver gente morrer daquela forma, de um momento para o outro”. Aludindo aos soldados que eram atingidos na frente de combate e que não morriam “[...] vi soldados perderem ambas as pernas, ou braços [...]”, os seus rostos estavam “completamente desfigurados, [...] com 60 a 80% do corpo completamente queimado por bombas de napalm”. E, por outro lado, diz que

viu ferimentos inimagináveis, em que os soldados agonizavam de “dores excruciantes” em que seus semblantes se transformavam numa tristeza sem igual, “aquela metamorfose emocional partiu-me o coração”, sobretudo, quando lhes era anunciado, apesar da dor, a amputação de seus membros (MUEKALIA, 2014, p.60-61).

Esses relatos são ainda mais dolorosos quando há o envolvimento de crianças. Porém, conforme a fotografia apresentada abaixo, nota-se que apesar de todo o sofrimento das crianças, fruto de marcas da guerra, algumas delas ainda sorriem e tentam encontrar esperança.

Figura 1 – Crianças mutiladas



Fonte: africaminhamami.blogspot.com (Daisy e William)
<https://missoesemangola.wordpress.com/2014/12/19/milhares-de-mutilados>.

São essas crianças e adolescentes, população de hoje, que viveram experiências dolorosas; seus “traumas tornaram-se mais fortes do que a violência que sofreram” (SANTOS & SIMÕES, 2006, p.29). A questão que se coloca é de que maneira hoje essas pessoas enfrentam a vida, frente às consequências da experiência traumática. “[...] quanto mais nova a criança for no momento de um estresse intenso [...] mais pesadas e mais duradouras serão as consequências”. O sentido da vida, para elas, muda completamente. Os traumas mudam a forma de pensar, sentir e agir, bem como os valores e a visão que as pessoas têm de si mesmas e do mundo (RUF, 2014, p.21, 23).

A violência pode ser tida “como o grande fator estressor e causador do TEPT” (MELLO et al., 2006, p.11-13), uma vez que os eventos traumáticos estão ligados à

agressão. Com o aparecimento da mídia, com a exposição frequente de imagens horrorosas, o seu impacto se assemelhou ao evento traumático. O TEPT se caracteriza pelo desenvolvimento de sintomas como o medo intenso e o desespero após a exposição “a um evento estressor extremo”, em que a pessoa fica reexperimentando, resistentemente, o trauma.

Ainda segundo esses autores, é bastante elevada a exposição das pessoas em situações traumáticas, sobretudo, nas grandes cidades. Em relação ao Brasil, observa-se que não há incidência de estudos que indicam a prevalência do TEPT em grandes centros urbanos. Porém, questiona-se se “a violência endêmica é responsável pela resistência ao TEPT”. Salienta-se também que o Brasil é acometido pela violência doméstica e urbana. No entanto, é livre de guerras, de terrorismo e sofre poucas catástrofes naturais. De acordo com Mello et al.(2006, p.13-14), “O TEPT é um novo desafio para a saúde mental, para as diversas formas de conhecimento e repercussões sobre a humanidade”.

[...] os indivíduos vítimas de violência ficam à mercê dos desequilíbrios humanos, sendo obrigados a enfrentar sofrimentos terríveis. As dificuldades comportamentais e de aprendizagem são o modo como essas vítimas manifestam seus problemas pessoais. Se cada sociedade for receptiva, compreensiva, calorosa, agradável e maleável poderá contribuir muito com as vítimas, tornando o processo de superação dos traumas menos doloroso (SANTOS & SIMÕES, 2006, p.29).

Sendo assim, a condição do TEPT é desafiante e se faz urgente repensar as estratégias profiláticas, a fim de moderar a situação de violência do agressor e da vítima. Em suma, a pessoa envolvida em uma experiência traumática precisa de um cuidado especial, porque as suas reações emocionais repercutem na relação com a sua própria vida e com a vida dos outros. O impacto dessa experiência pode condicionar o futuro de uma vida.

[...] Existem fatores que moderam a relação entre a violência e o possível desajustamento da vítima, são os fatores que minimizam o impacto, tornando possível o desenvolvimento e a reestruturação emocional do indivíduo. Estas podem ser chamados de fatores de proteção e englobam: auto-estima, autonomia, independência, criatividade, humor, empatia, habilidades intelectuais, interesses múltiplos, controle emocional, capacidade de enfrentamento, disponibilidade, suporte extra familiar, etc. o trabalho junto às famílias das vítimas de violência é essencial para que a superação dos traumas possa acontecer. (SANTOS & SIMÕES, 2006, p.29).

Apesar das trágicas experiências vividas, o indivíduo deve ser sustentado pelo afeto no seu dia a dia, evitando a morte e dando sentido à sua ferida (CYRULNIK, 2006, p.8).

Quando a experiência traumática permanece fixa e não resolvida, dependendo do tempo de duração e gravidade, do “tipo” e da “quantidade” de apoio social e dos recursos disponíveis, mais complexa ou possível será a superação (ROSS, 2014).

Assim, percebe-se que é a sociedade que deve mobilizar-se para acolher cada pessoa com a sua situação concreta, e dar o apoio necessário para que o enfrentamento de um novo paradigma de vida seja menos doloroso. “O apoio social parece oferecer uma estabilidade que protege o indivíduo em momentos de transição e estresse” (RAMOS^a, 2006, p.89).

Quando o apoio é administrado em situações adversas, a vítima se recompõe com mais eficácia, visto que o impacto perante suas angústias, sofrimento psicológico e fisiológico é minimizado.

Concordamos com Ramos^a (2011) sobre a necessidade de apoio social à pessoa vítima do trauma. A autora salienta que, ao viver a experiência traumática, o indivíduo tem sua vida aprisionada à situação. Portanto, é indispensável que receba apoio a fim de se recuperar dos efeitos psicológicos traumáticos. Quando não se propicia o apoio devido, as marcas podem se tornar indelévels e ser mais difícil a recuperação posterior.

Para Costa et al. (2016), o processo de acolhimento após uma experiência impactante é fundamental, de modo que o indivíduo possa enfrentar e criar significado da vivência traumática, através da representação psíquica, para que não fique aprisionado na angústia que o aniquila, o desampara e o desorganiza depois do intenso sofrimento e da dor irrepresentáveis.

Ngonda (2016), numa entrevista concedida ao *Jornal de Angola* (J A)¹², afirma que a questão do acanhamento do jovem, na atualidade, perante a realidade sociocultural e política do país, não é só fruto do medo, mas também de um problema conjuntural e das condições em que os jovens nasceram e cresceram. Segundo ele, a paz só chegou às famílias angolanas em 2002, razão pela qual não

¹² Disponível em: <<http://muanadamba.over-blog.com/2016/06/lucas-ngonda-o-momento-e-de-unicidade-para-tirar-o-pais-da-crise.html>>. Acesso em: 29 out. 2016.

tiveram tempo suficiente para se desfazerem do trauma. Portanto, é claro que, depois de 27 anos de guerra, percebe-se que o momento atual seja um período mais que propício de trabalho para se encontrar a tranquilidade e o equilíbrio na população angolana. O autor frisa também a questão de ter sido o jovem que se envolveu na guerra. Além disso, muitos pais não sabem onde seus filhos foram sepultados e, por sua vez, muitos filhos não sabem onde seus pais foram sepultados. Obviamente, não houve tempo suficiente para a elaboração do luto das famílias que perderam seus filhos para a guerra.

Há uma profunda angústia por não se saber o destino certo dos seus queridos, mortos ou vivos, embora, corajosamente, se resignassem e dissessem, como afirma Muekalia (2013, p.113), que “já tínhamos aprendido que na revolução não se parava para chorar os mortos”. Logo, há a necessidade de dignificar as pessoas que vivenciaram experiências de luta.

A memória de tais experiências pode paralisar o sujeito diante dos desafios do presente. O medo, a tristeza e outros sentimentos devem ser trabalhados na vida das pessoas para que possam libertar-se de traumas vividos ao longo de suas vidas, para que consigam forjar novas experiências. É imprescindível ressignificar a memória dos acontecimentos históricos ocorridos durante a guerra em Angola.

4.3. Algumas pesquisas sobre trauma de guerra

Para a construção deste trabalho, além dos principais teóricos que sustentam esta pesquisa no que tange aos efeitos psicológicos causados pelos traumas de guerra, consideramos também outros trabalhos acadêmicos que abordam o mesmo tema, ainda que abarquem outras guerras.

A pesquisa foi focada em quatro importantes instituições de ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Universidade de São Paulo (USP); Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Pesquisamos também alguns artigos de periódicos que se propunham a averiguar o presente tema. Como havia muitas ocorrências na pesquisa com a palavra-chave trauma, decidimos afunilar a palavra-chave para trauma de guerra. Informamos ainda que a pesquisa foi baseada nos últimos cinco anos de produção acadêmica, ou seja, de 2010 a 2015, e dos meses de janeiro a setembro de 2016.

Abaixo seguem as pesquisas encontradas com seus respectivos temas, objetivos, métodos, autores e ano de publicação.

O estudo de Borges et al. (2010) “O transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) na infância e na adolescência: prevalência, diagnóstico e avaliação”, com crianças palestinas, apontou que 54% delas apresentaram TEPT e que as meninas foram mais vulneráveis a este transtorno. As crianças expostas a um número maior de eventos traumáticos têm risco aumentado de desenvolver o quadro. As crianças e adolescentes são mais vulneráveis a desenvolver o TETP do que a população adulta devido à imaturidade psicológica e cognitiva. Porém, a questão etiológica do TEPT infantil precisa ser mais discutida.

Oliveira (2011), na tese de doutorado “O esquecimento do passado por refugiados africanos”, entrevistou dois africanos, um angolano e um congolês. As entrevistas foram recolhidas na Casa do Migrante, albergue que acolhe migrantes internos, imigrantes e refugiados recém-chegados em São Paulo. O objetivo foi estudar o esquecimento que emergiu nas entrevistas individuais e compartilhadas entre os refugiados para reelaborar o passado. Eles não queriam lembrar as situações de guerra na África. As entrevistas foram analisadas a partir de três categorias: a fuga da guerra, a educação e o trabalho. Recolheram-se os seus sonhos traumáticos para que eles pudessem sonhar à noite com aquilo que queriam esquecer à luz do dia.

Uma das características dos africanos, e concretamente dos angolanos, é silenciar os acontecimentos, sobretudo os mais dolorosos. O angolano canta o sofrimento e não o conta. Diante de uma mãe que chora a morte de um filho, a expressão da dor e o sofrimento são verbalizados e expressados no canto e na dança. Não é que tenham esquecido o passado. Certamente o sofrimento foi tão cruel, que falar dele seria reviver o passado, o que não ajuda a viver o presente.

Molin (2013), na sua dissertação de mestrado, utilizou casos clínicos colhidos na literatura sobre o tema. Abordou as neuroses traumáticas em geral e as neuroses de guerra. Diz que a atenção de Freud e Ferenczi se voltou para a formação traumática, após a Primeira Guerra Mundial, devido à necessidade de compreender e tratar de soldados com sintomas de experiências de trauma. Segundo o autor, para Freud, algumas vivências não são traumáticas no momento em que ocorrem, mas sim quando são reativadas por uma nova experiência que as ressignifica. E para Ferenczi, algumas formas de traumatização envolvem o duplo choque: uma

experiência causa comoção psíquica e, quando o indivíduo busca no ambiente a validação e o reconhecimento de suas sensações e percepções, elas são negadas. A partir das ideias de Freud e Ferenczi, ele propõe a hipótese de que a formação traumática envolve três tempos: o momento do choque, a reação do ambiente após o evento e a resignificação *a posteriori* das experiências anteriores.

Silva (2013) fez o seu estudo com base em “José Luandino Vieira: memórias de guerras entrelaçadas com a escrita”, em tese de doutorado. Faz uma leitura comparativa de três narrativas, romances que encenam a experiência de violência e de guerras no contexto histórico angolano. É uma cartografia onde faz a ficção da realidade angolana de situações dolorosas e do trauma devido às circunstâncias vivenciadas que criaram revoltas.

Conforme as narrativas de Luandino Vieira, o nosso estudo também faz uma reflexão crítica da memória traumática da guerra em Angola para compreender os ódios, medos, tristezas e os males que ainda estão presentes nos corações das pessoas, a fim de possibilitar o processo de superação.

Para Pedras & Pereira (2013), a exposição a acontecimentos traumáticos e as experiências adversas na infância se apresentam como fatores de risco para a idade adulta. Entre esses fatores se configuram o abuso psicológico, físico, sexual, a violência diversificada, o comportamento de veteranos que relatam experiências adversas vividas em sua infância, apresentando um risco maior para consumo de álcool, tabaco e comportamentos autodestrutivos. O artigo tem um embasamento pertinente, apela à comunidade científica e aos profissionais da saúde no que se refere aos esforços para prevenir as experiências adversas na infância, intervir no TEPT e apoiar as vítimas de traumas, proporcionando um acompanhamento, precocemente, como forma de evitar o desenvolvimento de comportamentos de risco na vida adulta.

Frostscher et al. (2014) fazem uma análise do trabalho de construção de uma memória coletiva e da composição de sentidos coletivos para a superação das lembranças traumáticas das testemunhas que vivenciaram a expulsão de seus territórios. Em trechos editados de entrevistas que foram publicadas, focam-se as narrativas de vítimas da guerra. Nestes textos, eles apresentavam perturbação emocional e medo do futuro que precisavam ser trabalhados. Narram as consequências da Segunda Guerra Mundial, que consistiram na política de desnacionalização dos judeus pelo nazismo e o Holocausto, até a expulsão dos

sionistas. As experiências traumáticas contaram com massacres, torturas seguidas de mortes, estupros, deportação nos campos de concentração, onde muitos morreram de fome, frio e doenças. A narração do sofrimento tem o objetivo de possibilitar a ligação com o passado, dirimindo as rupturas e diferenças do presente e do futuro em prol da sobrevivência, na rememoração e ressignificação dos acontecimentos. Um dos objetivos foi o de atingir as gerações mais novas, após quatro décadas, trazendo à tona a experiência traumática no momento presente. Nas experiências traumáticas de Angola também foram evidentes os massacres, as torturas, os estupros, porque os jovens, sobretudo meninas, eram forçados a se relacionar. Ainda, famílias inteiras eram queimadas vivas e pessoas levadas para campos de refugiados onde não se tinha vez nem voz. Portanto, é uma situação que se repete, motivo pelo qual pretendemos a construção de uma memória coletiva em prol da superação da memória traumática.

Nakagawa (2014), em dissertação de mestrado, tem como tema de estudo “Hiroshima: a catástrofe atômica tida como crime contra a humanidade e suas testemunhas”. Essas testemunhas corporificam a necessidade de um resgate da humanização. O autor fez um estudo do contexto histórico das atrocidades ocorridas nas duas Guerras Mundiais. O objetivo incidu na luta contra o esquecimento da catástrofe atômica. Coletou testemunhos numa entrevista não guiada, para permitir a espontaneidade da descrição da vivência traumática. Sublinhou a corrida nuclear, fruto do crescente investimento científico e tecnológico alcançado no século XX, em que se registra a inversão de valores, provocando os maiores genocídios perpetrados pelos Estados autoritários a favor dos interesses políticos e econômicos.

Santos et al. (2016) retratam o pânico como reflexo na vida adulta de um passado mal vivenciado na infância. Descrevem o desenvolvimento do transtorno do pânico como decorrente da vivência traumática. Afirmam que é importante criar, desde cedo, um ambiente salutar, com o apoio da família, o afeto, o carinho, a atenção, a paciência, a compreensão, e que os profissionais de diversas áreas podem atuar de modo a minimizar fatores prejudiciais, fazendo avaliações das causas do estresse. Este artigo mostra a importância do cuidado que se deve ter, criando um ambiente mais ameno e digno durante a infância, para proporcionar equilíbrio e qualidade de vida na idade adulta.

Em cada uma das pesquisas revisadas está presente a questão da experiência traumática, disseminada por diversas situações e, fundamentalmente, pelo impacto da guerra.

Os artigos revistos nos ajudaram a refletir e compreender os desafios do estudo com efeitos impactantes que devem merecer especial atenção de toda a sociedade angolana, para uma intervenção urgente.

5 OBJETIVOS

5.1 Geral

Observar os efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos da guerra num grupo de jovens em Angola.

5.2 Específicos

- a) Observar quais experiências traumáticas de guerra vivenciaram os jovens;
- b) Analisar como os eventos de guerra afetaram e afetam a vida dos jovens atualmente.

6 MÉTODO

Para a elaboração da presente pesquisa foi realizado um estudo qualitativo na perspectiva da compreensão descritiva dos efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos do impacto da guerra, de acordo com a realidade dos participantes.

A pesquisa qualitativa aproximou a autora dos processos e significados de modo a possibilitar a interpretação de experiências subjetivas.

De acordo com Denzin e Lincon (2006), a pesquisa qualitativa visa o direcionamento para as ciências humanas de um saber que se constitui por meio da interação com o outro, a partir de um olhar multirreferencial. Esse olhar busca uma pluralidade de pontos de vista em consideração aos diversos posicionamentos acerca do estudo e dos sujeitos envolvidos.

6.1 Participantes

A população da pesquisa foi caracterizada pelos alunos do ensino médio de ambos os sexos, com idade entre 16 e 26 anos, da escola Missionária Santa Maria Goretti, em Ndalatando.

Em uma previsão de aplicação dos dois instrumentos, eram 100 participantes. Entretanto, 51 concordaram em fazer o desenho, 48 preferiram responder ao questionário e um se negou a participar. Os participantes representaram um total de 99 alunos, dos quais 69 eram homens e 30 eram mulheres. Ao todo foram obtidos 48 questionários e 51 desenhos.

6.2 Local de pesquisa

A pesquisa foi feita na Escola Missionária Santa Maria Goretti, na cidade de Ndalatando, Província de Kwanza Norte, em Angola. Ndalatando fica a cerca de 300 quilômetros da capital do país.

A escola é católica e oficializada através de um protocolo entre a Conferência Episcopal dos Bispos de Angola, São Tomé e Príncipe e o Ministério da Educação de Angola, no âmbito da devolução das estruturas confiscadas desde 1975 até 1992, pelo Estado angolano. Ela existe desde 1970. Atualmente tem um número

aproximado de 2.700 alunos, da Iniciação ao Ensino Médio, provenientes de diversos pontos do país.

6.3 Instrumentos

1. Autorização de pesquisa da instituição (Anexo C)
2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A)
3. Questionário auto-preenchido, com objetivo de levantar dados de experiência pessoal e dos familiares sobre a guerra (Apêndice B)
4. Desenho temático sobre situações vivenciadas durante a guerra.
5. Folha de papel A4, lápis preto e canetas vermelhas, pretas e azuis.

O desenho, como técnica projetiva, foi orientado através do tópico preestabelecido, para que as ilustrações pudessem evidenciar melhor os “eventos psicológicos” do impacto da guerra, “como guias para uma compreensão do conteúdo inconsciente expresso nas figuras” desenhadas, como esclarece Furth (2004, p.30). Foi uma forma de fazer fluir, de modo inconsciente, as realidades da energia psíquica para a consciência.

6.4 Procedimento de coleta de dados

Primeiramente, foi feito o contato com os diretores da Comissão Diocesana da Educação e da Escola Missionária Santa Maria Goretti e uma apresentação da pesquisa, solicitando autorização de acesso aos alunos para participar da pesquisa, que foi obtida.

Em seguida, foi feita uma reunião de apresentação e esclarecimento sobre o projeto de pesquisa com os professores do Ensino Médio, solicitando a sua disponibilidade em auxiliar na organização dos alunos. Em conjunto definiram-se o horário, a data e o local de aplicação. Os professores comunicaram aos alunos a realização da pesquisa em questão.

Foram selecionados todos os alunos das classes (séries) 11, 12 e 13, formando cinco turmas de 20 entrevistados cada para a aplicação da pesquisa.

Conforme agendado pelos professores, a pesquisadora entrou na sala de aula, onde já se encontravam os dois professores, e fez uma breve apresentação para os alunos explicando os objetivos da pesquisa e os convidando a participar.

Aqueles que desejaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual constava que iriam responder a um questionário e fazer um desenho (Apêndice A e B).

Foram esclarecidas as questões éticas quanto à participação e utilização do material a ser coletado, à garantia do sigilo, ao anonimato e direito de acesso aos resultados. Também foi informado que a participação era livre, podendo o aluno retirar o seu consentimento e que não haveria nenhum custo ou qualquer compensação financeira.

Tanto o questionário quanto o material para o desenho foram entregues, com a seguinte instrução: “Preencha o presente questionário sobre situações de guerra que foram vivenciadas por você e que ainda hoje lhe causam sofrimento, e faça um desenho em que você possa expressar a sua experiência vivida no tempo da guerra”.

Como alguns perguntaram se podiam só responder ao questionário e outros se podiam só fazer o desenho, a pesquisadora deu-lhes a liberdade de escolher o instrumento que desejassem.

À medida que ia terminando, cada aluno devolvia o questionário e/ou o desenho. De um modo geral, os que desenharam foram mais rápidos do que aqueles que só responderam ao questionário.

A coleta dos dados foi feita em média em uma hora e trinta minutos, para cada turma, durante três dias. A aplicação foi coletiva e contou com a presença da pesquisadora e de uma equipe composta por dois professores e o coordenador de turno.

6.5 Cuidados éticos

A presente pesquisa foi submetida e autorizada pelo Comitê Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de acordo com critérios da Resolução nº 466/2012 que trata de pesquisas e testes em seres humanos, publicada no dia 13/06/2012, no Diário Oficial da União.

Número do Parecer: 2.071.586 CAAE: 67127917.0.0000.5482

6.6 Procedimento de Análise dos Dados

Foi feita uma análise qualitativa e quantitativa com a utilização do banco de dados do programa SPHINX Brasil. O programa evidenciou as características qualitativas de experiências e vivências traumáticas do impacto da guerra. Como auxílio ao programa SPHINX, foi utilizado o Excel para a elaboração dos gráficos.

Também foi utilizado o programa Word Cloud (nuvem de palavras) por meio do site: <http://www.wordclouds.com/>, para a verificação de núcleos de significação das falas literais presentes nos desenhos e nas respostas do questionário. Nuvem de palavras, ou Word Cloud, é um programa gratuito idealizado por Jason Davies, que cria um gráfico digital utilizado em atividades de interpretação de texto, para se determinar o grau de frequência de palavras com maior ou menor relevância. De acordo com a incidência das palavras, se faz a interpretação, de modo que elas aparecem em fontes de diversos tamanhos e cores.

Também foi realizada a análise por categorias, o que nos proporcionou identificar diversos núcleos de significação.

7 RESULTADOS

7.1 Descrição da amostra

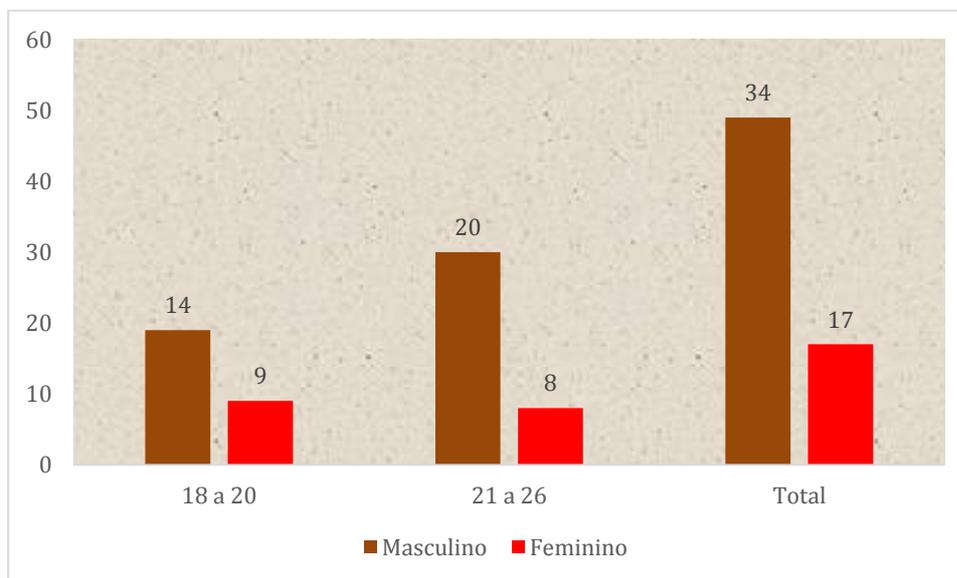
Para uma melhor compreensão entre os dados e os objetivos propostos, foi feita uma descrição de dados por meio de categorias de análise por temáticas dos desenhos e do questionário.

Participaram da pesquisa um total de 99 pessoas, de ambos os sexos. Fizeram os desenhos 51 dos participantes, entre 18 e 26 anos de idade, 34 homens e 17 mulheres. Responderam ao questionário 48 participantes, entre 16 e 26 anos.

7.2 Resultados referentes aos desenhos

Entre 18 e 20 anos, participaram 14 homens e 9 mulheres. Dos 21 aos 26 anos, foram 20 homens e 8 mulheres (Gráfico 1). Como os dados indicaram, houve uma prevalência de homens sobre mulheres participantes da pesquisa.

Gráfico 1 – Participantes que fizeram os desenhos: sexo e idade



Fonte: Elaborada pela autora

7.3 Análise dos desenhos

Foram criadas três grandes categorias de análise dos desenhos, que se resumem em:

- Análise geral dos desenhos e sua descrição;
- Descrição do conteúdo dos desenhos ou categorias expressas nos elementos desenhados;
- Categorias expressas nos desenhos pelos diálogos escritos, a partir da fala literal dos participantes.

7.3.1 Análise geral dos desenhos e sua descrição

Os desenhos foram feitos com lápis preto, coloridos ou caneta azul, que estavam disponíveis no local. Porém, entre os 51 desenhos, apenas três deles eram coloridos. A falta de desenhos coloridos pode indicar algum aspecto depressivo, porém a hipótese levantada não pode ser sustentada, porque os participantes foram orientados a fazerem o desenho com o material disponível no momento.

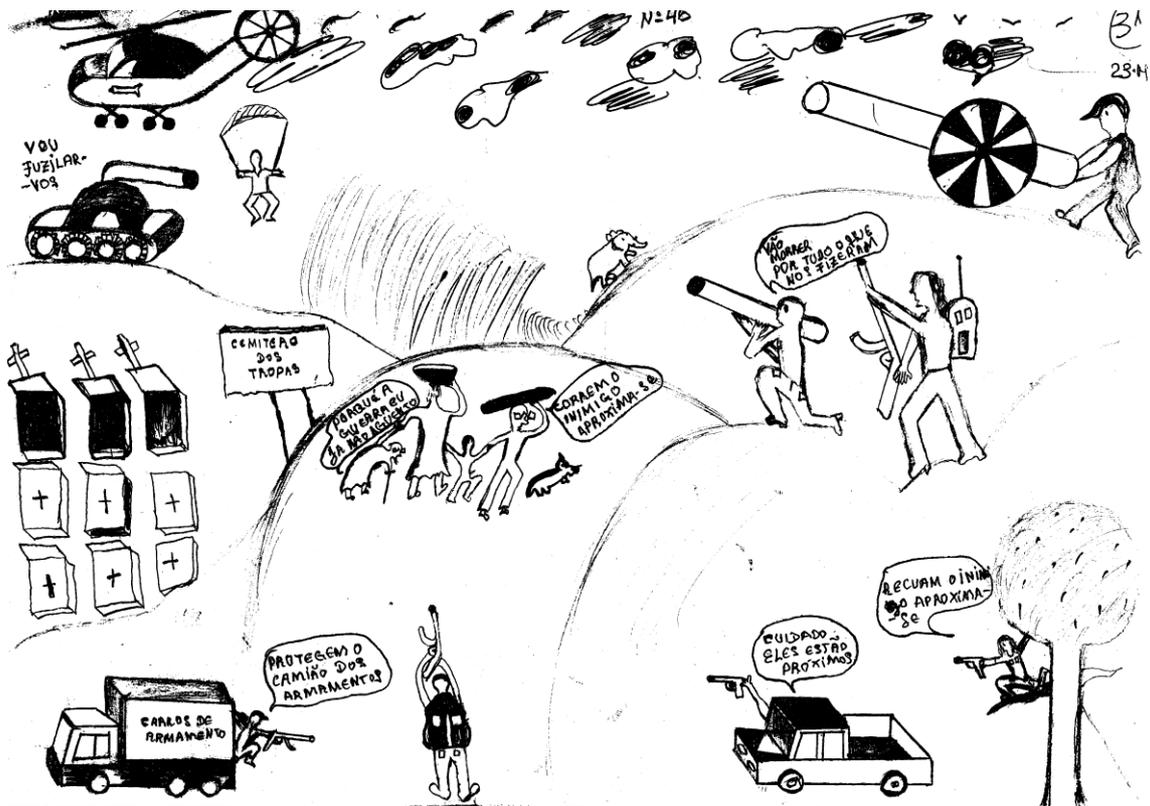
De uma forma geral, constatou-se que todos os desenhos preencheram toda a folha do papel. Desse modo, foi possível supor que não houve inibição na expressão dos sentimentos dos participantes.

Em alguns desenhos, as imagens foram divididas ou separadas por linhas e organizadas em quadrantes. Em outros, a história se distribuiu pela folha de papel, ocupando todo o espaço.

A grande maioria dos desenhos era dinâmica, retratando cenas como em um filme, mostrando sequências de eventos traumáticos e violentos.

7.3.2 Descrição do conteúdo dos desenhos

Figura 2 – Desenho



Fonte: Elaborado pelos participantes da pesquisa, alunos da escola Santa Maria Goretti, fev. 2016.

7.3.2.1 Armas

Na análise dos desenhos foram observadas armas, tanto de grande quanto de pequeno porte. As armas de grande porte eram metralhadoras, pistolas, bombas, granadas, bazucas e minas, carregadas por vezes em cartuchos e mochilas. Essas armas apareceram 526 vezes nos desenhos, enquanto as armas de pequeno porte apareceram 29 vezes: armas brancas, catana, espada, zagaia e flecha, facas, sabres e castor (espingarda).

7.3.2.2 Veículos

Os veículos foram divididos entre os utilizados apenas pelos militares e os de uso comum entre militares e população. Os militares, segundo aparecem nos desenhos, utilizavam veículos como helicópteros, aviões, tanques, blindados, canhões lança-bombas e carros militares com armamento. Estes foram representados 151 vezes. Já os veículos utilizados por ambos, militares e

população, eram motos, comboios e canoas. Em três desenhos havia a presença de ambulâncias, utilizadas para socorro de feridos militares ou civis.

7.3.2.3 Ações militares

Nas ações militares, os soldados foram retratados armados, correndo e atirando contra soldados inimigos ou contra a população (403 cenas). Havia cenas em que desciam de helicópteros, ou caíam de paraquedas (seis cenas) ou ainda lançavam bombas de dentro de blindados e tanques (seis cenas). Eram cenas de grande agressividade e muita violência.

7.3.2.4 Cenas de guerra

A caracterização de militares e da população em cenas de guerra revelou diversas situações. As falas nos desenhos descreviam a morte de muitos civis, de famílias inteiras e de soldados. Em 323 descrições, foram retratadas 123 pessoas mortas, 86 com dores, fome, ameaçadas, amarradas e chorando, 57 feridas, mutiladas/ amputadas e cegas, e 56 fugindo.

7.3.2.5 Estruturas destruídas

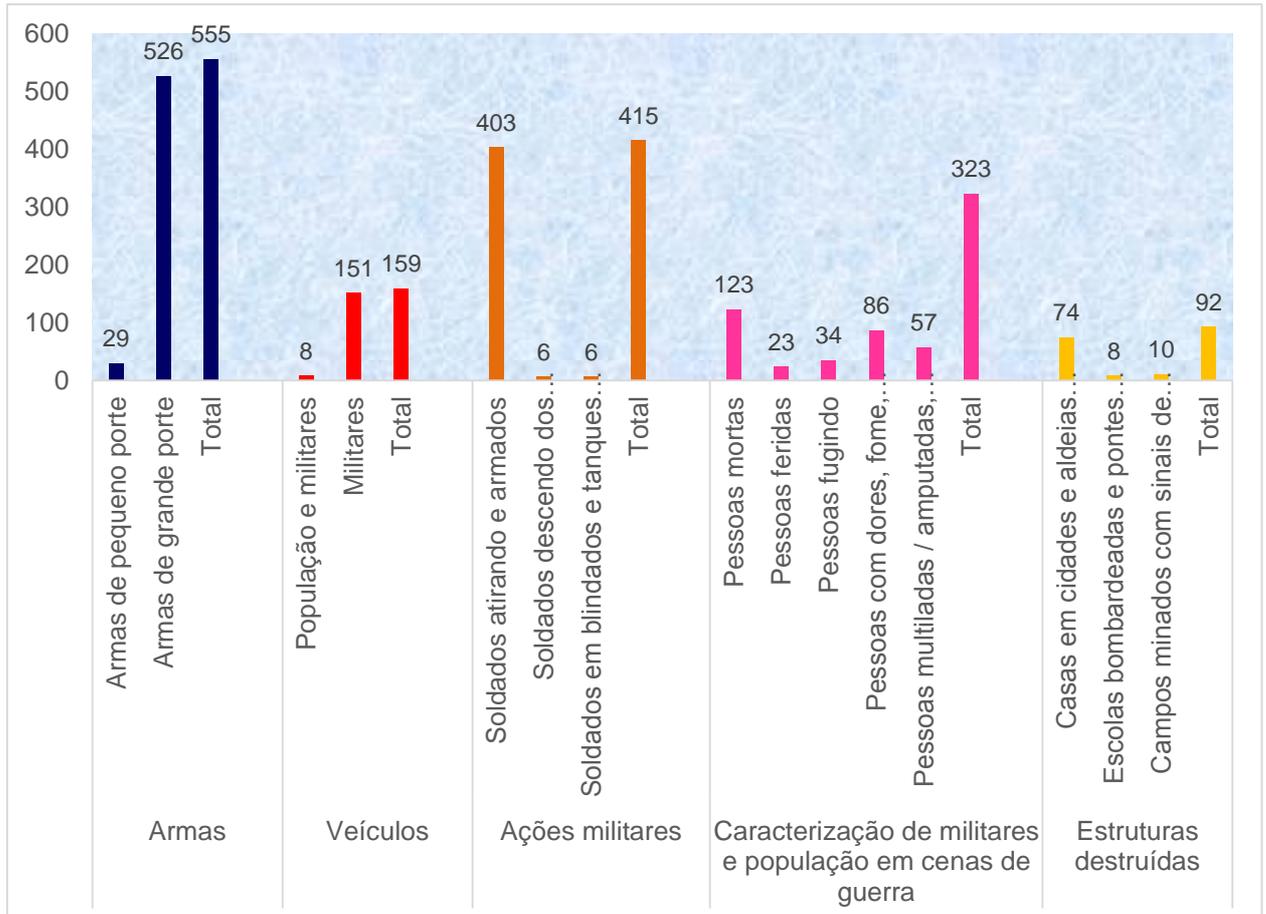
Casas desenhadas com linhas tênues revelaram que foram destruídas deixando apenas vestígios. Muitas vezes estes locais foram reconhecidos como anteriormente habitados devido a árvores frutíferas no entorno.

Foram 74 casas em cidades e aldeias destruídas e abandonadas, e uma ponte partida. Foram retratados e descritos 10 campos minados com sinais de perigo, e 7 escolas bombardeadas. Em umas delas, crianças aparecem correndo, fugindo, dando a entender que estavam em aula.

As diversas categorias expressas representam a variedade de elementos, as ações e o envolvimento em todas as suas formas destrutivas e consequências durante o período de guerra.

Na observação dos desenhos, destacaram-se os temas especificados no gráfico 2.

Gráfico 2 – Categorias expressas nos elementos desenhados



Fonte: Elaborado pela autora

As cenas se passavam na cidade e no campo, com presença de nuvens, sol ardente, mas sombrio, com características de fogo, vindo das armas, com casas destruídas, abandonadas ou em chamas.

Os terrenos estavam minados e alguns sinalizados com marcas de perigos. Apareceram os cemitérios com túmulos identificados como pertencentes a soldados e civis mortos durante a guerra.

Notou-se a presença de animais domésticos e selvagens, como elefantes e serpentes, cachorros e cabras, mortos ou vivos, mostrando a dinâmica da vida na guerra. Apareceram também outras formas sinalizando a vida, tal como florestas, montanhas, rios, capim, palmeiras e outros tipos de árvores.

Foram retratados conflitos entre grupos de militares, entre os militares e o povo, e entre a população. Observou-se certa desproporção no tamanho da figura do militar e do ferido: o militar era sempre maior do que o ferido.

Figura 3 – Desenho



Fonte: Elaborado pelos participantes da pesquisa, alunos da escola Santa Maria Goretti, fev. 2016.

Havia cenas com pessoas ou famílias inteiras mortas. Algumas completamente queimadas, outras com braços e cabeças separadas do corpo pelo ataque com catanas (espadas).

Eram comuns cenas de crianças e de adultos civis e militares mutilados ou feridos, principalmente sem pernas e braços. A figura humana civil aparecia com expressões de dor, principalmente nas mulheres, enquanto os homens apareciam guerreando, feridos ou mortos.

As cenas de violência eram bem explícitas, com familiares assistindo ao sofrimento e à morte de parentes e amigos.

Havia inúmeras cenas com pessoas em atitude de profundo sofrimento, suplicando para não serem mortas, pais e filhos desesperados e crianças abandonadas em momento de fuga.

Figura 4 – Desenho



Fonte: Elaborado pelos participantes da pesquisa, alunos da escola Santa Maria Goretti, fev. 2016.

Havia várias cenas com pessoas sozinhas, bebendo e fumando, como forma de lidar com as lembranças da guerra.

O material de guerra era bem diversificado, representado por helicópteros, aviões, mísseis, blindados, tanques e veículos motorizados, vários deles soltando bombas.

Observaram-se material de guerra abandonado, deixado na zona de combate por soldados que foram mortos, corpos em decomposição, inchados ou queimados e abandonados no campo ou na cidade, além de diversos tipos de armamentos de grande e pequeno porte.

7.3.3 Categorias expressas nos desenhos pelos diálogos escritos

As diversas categorias expressas nos desenhos são discriminadas abaixo, a partir da fala literal dos participantes.

Tabela 1 – Núcleos de significação: Descrição de cenas de guerra

Falas contidas nos desenhos

[...] Militar armado e preparado para fazer guerra [...]

Estão lançando para frente várias patrulhas de combate [...] cabe 2º sargento Ferreira Pelatano.

Exército lutando contra o terrorismo e a ocupação de algumas cidades [...].

Estes estão a vir atacar uma comunidade [...]. Uma região que está ser atacado [...]. O povo vizinho atacam a aldeia ao lado.

Um dos soldados escondeu-se atrás da árvore pensando que o inimigo não está o ver [...].

Pessoas no carro [...]. Pessoas escondidas a atirarem [...].

[...] mamã, tem muitos tropas no bairro a fazerem tiros.

Que guerra mais absurda [...]. Eu vou vencer esta guerra.

Mas, como a guerra modifica a vida. Depois de tanta guerra a minha aldeia que tanto prosperava agora parece que nada existiu aqui!

Fonte: Elaborada pela autora.

Os participantes descreveram a ocorrência de diversas cenas de guerra, em que as pessoas, tanto a população como os militares, estavam em ação combativa e lutando entre si em uma determinada região. Havia a presença de carros, armas e tanques de guerra. As patrulhas eram intensas e alguns soldados se escondiam para não serem atingidos pelo inimigo. As cidades eram ocupadas pelo exército. A população estava continuamente em pânico e em fuga devido aos ataques sucessivos. Até as crianças manifestavam uma grande preocupação e relatavam a presença de militares no bairro, atirando.

Ficou evidente que a situação era bastante difícil e que a guerra era intensa. Tudo indicava que ninguém era poupado do cenário, que havia uma grande instabilidade na qual o sofrimento e a preocupação havia se instalado fortemente entre todos. Verificou-se também que as pessoas lamentavam a situação considerada absurda e, por outro lado, que havia uma grande determinação de combater e vencer a guerra.

Tabela 2 – Núcleos de significação: Alta agressividade destrutiva e ameaçadora

Falas contidas nos desenhos

Aviões a enviarem bombas. Casa em chamas. Os soldados a matar as pessoas e as casas a ficarem desabitadas. [...] um carro militar disparando. [...] tanque de guerra em movimento. Abandonaram a casa através da guerra. Força aérea. Escola a ser destruída pela força aérea.

Tropas preparadas para irem ao combate na Kirima. Os soldados [...] ao local do destino totalmente armados usaram as armas terrestres e a aéreas [...] helicópteros, armamentos e blindados.

Falas contidas nos desenhos

Um militar no helicóptero disparou e atingiu um cidadão. Um indivíduo que se encontra armado disparou contra o helicóptero.

[...] carro militar disparando. [...] tanque de guerra em movimento. O inimigo atacar...! dando tiroteios e bombardeando a população. O Este está a disparar contra o adversário.

Apanhando a posição para destruir o carro. O carro vem com tropas e que ele aproxima uma bomba. Árvore destruída por uma bomba.

Uma bomba que caiu do voo das tropas atingiu a uma casa e matou a família inteira. O rebentamento de granadas de fumo lançadas pelo inimigo. Chefe, vamos acabar com bombas. Atenção, vamos explodir com tudo.

Viva a libertação [...] vamos fogo, fogo! Fogo, fogo! O voo está deixando cair os explosivos

Dispara para o homem não partir o carro. Examina de onde passa o tanque. O tanque de guerra vem para reforçar. Comandante a mudar a equipe. Tropas lutando pelo seu povo todos armados. Blindado para o combate.

[...] militares a lutar pelo um território que nenhum dos grupos lhes pertencia. Vamos começar o ataque esses inimigos têm que ser mortos! Vou queimar [...]. Este vou agora. Para aí [...]. Estás preso. Se fugir dispará-lo.

Hoje vamos bombardear a essa área. Yawi, hoje vamos acabar com essa raça maldita.

Este carro leva tropa para o município. Tropa camuflada.

Unita a entrar na Gabela. Lar destruído. [...] a disparar. Este está a disparar contra o adversário.

Este homem se encontra aplacado está disparar contra o carro que vem socorrer a população.

Este está a disparar contra o adversário [...]. Largue essa catana se não queres morrer [...] agora!

Um carro militar disparando. Um tanque de guerra em movimento.

Solo abandonado por causa das minas. Pontes partidas. Terreno proibido de Pisar! Denger Mines! Perigo de Mina! Pontes partidas. Recinto de mina. Aqui está o campo de batalha. Quem será o primeiro a entrar nele? Perigo. Área minada. Casa destruída. Casa abandonada e minada. Invólucro de bomba.

Senhora a sair da lavra e encontra a guerra no bairro. A casa de Deus a ser invadida. Ai meu Deus vou morrer ao lado da Igreja. Sou da Igreja mas vou mesmo te matar.

10 de agosto de 2001 o comboio que saía de Luanda ao Dondo quando foi alvejado por militares [...]. A imagem ilustra atentado do Zenza do Itombe em 2001. Essa imagem ilustra pessoas que morreram neste mesmo comboio.

Você com arma pequena e eu com castor vou te matar cota. Moleque vou te matar.

Um povo distraído. [...] povo que vive a guerra será destruída a sua população. O inimigo observa. O Massacre.

Eu vou acabar com todos vocês sem dor, nem piedade. Vamos acabar com esta população toda. Sem dó, sem piedade vou destruir o inimigo. Rápido. Precisamos de jovens para o serviço militar.

Falas contidas nos desenhos

[...] matamos todos, nessa aldeia [...] vamos massacrar esse povo.

O militar diz a criança cala a boca [...] não grite.

[...] bairro foi queimado no ato da guerra. [...] aldeia onde passou a guerra. No tempo dos conflitos armados a violência é constante e, assim ilustra esta causa. Já não estamos em momento de guerra senhor deita essa arma, por favor.

Fonte: Elaborada pela autora

Os participantes fizeram diversos relatos de uma incrível invasão militar em que se utilizava todo tipo de material de guerra. Descreveram que os ataques e os disparos eram contínuos, os tanques de guerra e os aviões se movimentavam de um lado para o outro, bombardeando e destruindo aldeias, vilas, cidades e infraestruturas. As minas antipessoais e antitanques estavam disseminadas por todo o terreno, sendo fatais para quem as acionasse. A população se punha em fuga desesperadamente, abandonava suas localidades para destinos incertos. Algumas pessoas eram feridas e muitas outras mortas. A linguagem de grande agressividade e violência dirigida à população estava bem presente nas falas. Os soldados diziam que tinham de acabar com toda a população, matar todos sem dó nem piedade e destruir o inimigo ou o adversário. As ameaças eram sucessivas e até dirigidas às crianças, mandando-as calarem a boca. A linguagem militar expressa era bem aterrorizante, repleta de expressões tais como queimar tudo, matar todos, massacrar a população inteira, com ameaças de que não iria sobrar ninguém. Essas falas revelam que as pessoas foram tratadas desumanamente, com muito sofrimento e dor. A memória desses eventos traumáticos ainda é bem impactante na vida das pessoas no seu dia a dia.

Tabela 3 – Núcleos de significação: Cenas de mutilação e feridas de guerra

Falas contidas nos desenhos

Fiquei mutilado de guerra. Perdeu o braço. Repartido por acionação de mina. Ai meu irmão [...]. Ai minha mão cortam.

Eu sou o João, lutei na guerra, e fiquei um guerreiro, [...] estou amputado [...] me afligiu muito na minha vida [...], fui chicoteado por não fazer bem o meu serviço, e agora vivo pentapeado sobre essas guerras.

[...] homem é um antigo combatente. Perdeu um os membros na batalha do Moxico. Perdeu o braço na guerra. Pérola dos membros

Uns perderam suas famílias os seus bens [...] os bens [...] membros inferiores ou superiores até mesmo suas vidas.

Falas contidas nos desenhos

Um menino que perdeu o pé na guerra! Ai minha perna amputada [...]. Repartido por acionação de mina.

Um dos soldados foi-lhe amputado um dos membros inferiores. Pai onde está a tua outra perna [...]? Filho a guerra levou-a [...].

Depois dos conflitos armados um dos soldados foi-lhe amputado um dos membros inferiores.

Este foi atingido no braço e caiu. Possa! Essa guerra também me paralisou as pernas e não consigo trabalhar.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os participantes apontaram diversas formas de mutilação, tanto em militares quanto em civis e crianças. Alguns relataram que foram mutilados em combate, em ataques ou ao acionarem minas deixadas no terreno. As vítimas manifestaram muito pesar por terem perdido um dos membros e, em algumas situações, mais do que um. Lamentações contínuas revelaram dor e sofrimento profundos, sobretudo quando estavam paralisados e impedidos de participar da dinâmica da sociedade em muitas situações. Um dos participantes se referiu aos membros perdidos como a perda de pérolas, expressando assim sua dor física e psicológica. Desta forma, foram evidentes nas falas as manifestações de experiências traumáticas.

Tabela 4 – Núcleos de significação: Vingança

Falas contidas nos desenhos

Eles mataram dois dos nossos homens, homens desçam e matam eles agora por terem matado uns dos nossos intermediários.

Tive que matar um dos meus homens por serem traidores, apesar que também vou morrer. Seu traidor e infeliz.

Neste retracto ilustra-nos que entre os dois soldados um foi mais rápido que o outro.

Um soldado disparando contra o inimigo que matou seu colega de combate.

Ele vai morrer, porque ele é colaborador do povo está contra nós.

Vou fuzilar-vos. Vão morrer por tudo o que nos fizeram.

Este homem foi morto porque usou uma bandeira do partido.

Atirando fortemente aos invasores. Pois invadiram seus territórios. Lutando contra os invasores. Vamos à luta! Invasores respondendo agressivamente com tiros e revolta. Vamos derrotá-los.

Força! Lutando afincadamente para a efectiva derrota contra os invasores. Eu vou derrotar você! Invasor decidido a vencer o homem indígena.

Fizeste-nos perder todas as nossas famílias por amor à pátria e perdemos a guerra! Palates.

Falas contidas nos desenhos

Temos que aniquilá-los, só trazem problemas ao governo.

Vimos matá-lo para tomar o teu trono. Vamos começar o ataque, esses inimigos têm que ser mortos! Soldados, ao inimigo não teremos piedade nem dó! Dó? Estou à procura de quem acabou com a minha tribo porque também vou acabar com ele. Vou acabar com todos os inimigos [...]. Sacanas.

Eles têm de acabar por morrer, só assim estaremos em paz.

Fonte: Elaborada pela autora

Em diversas histórias, os participantes relataram manifestações de vingança por parte dos soldados e da população vitimada.

As falas revelavam que a morte de um integrante de um grupo acarretaria a morte dos opositores. Portanto, a justiça deveria ser feita com as próprias mãos.

Eram motivo de morte, entre outras, as seguintes situações: utilização da bandeira do partido oposto, colaboração com um grupo inimigo, derrota em alguma batalha e disputas entre famílias. Para muitos, a morte seria a única forma de acabar com a guerra e com todos os outros problemas que o país enfrentava.

Tabela 5 – Núcleos de significação: Desejo de matar

Falas contidas nos desenhos

Desde que a guerra começou sempre que estou com raiva me apetece matar!

Não havia gente para matar, então começou a disparar no ar.

Nem é todo dia que se olha uma boa matança e organizar. Vamos matar estes gajos, matar todos.

Procurando para matar [...] tenho sede de derramar sangue vou matar. Para ali [...]. Estás morto [...]. Vou matar aquele cota.

Dois soldados em conflitos armados prontos a se alvejarem. André e José [...]. Vou matar aquele cota [...]. Baixa eu vou acertar naquele camarada.

Eu te mato jovem [...]. Vamos matá-los [...]. Morram canalhas [...]. Vamos te matar! [...] morre cão! Maldito, vais morrer.

Fonte: Elaborada pela autora

Estas falas revelaram que o desejo de matar durante o conflito esteve sempre presente entre os soldados. Por qualquer situação ocorrida, invocava-se o matar, e este desejo estava acompanhado por ofensas verbais.

Determinadas expressões mostravam situações de conflito com ameaça permanente de morte. Também foi possível perceber que, diante do desejo de matar, quando não havia alvos humanos, soldados disparavam a esmo.

Expressões raivosas revelavam uma grande e constante motivação para matar ou derramar sangue.

Tabela 6 – Núcleos de significação: Referências à morte

Falas contidas nos desenhos
<i>O soldado morto [...]. A cabra morta [...].</i>
<i>[...] ceifando vidas de jovens e crianças [...]. Muita gente morta [...]. Pessoas mortas por rebeldes [...]. Morto. Morto [...]. Estás morto [...]. Vão morrer já [...].</i>
<i>Acertei um dos nossos. Já matamos dois! Foi morto. Meu Deus, perdi os meus Alferes na batalha agora me sinto só, sem eles [...].</i>
<i>[...] matamos todos, nessa aldeia [...]. Vamos morrer [...] o marido perdeu a vida na guerra [...].</i>
<i>[...] vamos morrer como os nossos companheiros.</i>
<i>Esta mão demonstra que havia pessoas lá dentro. Duas pessoas mortas nestas casas [...].</i>
<i>Havia muitos mortos [...]. Tanta gente a morrer em vão [...]. Este padre foi morto estava a caminho da Igreja. O carro foi queimado e morreu dois soldados [...]. O soldado caído no chão e morto pela defesa da pátria. [...] Cemitério dos tropas. Túmulo de uma criança.</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

Verificou-se que os participantes fizeram menção à morte em quase todas as ilustrações. A morte foi mencionada 87 vezes. Durante a guerra, muitos vestígios de restos mortais e sangue, entre outros, mostravam carros e casas onde muitas vidas pereceram.

Muitos relataram cenas de jovens, crianças e adultos caídos no chão ou mortos, independentemente da situação sócio-política, econômica, cultural, militar e religiosa. Alguns morreram em defesa da pátria e outros como vítimas das injustiças da guerra.

Foram descritas cenas de cemitérios como referência a inúmeras perdas, como também foram observadas expressões de lamentos e angústia pelas separações e mortes sem sentido, “em vão”.

Descrições de animais domésticos mortos durante os conflitos demonstraram que durante a guerra a morte maciça era permanente.

Tabela 7 – Núcleos de significação: Pedido para não matar

Falas contidas nos desenhos

Falas contidas nos desenhos

Eu não quero morrer, eu não quero morrer [...].

Oh não [...]! Por favor, não me mate, [...] eu faço tudo o que quiseres, mas, por favor, não me mate. Não me mata [...]. Não me mata, por favor [...], não fiz nada não [...].

[...] tropa dá dois tiros a uma pessoa a pedir perdão [...] Ai! Ai perdoe-me!

Esses vão acabar de nos matar. Não me mata ai, ai. [...] Perdão eu vos dou tudo, mas não me mata [...]. Pede favor para não ser disparado [...].

Ai meu Deus não quero morrer [...] vou correr muito para não ser apanhada.

Fonte: Elaborada pela autora.

Com base nas falas dos participantes, foram vários os pedidos para que a própria vida fosse poupada, com uma profunda consternação diante da barbaridade daqueles que haviam perdido o sentido da própria vida e da dos outros, uma banalização da vida por parte de algozes inescrupulosos.

Foram bastante comoventes os pedidos de clemência e as promessas de se fazer qualquer coisa para preservar a própria vida. Os “*não me mate, por favor*”, “*não fiz nada*”, nos fazem sentir a trágica e dolorosa carga emocional experimentada frente à ameaça de violência e morte. Falas revelam momentos de medo e impotência diante de perigos reais vividos nas zonas de conflito.

Tabela 8 – Núcleos de significação: Sofrimento/dor e morte de familiares

Falas contidas nos desenhos

[...] tropa a matar um bebê e a mãe está a lamentar Wawé! Mataram o meu filho [...]. Vamos voltar meus filhos [...]. Pai a fugir porque já morreram os dois filhos na guerra. Tanta dor mesmo e tanto sofrimento. Eu já não aguento [...] tanta dor.

Uma família infeliz! O sorriso já não mora nesta família. Esta mulher tem poucos motivos para sorrir pork a guerra lhe levou o seu sorriso.

Um avião explode altas bombas numa região, mata muitas famílias. Vamos acabar com toda essa família.

Vou mudar de aldeia [...]. Arranjar uma vida melhor para a sua família. Desisto disto. Não sei o que estamos a fazer, sem guerra estaríamos bem, mas a vida não está nos permitir.

Meu Deus, sofrimento não acaba, já não consigo resistir vou morrer. Eu já não quero dessa vida.

[...] manos não, vão em frente eles estão mesmo ali. Para mano, deixa isso mataram o meu marido.

Estou bem, mas pensando na minha família [...]. Vou falar com o General [...] para me tirar do exercito, porque não quero que minha família me perde.

Falas contidas nos desenhos

Pai a cuidar da sua família depois de perder a mulher [...]. Proteger a família de casa para não morrerem. Abandonado sem família.

Crianças maltratadas [...]. Estavam a brincar no pátio da casa [...] os militares entraram as crianças espalharam-se e um deles apanhou tiro na cabeça [...]. Houve uma criança em que no momento do fogo, queria ir chamar a mãe, mas não deu tempo. Morreu.

Crianças que foram abandonadas [...]. Eu não quis matar as crianças.

O bombardeamento [...]. Crianças indo para escola. Avo, eu e primos, gente levando alimento na cabeça vindo da lavra, caminhando 220 km em busca de alimentação. Minhas tias chorando vendo os meus tios amarrados.

Tanta fome [...]. Porque a guerra eu já não aguento. Comer uma fruta [...] ya meu, tanta fome [...].

Fonte: Elaborada pela autora.

Havia diversos relatos de grande sofrimento e dor, e de lamentações por parte de pais que assistiram a seus filhos serem mortos, sem que nada pudessem fazer.

Pessoas andando quilômetros em busca de alimento, sem destino certo, foi outra experiência descrita, como também a de crianças órfãs, separadas de suas famílias, abandonadas e submetidas a diversos maus-tratos físicos e psicológicos.

Havia cenas que descreviam crianças com medo de ir à escola devido aos bombardeios, que podiam acontecer a qualquer momento. Estes episódios desesperadores criavam uma instabilidade emocional que comprometeria o futuro destas crianças, por falta de segurança emocional. Perante as incertezas acarretadas pela guerra, surgiram muitas indagações sobre as razões da guerra, da dor e do sofrimento. O cansaço causado pela longa e terrível guerra provocou em alguns a vontade de desistir da vida.

Tabela 9 – Núcleos de significação: Medo e aflição

Falas contidas nos desenhos

Estamos encurralados [...]. Inimigo a vista [...]! Sim! É melhor sairmos mesmo [...]. Estamos encurralados e apanhados de surpresa [...] defende-se o melhor que puder.

Protegem o caminhão dos armamentos [...]. Cuidado eles estão próximos.

Temos de andar rápido [...]. Sem ter certeza que o inimigo morreu André põe-se a caminho.

[...] este indivíduo está ir avisar na comunidade que o padre foi morto.

Falas contidas nos desenhos

Porque, senhor, eu não fiz nada [...]. Gente o que faço? Ai meu Deus, eles são muitos [...]. Ai meu Deus, vou morrer ao lado da Igreja.

Os militares já estão na aldeia a vossa procura. Estávamos à espera deles [...] caíram na emboscada [...]. Está a procurar a arma para se prevenir.

Fonte: Elaborada pela autora

Medo, aflição, desgosto e tristeza estavam presentes na maioria das falas e desenhos revelando a gravidade das vivências traumáticas. Havia muito medo de ser atingido inesperadamente, levando a uma busca constante de locais que oferecessem maior segurança.

Havia falas nas quais os participantes declaravam estar encurralados, buscando soluções de defesa e proteção diante do inimigo que estava à vista, de modo que não fossem apanhados de surpresa. Em atitude de desespero, alguns invocavam a presença de Deus, como forma de proteção.

Tabela 10 – Núcleos de significação: Pedido de socorro

Falas contidas nos desenhos

[...] vamos voltar na base, para busca de reforço [...]. O soldado ferido encontra-se no hospital militar [...]. Socorro! Socorro! Socorro, por favor, ajudem-nos [...].

O socorro de um homem atingido [...]. Socorro, socorro, vou morrer não aguento mais [...]. Meu Deus! Preciso de ajuda, mas não tenho ninguém para me ajudar. [...] papá amarraram um moço aqui, vamos o tirar [...].

Este carro tenta buscar o povo que se encontra em aflição [...]. O novo reforço com mais tropas para a destruição.

Apoio da parte que estava a lutar para povo [...]. Aqui é um hospital onde tão a socorrer alguém que foi atingido.

Estamos reduzidos em poucas unidades [...]. Alguém me ajuda estou a sangrar. Fui atingido [...] oh oh...!! Fui atingido. Ai! Fui atingido.

Meu Deus, salve a minha filha [...]. Meu Deus [...]! [...] socorro! Que vida inútil!

Chefe, deste lado fala o João, nós precisamos de reforço, porque eles estão a nos derrotar e está a morrer muita tropa. João, não se desanime nem sempre uma derrota é o termino de uma guerra.

Alô João, aqui fala o general, eu vou à busca de reforço, porque nós precisamos meter o nosso país em paz, só assim estaremos bem.

Essa imagem ilustra uma senhora a pedir ajuda, porque o seu filho está à beira da morte e logo ao chegar a ambulância, acabou por falecer.

Meu Deus ajuda-me a chegar logo no bairro para avisar que estamos a ser atacados pelos os nossos vizinhos que vivem do outro lado [...]. Não faça isto com ele [...].

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com os relatos, os pedidos de socorro estavam ligados à necessidade de apoio, reforço militar, material de guerra, assistência médica para os feridos e liberdade.

Através das expressões utilizadas pelos participantes, observamos que os pedidos de socorro eram sempre urgentes, desesperados e imprevisíveis. Assim diziam: “*por favor, ajudem*”, “*meu Deus, salve a minha filha*”, “*acionei uma mina*”, “*não aguento mais*”, “*preciso de ajuda*”, “*estamos reduzidos*” e “*fui atingido*”.

As lamentações sobre a situação real eram contínuas considerando-se o absurdo da situação em que se encontravam. Havia uma constante ameaça à vida, os recursos eram escassos, os ataques, as derrotas e os desânimos, constantes.

Tabela 11 – Núcleos de significação: Cenas traumáticas específicas

Falas contidas nos desenhos

Pessoa amarrada pronta a ser fuzilada! Ai! Ai! Ai! Ai! Violentada, amordaçada e cortada a cabeça com o filho a ver. Crianças maltratadas [...]. Papá, amarraram um moço aqui [...].

[...] tropa a matar um bebê e a mãe está a lamentar [...]. Um jovem revoltado, disparando contra o inimigo.

Estamos encurralados e apanhados de surpresa, defende-se o melhor que poder [...] acionei uma mina [...].

[...] uma senhora a pedir ajuda porque o seu filho está à beira da morte [...] ao chegar a ambulância, acabou por falecer.

A imagem ilustra uma senhora que ficou totalmente queimada [...] pessoas queimadas no comboio [...] 2001.

Fonte: Elaborada pela autora.

Em muitos relatos, havia cenas violentas e traumáticas, como as de pessoas amarradas para serem fuziladas.

Eram frequentes os testemunhos de morte de familiares, tais como o filho assistindo à decapitação do pai, a mãe desesperada ao ver o assassinato do filho de tenra idade e a morte do filho ferido por falta de assistência médica após o ocorrido.

Tabela 12 – Núcleos de significação: Consequências traumáticas da guerra

Falas contidas nos desenhos

A guerra afecta psicologicamente, a pessoa vive traumatizada [...]. Hoje vive traumatizado.

Falas contidas nos desenhos

Estes são os senhores que ficaram deficientes e traumatizados depois de muito tempo de guerra.

Uma senhora a lamentar [...]. Guerra maldita vai nos causar muitos danos.

Eu combati em benefício da pátria [...]. Que vida inútil [...]. Só bebendo me sinto vivo! Álcool, vida da minha vida!

Um jovem cheio de vício bêbado fumando não se apercebe da guerra através do álcool e ainda é abusado pelo um rato [...]. Um rato abusar um jovem bêbado.

Os conflitos armados deixaram lembranças e muito tristes na vida das famílias angolana. Eu vim da mata a minha mente não está boa.

Está com trauma psicológico. Causado danos físicos e psicológicos. As guerras causam danos psicológicos. Uns perdem a memória, os familiares, as casas, etc.

Depois da guerra terminar ficam totalmente traumatizados, outros até chegam a ficar malucos. Estas guerras estão a tornar-me violento com a minha família. Um jovem revoltado, disparando contra o inimigo. Maldita guerra matou meu irmão, agora estou sozinho.

Estas guerras estão a tornar-me violento com a minha família. Único sobrevivente de guerra. Maldita guerra matou meu irmão, agora estou sozinho. Eu combati em benefício da pátria...!

Ai meu Deus! Mataram meu pai minha mãe, minha irmã! Vou ficar com quem nesse mundo [...].

Fizeste-nos perder todas as nossas famílias por amor à pátria e perdemos a guerra! Perdi tudo sou o único sobrevivente! Sem escolas, até os meus amigos!

[...] perdeu um dos membros na batalha do Moxico. Hoje vive traumatizado.

40 anos depois. Já em 2015, Ernesto tenta se fazer reconhecer na lista dos antigos combatentes. Meu nome é Ernesto, pertenci no quartel general da 6 Brigada Infantaria o seu nome não consta na lista. Sr... Retira-se!!! Traumatizado com a resposta, ficou doente e acabou por morrer!

Está com trauma psicológico. Único sobrevivente de guerra [...].

Desde que a guerra começou sempre que estou com raiva me apetece mata! [...] já não basta o meu pai que ficou maluco com esta guerra.

[...] enfraquece ou impossibilita o desenvolvimento de uma região e nestes casos os pobres sofrem mais e muito.

O desentendimento traz consigo muitos problemas [...]. Uma aldeia em guerra por causa das complicações que o país possui.

Crianças estudando debaixo das árvores pork a guerra destruiu grande parte das escolas no município do Cazengo.

Se hoje o país não se desenvolve é fruto da guerra. Consequência da cegueira.

Escola do ensino geral. Jovens reunidos para atacarem a escola [...]. Escola

Falas contidas nos desenhos

vandalizada por grupos de jovens rebeldes. Estudantes inocentes daquilo que irá acontecer. Estudantes estão a ser perseguidos para a morte.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os participantes apontaram como consequências da guerra a perda de famílias inteiras, a perda de bens e a destruição da infraestrutura. Frisaram diversos tipos de traumas psicológicos, como por mutilação, pelo enlouquecimento de parentes ou por morte de entes queridos.

Tanto essas mortes quanto a desestruturação familiar levaram a profundos sentimentos de abandono e solidão.

Entre as consequências econômicas, destacaram-se o subdesenvolvimento do país em todos os setores e a inadequação das escolas. Havia relatos de crianças órfãs, abandonadas, sobreviventes sem família, como também de aumento da violência social. Muitos dos soldados que prestaram serviço militar, dos mutilados e das pessoas com necessidades especiais não eram reconhecidos e valorizados, o que agrava ainda mais a sua situação traumática.

Tabela 13 – Núcleos de significação: Fuga da violência e da guerra

Falas contidas nos desenhos

O pai e a mãe a fugir. Pai e mãe grávida a fugir através das bombas. Pai a fugir porque já morreram os dois filhos na guerra.

Palmeira de onde se escondem militares. Vamos sair daqui, eles têm armas muito potentes.

A pequena aldeia e sua população a fugir da guerra. Gente a fugir a guerra, A irem à mata. A população está a fugir da aldeia que está a ser atacada. Pai a fugir porque já morreram os dois filhos na guerra.

Pai e mãe grávida a fugir através das bombas. Vamos, vamos [...] vem com as crianças. Mulher, não, vamos fugir, vamos lá!

Correm o inimigo aproxima-se. Recuem o inimigo aproxima-se. Fugindo, bombardeamento da escola. Pegando lenha e comida na lavra.

Aqui com a pressa de fugir esqueceram-se da criança que tava no quarto. Aldeia isolada uns dentro de casa outros na mata.

Pai [...] Pai! O que foi filho? Estamos a ser atacados aquém no povo vizinho do outro lado. Pai, temos a nos esconder o mais rápido possível para não sermos mortos dentro de casa, vamos pai [...] será mesmo que o meu filho está a falar a verdade sobre os nossos inimigos, mas tenho que ir avisar no meu compadre.

Oh! Fizeste bem. Vamo-nos apreçar [...] compadre, agorinha mesmo [...] disseram-me que estamos a ser atacados temos de correr.

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com a análise dos dados, a guerra provocou um estado de deslocamento contínuo. Conforme a destruição das aldeias, vilas e cidades iam acontecendo, as pessoas procuravam novos esconderijos. E algumas localidades ficavam isoladas. Os relatos foram de que famílias inteiras, mulheres grávidas e crianças se punham em fuga devido aos ataques sucessivos.

Ninguém conseguia suportar os ataques e os bombardeios. Os participantes relataram que era preferível fugir e esconder-se nas matas do que ficar dentro das casas onde o perigo era iminente.

Em uma atitude de solidariedade, os vizinhos trocavam informações sobre os acontecimentos dos ataques sucessivos, para que todos se precavessem. Durante a fuga, as pessoas sentiam muito medo e aflição, a ponto de, em algumas situações, os pais esquecerem as crianças nos quartos.

Tabela 14 – Núcleos de significação: Arrependimento

Falas contidas nos desenhos

Hoje me arrependo por ter enfrentado o adversário enquanto tinha tempo para se esconder.

Agora estou muito mal, vos fiz matar.

Se arrependeu, porque matou muita gente.

Fonte: Elaborada pela autora

Dos 51 participantes, apenas três fizeram referência ao arrependimento. Um deles estava arrependido porque enfrentou o adversário. O segundo sentia-se mal porque mandou matar muita gente e o último estava arrependido por ter matado muitas pessoas.

A seguir foi elaborada uma nuvem de palavras com o objetivo de identificar as palavras utilizadas mais frequentemente pelos participantes.

Gráfico 3 – Nuvem de palavras a partir das falas dos desenhos



Fonte: Elaborado pela autora.

A nuvem de palavras, segundo as falas dos desenhos, foi construída sobre o mapa da África com as cores da bandeira de Angola.

Foram utilizadas as cores da bandeira de Angola. A cor preta representa o continente africano. O vermelho-rubro simboliza o sangue dos angolanos derramado em três momentos - durante a opressão colonial, a luta de libertação Nacional e a defesa da Pátria. O amarelo representa as diversas riquezas minerais do País.

As palavras que se destacaram foram: vamos, matar, vou, morrer, minha, família, já, inimigo, acabar, tropas, Deus, tudo, vida, estou, soldados, militares armados, jovem, mata, atingido, filho, combate, morto, essa, bomba, batalha, fugir, tropas, pai, mãe, crianças, socorro, população, gente e conflito.

7.4 Análise dos questionários

Além da técnica projetiva não verbal, também foi feito um breve questionário sobre as vivências e memórias da guerra. Embora os desenhos tenham sido exaustivos e acompanhados por histórias em quadrinhos, também optamos por analisar esses dados devido à sua pertinência e para complemento do conteúdo.

De acordo com os diversos elementos identificados nos dados contidos nos questionários, foram estruturados 10 temas.

Tema 1: Idade e Sexo

48 participantes, de 16 a 26 anos de idade, responderam aos questionários.

Entre estes, 35 eram homens e 13 mulheres, distribuídos de acordo com as seguintes faixas etárias: dos 16 aos 20 anos, 8 eram homens e 12 mulheres; dos 21 aos 26 anos, 27 eram homens e (1) uma mulher.

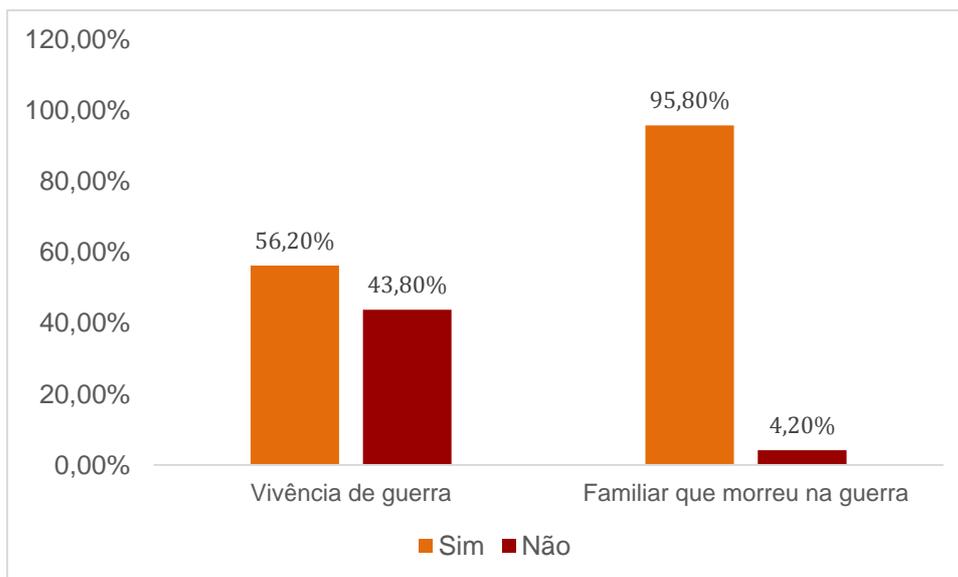
Tema 2: Experiência de guerra

Entre os participantes, 56,20% contaram que tiveram experiência direta na guerra e 43,80%, que não participaram diretamente, conforme o gráfico 4.

Tema 3: Morte ou sofrimento de familiares durante a guerra

Entre os participantes, 95,80% disseram ter tido familiares mortos ou que tenham sofrido durante a guerra, e apenas 4,20% responderam que não tiveram nenhum, como indicado no gráfico 4.

Gráfico 4 – Vivência de guerra e familiar que sofreu e morreu na guerra



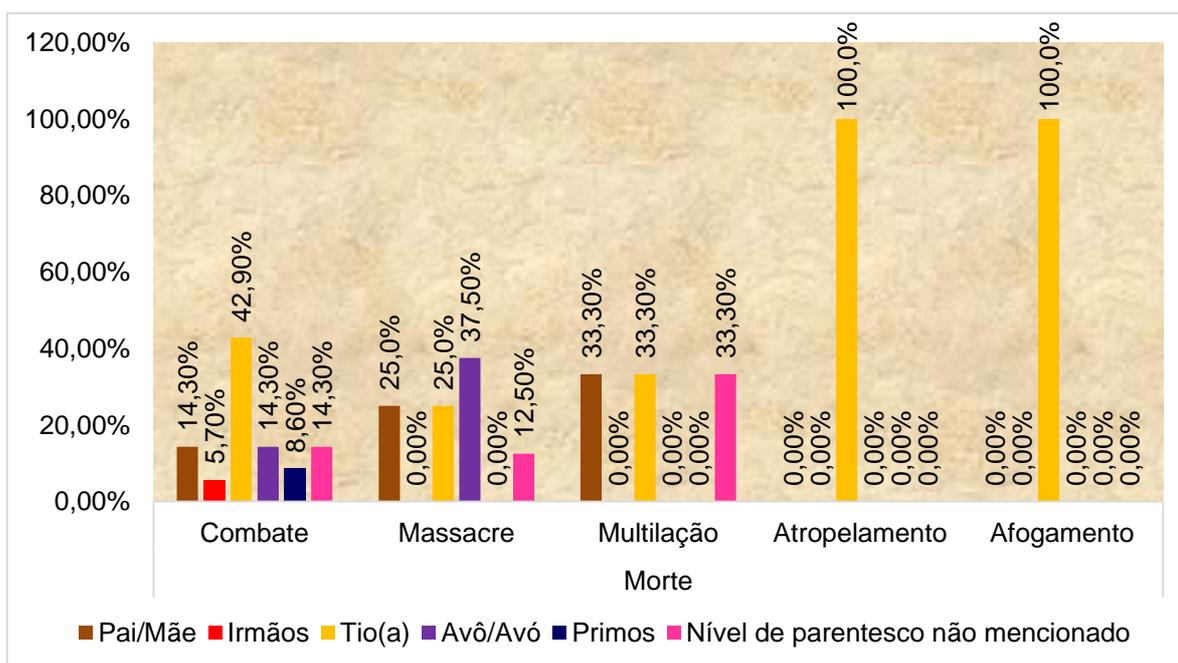
Fonte: Elaborado pela autora.

Tema 4: Morte de familiares e formas de falecimento

Os participantes contaram que muitos familiares perderam suas vidas na guerra, como também outras pessoas, conhecidas ou não. Relataram que as formas como ocorreram essas mortes foram diversas: em combate, ataque, atentado, causas desconhecidas, desaparecimento, massacre, mutilação, atropelamento e afogamento, como expresso, por exemplo, na fala de um participante: “*eram capturados e mortos por afogamento todos os outros soldados*”. Outro participante contou que seu tio, quando regressava da roça, foi obrigado a engolir a camisola (camiseta) até acabar morrendo.

Ao fazer o cruzamento das formas de falecimento com o nível de parentesco, destacaram-se os tios, com 42,90% mortos em combate, 33,30% por mutilação e 25,0% em massacre, tendo-se registrado também uma porcentagem, embora mínima, de atropelamento e afogamento. No caso dos avós, 37,50% foram mortos em massacre e 14,30% em combate. Em se tratando de pessoas com nível de parentesco não mencionado, 33,30% morreram por mutilação, 14,30% em combate e 12,50% em massacre. E, por último, evidenciaram-se 8,60% de mortes de primos e 5,70% de irmãos, conforme o gráfico 5.

Gráfico 5 – Formas de Morte e Nível de parentesco



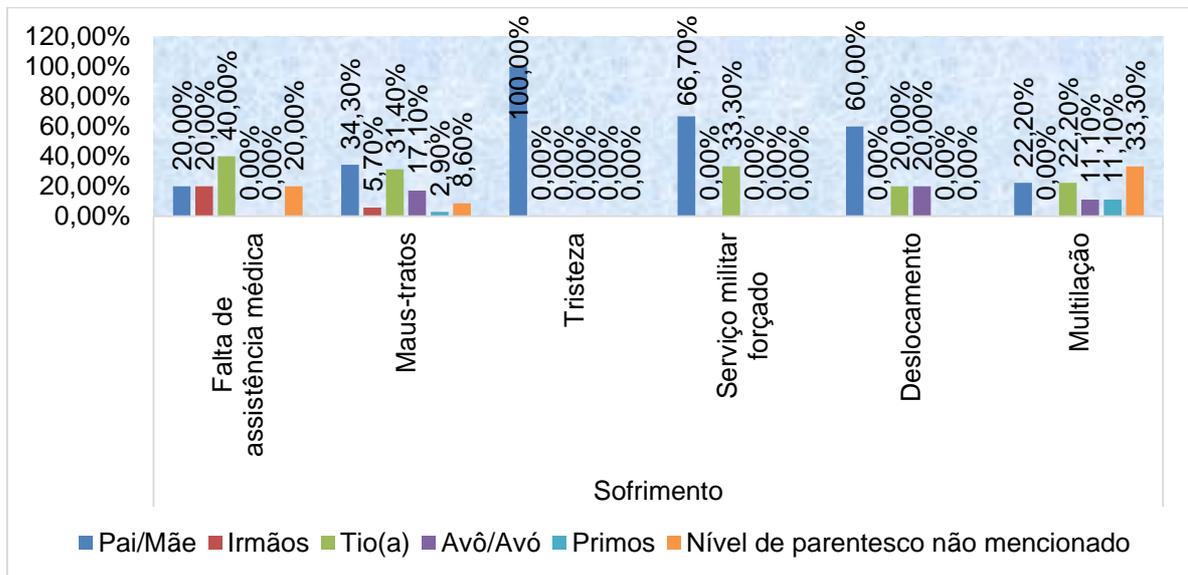
Fonte: Elaborado pela autora.

Tema 5: Formas de sofrimento e Nível de parentesco

Foram descritas como formas de sofrimento de “*momentos difíceis e inesquecíveis*”: falta de assistência médica, procura por melhores condições de vida, prisão, espancamento, serviço militar forçado, separação da família por longo tempo, deslocamento imprevisível por longas distâncias a pé e com fome, mutilação, tristeza pelos momentos sofridos, ameaças, pessoas acionando minas e presenciando a destruição de suas casas.

As diversas formas de sofrimento foram agrupadas em categorias. Para os pais, a falta de assistência médica representou 20,00%, a mutilação 22,20%, os maus-tratos 34,30%, o deslocamento 60,00% e o serviço militar forçado 66,70%. Para os irmãos, a falta de assistência médica foi de 20,00% e os maus-tratos 5,70%. Para os tios, a falta de assistência médica representou 40,00%, os maus-tratos 31,40%, o serviço militar forçado 33,30%, o deslocamento 20,00% e a mutilação 22,20%. No caso dos avós, 17,10% sofreram com maus-tratos, 20,30% com deslocamento e 11,10% com mutilação. 2,90% dos primos ficaram marcados por maus tratos e 11,10% por mutilação. Em se tratando de pessoas com parentesco não mencionado, 33,30% sofreram com mutilação, 20,00% com a falta de assistência médica e 8,60% com maus-tratos, de acordo com o gráfico 6.

Gráfico 6 – Formas de sofrimento e Nível de parentesco



Fonte: Elaborado pela autora.

Tema 6: Consequências da guerra

Para os participantes, as consequências da guerra foram diversas. As marcas psicológicas e físicas foram mencionadas por 23,10%, de acordo com a fala de alguns: *“A guerra hoje trouxe para mim consequências psicológicas, assim como isolamento diante dos outros, o nervosismo, sentimento de raiva para com os outros em simples fatos ou detalhes”*.

“Minha tia até hoje é alcoólatra. Acredito eu que ela nunca superou o sofrimento da morte de suas filhas”.

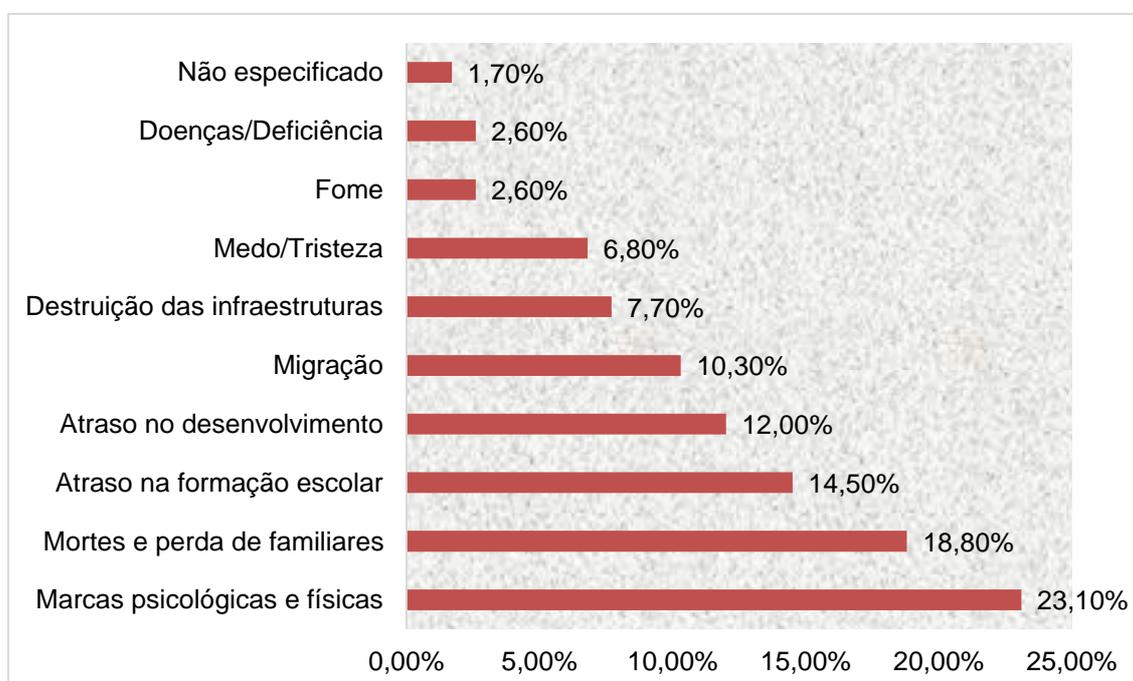
As mortes e perdas de familiares foram relatadas por 18,80%, sendo também outras perdas mencionadas como, por exemplo, a perda de bens: *“perdemos quase tudo, por separações de distâncias, perda de documentos, meu pai perdeu emprego, uma grande perda”*. O atraso na formação escolar, tanto pessoal como dos pais, foi citado por 14,50%, de acordo com a fala: *“Por causa dela, os meus pais não terminaram os estudos [...] não tiveram tempo para estudar e nem oportunidade porque tiveram na frente de combate em favor do país”*.

Entre os participantes, 12,00% apontaram também o atraso no desenvolvimento em todas as dimensões da vida como, por exemplo, na agricultura, que não era mais praticada de modo geral e que sempre foi uma forma de sustento.

A migração, deslocamento de um lado para o outro, foi citada por 10,20%, a destruição das infraestruturas por 7,70%, os sentimentos de medo e tristeza não superados por 6,80%, a fome, as doenças e deficiência por 2,60%, que se resumem na expressão de alguns dos participantes: *“Fez com que vivêssemos sem uma boa saúde. Trouxe doença cardiovascular ao meu pai”*.

“Destruíu a nossa casa e vivemos em casa de renda e o meu pai não foi acolhido pelo governo, agora é um Zé ninguém”. Finalmente, 1,70% apontou consequências não específicas, como indicado no gráfico 7.

Gráfico 7 – Consequências da guerra

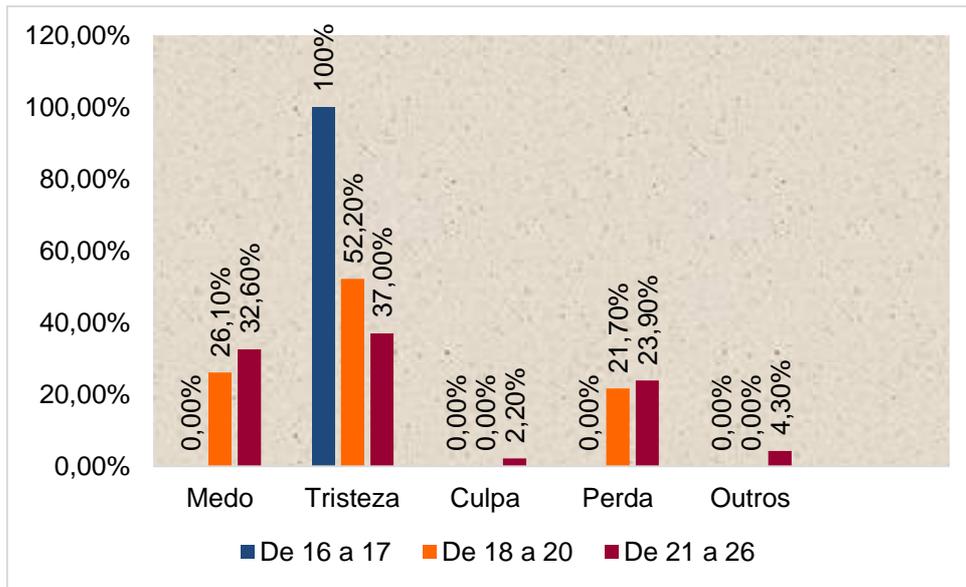


Fonte: Elaborado pela autora.

Tema 7: Sentimentos de vivência de guerra e Idade

O gráfico 8 mostra que os participantes expressaram sentimentos de tristeza, medo, perda, culpa, entre outros, devido à situação de guerra. Cruzando os sentimentos com a idade, verificou-se que, entre os jovens de 16 a 17 anos de idade, 100% manifestaram tristeza. Entre os jovens de 18 a 20 anos, verificou-se tristeza em 52,20%, medo em 26,10%, perda em 21,70%. Entre os jovens de 21 a 26 anos, 37,00% declararam tristeza, 32,60% medo e 23,90% perda.

Gráfico 8 – Sentimentos de vivência de guerra e Idade

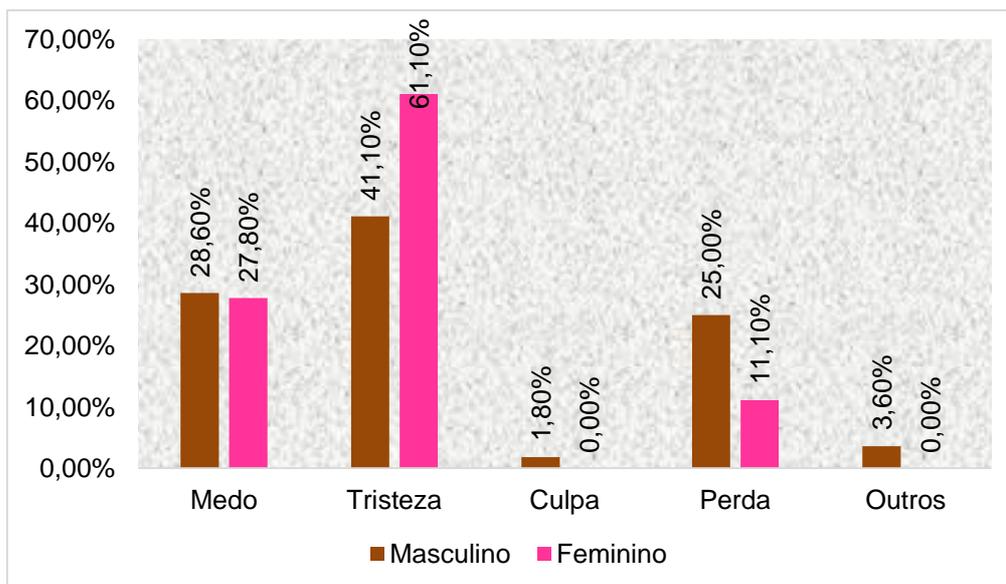


Fonte: Elaborado pela autora.

Tema 8: Sentimentos de vivência de guerra e Sexo

No gráfico 9, foram detectadas diferenças entre homens e mulheres em relação aos sentimentos de vivência de guerra. A tristeza prevaleceu, sendo mais significativa entre as mulheres, com 61,10%, do que entre os homens, com 41,00%. Em relação ao medo, não foram encontradas diferenças significativas entre homens, com 28,60%, e mulheres, com 27,80%. Já na perda, houve maior menção entre os homens, com 25,00%, do que entre as mulheres, com 11,10%. Quanto à culpa e outros sentimentos, foram mencionados apenas pelos homens, com 1,80% e 3,60%, respectivamente.

Gráfico 9 – Sentimento de vivência de guerra e Sexo



Fonte: Elaborado pela autora

Tema 9: Momentos marcantes da guerra

O gráfico 10 apresenta a distribuição dos momentos marcantes da guerra. O sofrimento marcou a vida de muitos, 25,30% dos participantes, que disseram: “*foi muito doloroso; momentos tristes que não gostaria que se repetisse*”. Em seguida, as mortes foram mencionadas por 23,10%: “*a morte de milhares de indivíduos; a perda de muitos angolanos*”. Destruição e ataques por 19,80%, migração por 15,30%, necessidades básicas como fome e sede por 11,00%, e os que afirmaram não terem passado momentos marcantes foram 5,40%.

Em relação ao sofrimento, os participantes disseram o seguinte:

“*Os momentos de guerra que mais me marcaram foram aqueles em, quando eu ia a escola tinha de voltar correndo com um projétil por trás de mim, caminhar léguas e léguas a pé à procura de melhores condições de vida*”;

“*Meus primos e meu avó raptados, o que fizeram com eles sabe Deus*”;

“*O momento de guerra que mais marcou a minha vida foi quando o meu irmão foi levado por soldados para a mata. Foi muito surrado, insistindo que capinasse uma estrada com faca. Isto criou-lhe marcas. (Isto criou-lhe uma cicatriz)*”;

“*Mas eu não sei se algum dia ficarão saradas as feridas que levo no meu tecido humano. Será que um dia essas memórias se irão apagar da minha mente? São lembranças que se ao fim de 25 anos ainda vivem em mim, não acredito que as*

esquecerei um dia. Ninguém me contou. Eu vi e vivi [...]. Tanta angústia no passado [...].

Quanto à morte, os participantes relataram:

“Os momentos marcantes que vivi do período de guerra foi quando eu encontrei tanta gente morta em uma casa abandonada onde eu, a minha mãe e os meus irmãos nos abrigamos de uma chuva. Foi realmente uma experiência muito marcante para mim”;

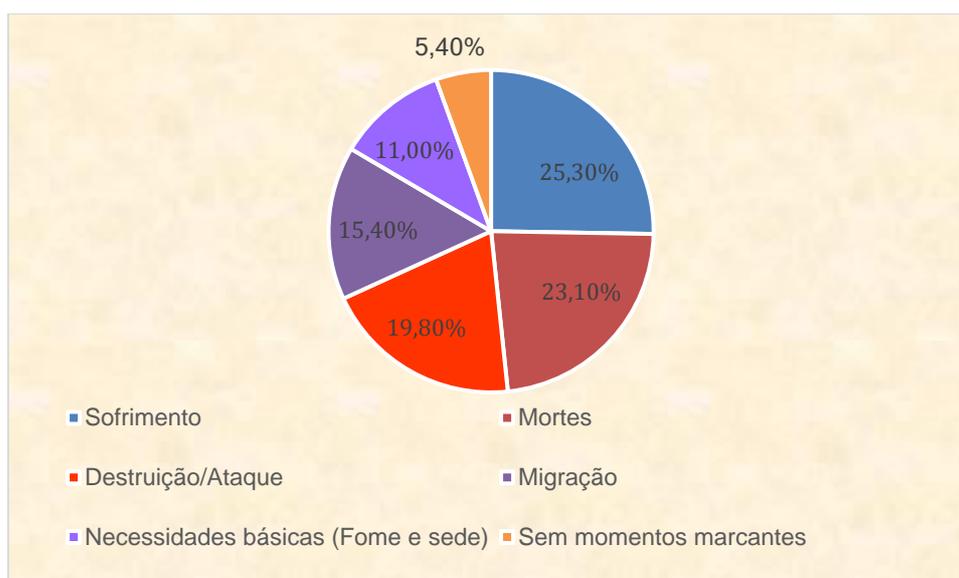
“Muitos momentos que marcaram a minha vida, quando via ruas repletas de corpos, quando via pessoas inocentes a serem queimadas, quando via crianças fora do seio familiar e quando via tanques repleto de soldados para matar”;

“Será que um dia irei esquecer aqueles cadáveres que eu, aos oito anos, saltei nas elevações do Cunje, no Cuíto”;

“Eu, aos oito, anos vi gente morrendo de fome, e não são pessoas estranhas, mas sim primas irmãs minhas que hoje teriam minha idade”;

“Minha tia perdeu três filhas em um mês, uma atrás da outra. Uma foi enterrada em uma caixa, a outra em uma chapa de zinco e a última apenas em um pedaço de lençol [...] não tem noção do que é uma mãe vendo as filhas morrendo de fome e não poder fazer nada?”

Gráfico 10 – Momentos marcantes da guerra



Fonte: Elaborado pela autora

Tema 10: Reação ao encontrar alguém que esteve ligado à guerra

No gráfico 11, fez-se a análise das reações dos participantes em relação aos que estiveram diretamente ligados à guerra. Observou-se que 40,00% disseram que sua *“reação é de muita tristeza”*, e verbalizaram que os acontecimentos *“marcaram tristemente a minha memória; sentimento de dor e angústia”*.

“Reajo com muita dor e tristeza principalmente quando vejo um antigo combatente da pátria deficiente e não serem dado o seu devido valor, tratados como nada por muitos, principalmente pelos grandes dirigentes do nosso país, às vezes fico com um grande sentimento de muita tristeza” .

A revolta foi citada por 18,60% dos participantes, que disseram ter reagido *“com sentimento de revolta”* e que as marcas eram profundas. *“Cria-se um sentimento de revolta ao passado triste [...]”*;

“São coisas que não nos saem da mente”;

“O sentimento é de tristeza e ao mesmo tempo de revolta, pensando nos entes queridos. Não é fácil conter os sentimentos que se originam da alma. Cria-se também um espírito de revolta, principalmente se for alguém cujos sinais foram marcados no corpo”.

No entanto, 18,60% afirmaram que admiravam os que combateram e reagiam de modo normal porque: *“muitos que ficaram ligados à guerra foi por obrigação”*;

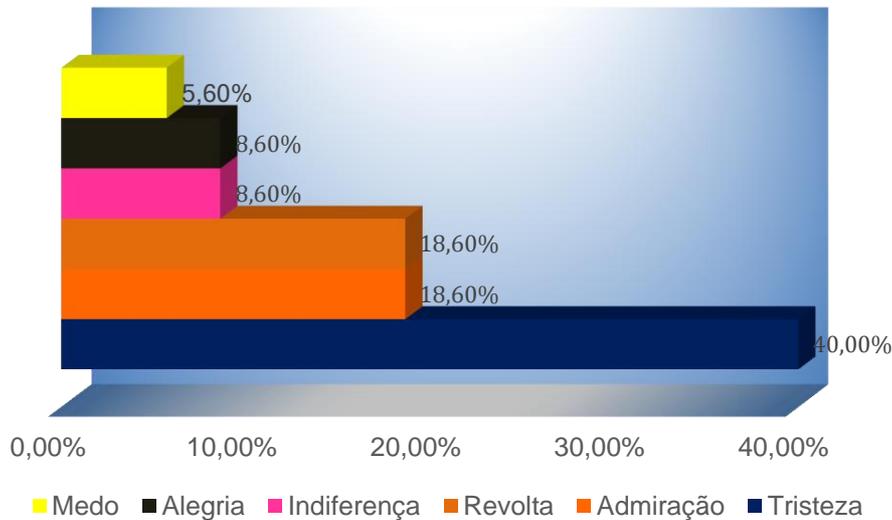
“Reajo com um espírito de admiração e respeito porque esses são heróis. Sinto-me orgulhosa pela mesma porque passou um momento terrível e conseguiu sobreviver da mesma”;

“Devemos ter o espírito de amor e perdão”.

Outros disseram que reagiam *“com indiferença e os olharia mal; eu prefiro manter sempre a distância com esse tipo de pessoa”*. A indiferença foi declarada por 8,60%, assim como o sentimento de alegria, numa atitude de regozijo expresso: *“Eu me sinto regozijado por ver como sobrevivente e participante pela nossa paz”*.

Por fim, 5,60% disseram que a sua reação era de medo e poderia levá-los a problemas psicológicos.

Gráfico 11 – Reação ao encontrar alguém que esteve ligado à guerra



Fonte: Elaborado pela autora.

Tema 11: Relatos de momentos específicos da guerra

Foi verificado que 26,80% dos participantes relataram episódios de fuga em que passaram por muitas dificuldades, fugindo de um lado para o outro, revelados nas seguintes afirmações:

“[...] eu tinha 7 anos e percorri grandes distâncias, andávamos com a guarda de forças policiais, pessoas correndo, chorando, saíamos a pé de [...] fugindo dos chamados inimigos [...]. Caminhamos entristecidos vendo amigos a serem decapitados; já vi gente vestido de camiseta e o inimigo dizia: “eu não vou matar você, mas este que está na camiseta” e de lá davam um tiro e a pessoa morria. Já vi pessoas morrendo a tentarem engolir a camisola, as vezes é triste e dá uma vontade de chorar quando lembro destes fatos que marcaram a minha vida”.

Entre os participantes, 21,40% reconheceram momentos de incapacidade:

“[...] não seria, porque os transtornos, a dor, o sofrimento deixou várias sequelas e prefiro não recordá-las, é duro para mim”;

“[...] não seria capaz de contar [...], porque um indivíduo que vive no momento de guerra nunca vai ser a mesma pessoa porque sofre traumas”.

Os momentos mãe e filho representaram 14,30%, evidenciados pelas falas seguintes:

“[...] minha mãe caminhou comigo nas costas de Samba a pé, presenciando várias cenas de mortes”;

“[...] minha mãe esteve grávida do meu terceiro irmão e perdeu o mesmo a fugir da situação de guerra”;

“[...] a minha mãe contou-me que já fugiu correndo comigo no colo para ser mais uma vítima. [...] era pequena, vivíamos em uma aldeia pequena e ouvimos de repente alguns tiros e a minha mãe mandou-nos meter várias roupas para que se morrêssemos não apodreceríamos nus”;

“[...] quando eu, a minha mãe e o meu irmão mais velho fomos à lavra arrancar ginguba e infelizmente accionou uma mina; cortou-lhe a perna. Hoje meu irmão é portador de deficiência, mas nasceu bem. É o resultado disto tudo que eu passei. É o abandono... ”.

A falta de alimentos também foi citada por 14,30%, de acordo com os relatos:

“Houve bastante fome; comi sem sal. A comida principal foi rato com a kisaka e funge. [...] comendo frutos silvestres que nem sabia o que é. [...] quase morri por falta de uma alimentação saudável. Nesta época fiquei desnutrida e os meus pais, não tinha como fazer. Felizmente ali estive a mão de Deus. Nós comemos raízes de bananeira, destruimos banquinhos e batuques só pra aproveitar a pele pra ferver e comer. Comemos de tudo quanto eram vegetais que hoje nem olho”;

“Será que um dia tirarei de minha mente aquela imagem de minha prima [...] no seu leito da morte, na sala e minha tia ao mesmo tempo comendo e ainda me oferecendo um pouco do seu atum estragado, recuperado pelas tropas do governo na Zona do inimigo onde o avião militar por engano deixara cair o paraquedas com alimentos para a tropa, pois era a única coisa que a mãe tinha pra lhe oferecer pra enganar o estômago”.

Os registros de mortes, tanto de famílias como de outras pessoas, foram frequentes; 12,50% dos participantes relataram episódios de morte, frisando:

“[...] muitas das populações acabaram por morrer; a perda da família; presenciando várias cenas de mortes; era triste ver gente a morrer à toa”.

Além disso, 7,10% disseram não terem vivenciado a guerra porque eram crianças naquela época, porém contaram:

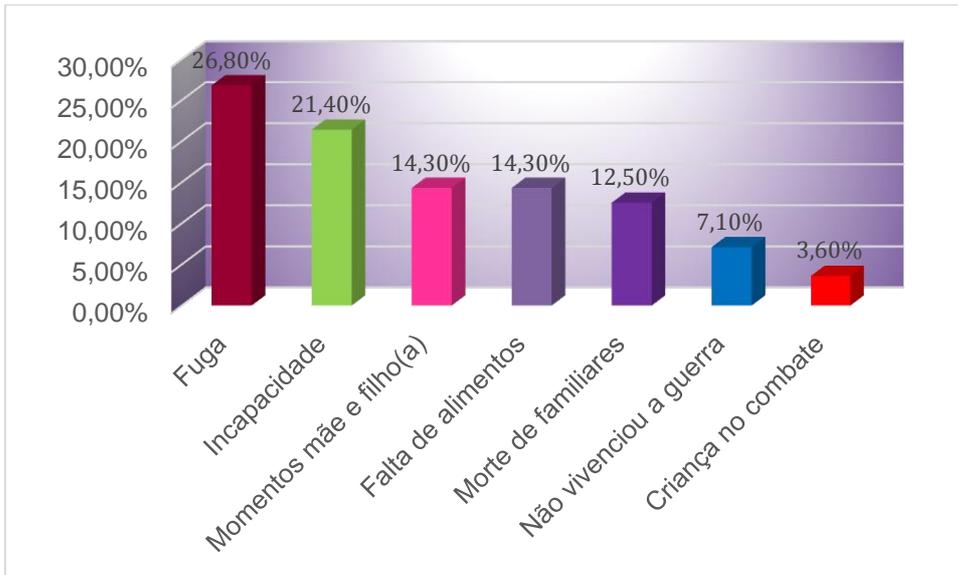
“ [...] não passei por episódio de guerra, tudo [...] acerca da guerra me contaram, ouvi por testemunhos oculares; mas não gostaria de passar por isso nunca”;

“Se eu passasse por esta experiência não sei se seria capaz”.

O restante, 3,60%, fez menção de ter participado da guerra e disse:

“[...] quando íamos combater, nós, quando crianças, o nosso trabalho era levar as armas, mochilas e ganhar algumas instruções de Karatê ou Capoeira e como dar tiros ou fazer ataque” (Gráfico12).

Gráfico 12 – Relatos de momentos específicos da guerra



Fonte: Elaborado pela autora.

Tema 12: Respostas ao questionário em nuvem de palavras

A partir das falas dos questionários, foi feito um gráfico digital sobre a Insígnia da República de Angola, em uma nuvem de palavras, para mostrar o grau de frequência das palavras usadas em diversas fontes, tamanhos e cores, indicando maior e menor relevância.

Gráfico 13 – Respostas ao questionário em nuvem de palavras



Fonte: Elaborado pela autora.

As palavras mais relevantes em tamanho, fonte e cor foram: meus, momento, família, mãe, vida, hoje, pai, trouxe, casa, mim, estava, até, era, marcou, anos, muitas, tinha, pé, sim, país, já, sua, sofreu, triste, tudo, morreu, fome, falta, causa, perdi, fugir, ataque, trauma, medo, tiro, morrer, vários, homens, outros e pais.

No conjunto de palavras foi possível observar verbos de ação, tais como: fugir, sofrer, morrer e perder.

São os diferentes sentimentos indicadores de sofrimento que os participantes expressaram nos dados. Refletem os momentos que marcaram as vidas pessoas e as diversas consequências que a guerra trouxe para as famílias.

Figura 5 – Insígnia da República de Angola sobre o qual foi construído o gráfico 13.



Fonte: Consulado de Angola no Brasil

7.5 Síntese da análise dos resultados

Concluída a fase dos resultados, destacamos alguns aspectos comuns e complementares presentes entre os desenhos e os questionários.

Os dois grupos de participantes, nos desenhos, nas falas e nas respostas ao questionário, descreveram as cenas de guerra com características bem evidenciadas e complementares, como se os acontecimentos vivenciados tivessem ocorrido naquele momento. Foram identificadas diversas cenas de guerra com pessoas mortas e em sofrimento físico e psicológico, entre elas crianças, jovens e adultos de ambos os sexos. O tipo de armamento e veículos utilizados, as ações militares e civis demonstraram a magnitude das características de um conflito armado destrutivo, ameaçador e motivado pela vingança.

Ambos os grupos manifestaram sentimentos de tristeza, medo, aflição, desgosto, abandono, solidão, perda, culpa, revolta, indiferença, angústia, amor, perdão, irritabilidade e arrependimento. Apontaram diversas consequências traumáticas e subdesenvolvimento em todas as dimensões da vida. Foi dito também que os jovens foram forçados a servir na guerra e que as crianças também teriam participado das hostilidades.

Entre os participantes dos questionários, havia jovens com menos de 18 anos, sendo que os que fizeram os desenhos tinham entre 18 e 26 anos. Ainda em relação aos questionários, dado que a participação foi por meio de perguntas e respostas, os sujeitos especificaram melhor as diversas formas de morte, sofrimento e os níveis de parentesco. A maioria afirmou ter tido experiência de guerra, e apenas dois participantes disseram que não tiveram familiares que morreram ou sofreram na guerra. Nos dois gráficos de nuvens de palavras ficaram resumidas as experiências traumáticas com consequências físicas e psicológicas, sentimentos e marcas indeléveis.

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os primeiros anos de vida são alicerces para todo o ciclo da vida e indispensáveis para o equilíbrio e harmonia das etapas seguintes, e sua consolidação, para o resto da vida. Segundo a teoria do desenvolvimento humano de Erikson (2006), a pessoa, além de não se dissociar da sua realidade contextual, se desenvolve dentro de um ciclo de vida integrativo de experiências diversas e significativas. Os participantes da pesquisa eram adolescentes e jovens adultos, com idade entre 16 e 26 anos. Eles nasceram e cresceram em clima de guerra, o que fez com que a experiência traumática tenha impactado suas vidas de hoje levando-se em conta a sua plasticidade neuronal, no período do desenvolvimento. No término da guerra, em 2002, muitos tinham entre 2 e 12 anos, tendo vivenciado antes momentos difíceis, tais como os dados indicam: dor, sofrimento, perdas pessoais e de familiares, de bens e de oportunidades, enfatizando as marcas psicológicas e físicas.

8.1 Discussão sobre os desenhos

Entre os participantes da pesquisa, há mais homens do que mulheres. São conhecidos os motivos que sustentam as diferenças atuais entre homens e mulheres no processo educativo em Angola. A pesquisa foi feita num ambiente semiurbano e rural. O processo educativo neste meio continua a ser um desafio como consequência da colonização e da guerra civil. As crianças precisam andar longas distâncias para chegarem à escola e outras nunca a frequentaram. A porcentagem de analfabetos ainda é alta, com desvantagem acentuada para a população feminina. No meio rural, para a mulher, o aspecto cultural é bastante forte. A maioria frequenta a escola até o primeiro ciclo ou 9º ano, e depois se ocupa dos trabalhos de casa, onde é o seu lugar de acordo com a comunidade, em preparação para a vida matrimonial e maternal, como observaram Silva e Carvalho (2009), Rodrigues (2012), Lukamba (2012).

Na análise dos desenhos, foi constatada a expressão de sentimentos advindos de experiências traumáticas perante cenas de mortes, sofrimento e lesões físicas e psicológicas. Pela organização e estruturação do uso do espaço da folha de papel, pelas imagens e falas em forma, às vezes, de quadrinhos, percebemos a

dinâmica e a sequência de eventos violentos e traumáticos. Nesta análise, pudemos observar inclusive uma forte presença de armas de grande e de pequeno porte. A quantidade e a qualidade destes elementos mostram o envolvimento de material bélico muito sofisticado que, ao ser acionado, provocava explosões e mutilações com efeitos psicológicos, insegurança e medo, assim como uma destruição incalculável de infraestruturas e vidas humanas, conforme também observou Gomes (2014).

Nos desenhos, havia muito mais veículos utilizados em ações militares, em enormes quantidades, do que veículos para socorro, e apenas três ambulâncias para socorrer feridos militares ou civis.

Os participantes enfatizaram ações militares em que soldados armados atiravam contra soldados inimigos ou contra a população, em cenas de forte agressividade e muita violência. As experiências vivenciadas abalaram de modo muito intenso a dimensão psicofísica e emocional, dados também observados por Lukamba (2012), Levine (2012), Gómez (2014), Júnior (2015), Ramos^b (2015) e Ngonda (2016).

Entre as cenas de guerra desenhadas foram observados militares e civis em diversas situações, tais como: morte de famílias inteiras e de soldados, pessoas com dores, fome, ameaçadas na sua integridade física e psicológica, amarradas, feridas, mutiladas/amputadas, cegas, chorando e fugindo. Todos estes momentos em que as pessoas suportaram incalculáveis sacrifícios foram descritos pelos participantes como tão horríveis que os afetam até hoje, fazendo com que rememorem e sofram com estas lembranças, como Falcone & Oliveira (2013) e Peres (2014), também observaram.

Foram desenhadas casas nas cidades e aldeias destruídas e abandonadas e escolas bombardeadas. No campo, minas foram deixadas em locais de acesso, tornando-os bastante perigosos, contribuindo significativamente para a morte, mutilação e ferimentos de soldados e da população, inclusive de jovens, conforme também observaram Muekalia (2013) e Ramos^b (2015).

Foi constatado pelos relatos que as pessoas desesperadas assistiram, com profundo sofrimento, à morte dos seus familiares, ao mesmo tempo que eram ameaçadas, agredidas e desumanamente tratadas. Há cenas com pessoas em atitude de dor e angústia, outras demonstrando os prejuízos advindos da guerra: o uso de bebida e de fumo como uma forma de diminuir o sofrimento, clara expressão

de uma experiência traumática, conforme nos dizem Salim (2012), Ruf (2014) e Perez (2014), entre outros.

Os desenhos dos eventos traumáticos nos ajudaram a compreender os efeitos psicológicos que impactam e acometem a vida das pessoas hoje, sobretudo porque não foram resolvidos. São vivências bastante dolorosas, consideradas experiências de estresse pós-traumático, conforme referido por Friedman (2009), Salim (2012), Levine (2012) e Peres (2014).

Na análise dos dados, foi também observado o quanto a mutilação foi um dos aspectos terrivelmente sombrio, com consequências nefastas para os sobreviventes e de difícil gerenciamento físico e ocupacional. As mutilações são feridas abertas de implicações pessoais, emocionais e sociais. Deixaram marcas permanentes, indelévels da violência, tortura e trauma, como nos dizem Levine (2012) e Peres (2014).

Na análise dos relatos, foi possível observar que, na guerra, as pessoas não eram capazes de controlar seus sentimentos e emoções, e que o desejo de causar dano aos outros obliterava toda a consciência ética do valor da vida e da dignidade humana. Os participantes fizeram menção à morte em quase todas as descrições; crianças, jovens, adultos e famílias inteiras perderam as suas vidas e muitos ficaram sem um sepultamento digno, de acordo com a reflexão de Carvalho (2013), D'Abreu (2015) e Ngonda (2016).

Os desenhos revelaram que a ameaça de morte, angústia e medos de ferimentos e de tortura, faziam parte do cotidiano da população. Pessoas suplicavam para não serem mortas, manifestando um profundo sentimento de angústia que esmagava toda a estrutura física e psíquica. Os suplicantes tinham de pedir perdão, com sentimento de humilhação, a quem tinham consciência de não ter ofendido.

Foram muito chocantes as declarações feitas pelos participantes sobre o sofrimento e a dor sentidos pela morte e o desaparecimento de familiares; uma ausência que continuava a provocar sentimentos de tristeza e desespero imensuráveis. Percebemos também que apontaram situações de insegurança total, fugas constantes, abandono, maus-tratos físicos, morais e psicológicos. Retratarão diversas misérias, como fome e exaustão, pelas quais passaram, com desânimo e sem esperança no futuro, sinais de estresse pós-traumáticos conforme o DSM-5 (2015).

De acordo com a fala dos participantes, o pedido de socorro em plena guerra nem sempre era atendido, e muitos morriam antes de serem socorridos. Era muito aflitivo ver as pessoas desesperadas e sem o devido apoio quando mais precisavam. Alguns, nestes momentos, suplicavam pela proteção de Deus perante a tentativa do esforço sobre-humano e os desânimos da vida.

De acordo com Carvalho (2013), a questão do arrependimento e da reconciliação depois de um conflito como processo de pacificação é algo que deve ser trabalhado para que as pessoas se reencontrem e pratiquem o perdão, que é uma forma de libertação da consciência e do inconsciente que, de vez em quando, pode deixar aflorar a afetação do complexo.

Na análise da nuvem de palavras, foi observado que a maioria das palavras se referia a verbos de ação, luta, morte e fuga. Houve também grande atenção dada à família, com pedido de socorro. A população mostra-se atingida pela destruição, sofrimento e morte durante ataques bélicos, num período de três décadas sem tréguas consistentes. De acordo com o relato dos participantes, foi um genocídio que ficou inscrito na vida das pessoas para sempre. De modo geral, estiveram presentes as palavras essenciais que constituíram todo o cenário de guerra, com resquícios evidentes de experiência de estresse pós-traumático, conforme as referências de Molin (2013), Nakagawa (2014) e DSM-5 (2015).

8.2 Discussão dos questionários

Na análise dos questionários, foi constatado que 56,20% dos participantes tiveram experiência direta da guerra e 43,80% indireta; 95,80% vivenciaram mortes e sofrimento de familiares durante a guerra; apenas 4,20% responderam que não tiveram familiares que sofreram ou morreram na guerra. Os dados tornam claro que muitas famílias foram atingidas pelas mortes e sofrimento. É urgente curar e preencher suas feridas e suas dores, de acordo com Silva (2013).

Segundo os relatos dos participantes, percebeu-se que, direta ou indiretamente, a maioria foi atingida pela guerra. Muitos dos familiares, entre pais, irmãos, tios, primos e avós, assim como outras pessoas, perderam suas vidas e passaram por muito sofrimento, momentos difíceis, indescritíveis e inesquecíveis. Houve relatos que ainda hoje geram tristeza pelos momentos sofridos.

Como observaram Frostscher et al. (2014) sobre a experiência de memória traumática, os participantes relataram que algumas pessoas sofreram muito e outras foram maltratadas. Os massacres e as torturas eram contínuos; nem todos aguentavam o sofrimento e sucumbiam. Pelo simples fato de pertencer a um outro partido, havia represálias e vinganças sem cessar. Pessoas eram levadas de casa e depois apareciam em outro lugar, já mortas, e algumas desapareciam para sempre. Algumas mães já enfraquecidas por questões de saúde, nem conseguiam levar os filhos no colo, deixando-os cair e se ferir.

Conforme o relato de alguns jovens pesquisados, embora no período do conflito fossem crianças, eles tomaram contato com a situação pelos pais. Estes contaram aos filhos diversas cenas de mortes com eles no colo durante a fuga, com ocorrências tais como a mãe que abortou por falta de cuidados médicos. Relataram casos de pais que corriam de um lado para o outro para poupar os filhos da morte, de um irmão que, durante a noite, caiu no buraco e se feriu na cabeça, e de parentes que acionaram minas e foram mutilados. São memórias traumáticas que podem repercutir por toda vida, tal como advertem Pedras e Pereira (2013) e Matta (2015).

Um dos participantes contou que, como criança, tinha a obrigação de levar armas e mochilas, sendo treinada em karatê, capoeira, tiros e ataques. É possível verificar que as crianças, de modo direto ou indireto, tiveram experiência de guerra. Hoje, sentem as marcas de um passado de dor, sofrimento e perda, revivendo os acontecimentos traumáticos. Concordamos com Santos et al. (2016) quando diz que, para serem minimizados os transtornos decorrentes da vivência traumática, devem-se considerar esses fatores e criar um ambiente de apoio logo cedo, tal como também referiu Matta (2015).

Nas diversas questões, os participantes contaram que havia falta de tudo. Passaram por necessidades básicas de assistência médica e subsistência. Vivenciaram momentos críticos relacionados à saúde e passaram fome e sede.

Muitos afirmaram que comeram frutos silvestres, diversos vegetais inapropriados, raízes de bananeira, pele seca de animais, conservas e outros alimentos deteriorados, enquanto assistiam a suas famílias morrerem por falta de alimento. Ao que tudo indica, comeram tudo que pudesse aplacar a fome.

Alguns relataram ter bebido água turva, para saciar a sede e a fome. Algumas avós ou tias amoleciam a mandioca e davam a água aos bebês em substituição ao

leite, na eventualidade do desaparecimento de suas mães. Muitos afirmaram também que ficaram desnutridos e outros morreram de fome, sobretudo crianças, sem que os pais e os familiares pudessem evitar a situação, confirmando Muekalia (2014).

Pensamos que toda essa situação de carência de alimentação no período de gestação e crescimento provavelmente tenha provocado nos jovens participantes, entre 16 e 26 anos, grande déficit nutricional. Uma vez que lhes faltou uma alimentação adequada e nutrientes para o bom funcionamento do organismo naquela etapa de desenvolvimento físico e cerebral, eles poderão ter alguns sérios problemas de saúde no futuro.

Constatou-se que a maioria dos participantes fez referência a deslocamentos contínuos, de um lado para o outro a pé, e que, nos momentos de fuga, aconteceram muitas separações de famílias que ainda hoje não se reencontraram. Falaram da insegurança, de perigos, de horríveis episódios que puderam presenciar e das diversas dificuldades durante o percurso migratório, como abordaram Lukamba (2012) e Gómez (2014).

Alguns afirmaram que, quando crianças, com 7 e 8 anos de idade, percorreram grandes distâncias encontrando muitos cadáveres e passando por cima deles. Viram também pessoas inocentes sendo queimadas ou mortas por soldados. Estas crianças em período de desenvolvimento foram expostas a episódios intensamente dolorosos, transformando o sentido de suas vidas. Mostraram-se isolados, tímidos e inseguros em relação à vida atual e futura. Não tiveram uma possibilidade de integração sequencial e equilíbrio dentro do ciclo da sua faixa etária, de acordo com Santos e Simões (2006) e Erikson (2006).

Em vários momentos, os participantes frisaram que foi triste presenciar várias cenas e que hoje, ao se lembrarem dos fatos, sentem vontade de chorar. Também disseram que suas memórias de feridas físicas e psíquicas não cicatrizaram e estavam bastante vivas e dolorosas. Outros comentaram que neste momento, aos 25 anos, não tinham esperança de apagar tudo o que vivenciaram, porque foi um passado trágico. Segundo Friedmam (2009), o estresse pós-traumático decorrente dos eventos catastróficos pode durar mais de 50 anos ou a vida inteira, sobretudo quando as vítimas não são apoiadas e tratadas convenientemente.

A maioria dos sujeitos confirmou ter visto e assistido a ataques sucessivos, provocando grandes perdas irreparáveis, várias destruições de escolas, hospitais,

pontes, suas próprias casas, vilas e cidades, entre outras infraestruturas. Eles consideraram estes momentos muito marcantes, difíceis e dolorosos, e não gostariam que se repetissem nunca mais.

Muitos jovens confirmaram que foram recrutados para o serviço militar de modo forçado, embora estivessem em pleno período de aulas. Em combate, uns morreram e alguns já não voltaram mais, e nem as famílias sabem ao certo o seu verdadeiro destino ou paradeiro, como também nos diz Ngonda (2016).

Alguns participantes disseram que sentiam tristeza quando os antigos combatentes feridos e mutilados não eram valorizados, sobretudo por quem de direito. Dessa forma, fazem apelo para que sejam considerados heróis porque sobreviveram a todos os momentos mais difíceis do conflito em defesa da pátria.

Notou-se que as minas atingiram crucialmente a vida dos soldados em frente de combate, como também das pessoas que as acionaram. As marcas físicas e psicológicas são evidentes e precisam ser atenuadas, de acordo com Gómez (2014) e D'Abreu (2015).

Um participante disse que sua tia se tornou alcoólatra por não ter superado o sofrimento da morte de três filhas, que morreram de fome seguidamente e foram enterradas sem nenhuma dignidade. O trauma é imobilizador, e por isso é necessário promover estratégias de enfrentamento das emoções e sensações, conforme aborda Peres (2014) e Costa et al. (2016).

As pessoas mencionaram também um atraso na sua formação acadêmica e na dos pais, uns porque tinham de cumprir o serviço militar e outros porque as condições econômicas não lhes permitiram, sendo essa uma das consequências que ainda hoje repercutem bastante em suas vidas, de acordo com Oliveira (2011) e Carvalho (2013).

Os participantes manifestaram que o país continuava em subdesenvolvimento em todas as dimensões da vida. Relataram que, além das riquezas do subsolo não serem ainda bem exploradas, a distribuição não era equitativa. Por outro lado, a agricultura, que sempre foi uma das fontes do poder econômico e de sustento da maioria da população, não está sendo praticada totalmente, por escassez de meios tecnológicos e pelo fato de alguns campos ainda estarem minados. As consequências evidenciadas pelos participantes perpetuam cada vez mais o estado de pobreza e as injustiças sociais que degradam a vida da população, de acordo com Lei Constitucional (2010); Sociedade Independente de Comunicação; Chefe de

Estado Angolano (2013); Conferência Episcopal de Angola, São Tomé e Príncipe (2016).

Observou-se que 70% dos participantes manifestaram que reagiram com sentimento de dor, angústia, tristeza, medo, indiferença, revolta e que logo pensavam nos familiares falecidos. Foi possível observar que as pessoas ainda traziam muitas mágoas em suas vidas, que existia uma necessidade de um trabalho urgente que pudesse dar sentido às marcas profundas que diziam estar em suas mentes e em seus corpos. Mas que era preciso aproximar as pessoas paulatinamente, como salientaram Carvalho (2013) e Silva (2013).

Apenas 30% dos participantes afirmaram que admiravam os militares e civis que estiveram diretamente ligados à guerra, porque lutaram por obrigação. Alguns apelaram para o espírito de perdão, admiração e respeito por terem sobrevivido, portanto terem sido considerados heróis. A visão de que todos os angolanos experimentaram dores e mágoas, mas que há a necessidade de olhar para frente para que a vida possa ser mais integrada, é confirmada por D'Abreu (2015).

Muitos dos participantes afirmaram não serem capazes de falar sobre os momentos pelos quais passaram, dizendo que os transtornos da vida, a dor, o sofrimento e as sequelas foram duras demais e preferem não recordá-los, frisando que quando alguém passa pela guerra nunca mais será o mesmo. Um dos participantes diz não ter vivenciado a guerra porque à época era criança, mas que mesmo não tendo passado por episódios de guerra, não gostaria de passar por isso. Diante desta situação impactante seria fundamental criar um espaço para o acolhimento, como afirmam Oliveira (2011) e Costa et al. (2016).

Conforme observado na análise dos resultados, os adolescentes entre 16 e 18 anos, embora tivessem tido menos tempo de experiência de guerra, também manifestaram tristeza. Os jovens de 18 a 26 anos também manifestaram tristeza, seguida de medo e perdas, conforme observaram Levine (2012) e Ross (2014).

Constatou-se que fazendo o cruzamento dos sentimentos entre homens e mulheres, mais da metade das mulheres manifestou tristeza. Em relação ao medo, a diferença não foi relevante. Quanto à perda, os homens se manifestaram mais que as mulheres. Apenas os homens se referiram à culpa.

De acordo com os sentimentos expressos, podemos perceber emoções vívidas e experimentadas atualmente no cotidiano da população. Os dados revelam que o estado emocional ainda era de sofrimento e tristeza. Com medo, os

participantes deixaram claro sua situação de ameaça e insegurança. Mesmo passados 15 anos de paz, a população continuava ressentida, com mágoas, feridas não cicatrizadas, e passava por decepções que fragilizavam ainda mais o seu estado.

Na nuvem de palavras relativa aos questionários, destacou-se um conjunto de expressões, onde foi possível observar os verbos de ação como fugir, sofrer, morrer e perder.

O gráfico faz uma síntese sobre os dados analisados. Entre as diversas palavras foram destacados sentimentos que marcaram a vida, momentos de experiências difíceis e de sofrimento, consequências advindas da guerra para todas as famílias e o país.

Deste modo, é urgente a implementação de formas eficazes que possam restituir o significado da vida às pessoas atingidas pelos efeitos da guerra.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa de literatura realizada no decorrer deste estudo, ficou evidente que o trauma e os seus efeitos são um assunto bastante discutido mundialmente, ligado a diversos fenômenos sociais, ambientais, culturais, políticos e de saúde. No entanto, em Angola, onde diversas situações conturbadas foram vivenciadas, até o momento não há projetos direcionados ao estudo aprofundado do fenômeno, de acordo com o parecer de algumas referências de autores políticos, sociólogos e psicólogos.

A presente pesquisa confirmou a urgência e a necessidade de uma reflexão sobre os efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos que, ainda hoje, impactam e acometem a vida das pessoas, sobretudo, porque não foram resolvidos os traumas das experiências da guerra.

Os acontecimentos foram traumáticos e bastante devastadores, com feridas, reações físicas, emocionais e psicológicas importantes. Foram vivências que continuam na atualidade, na vida destes adolescentes e jovens adultos, limitando a capacidade humana ante qualquer ação, com características de experiências pós-traumáticas.

De acordo com os resultados obtidos, identificamos que a maioria dos participantes demonstrou que a situação traumática de Angola é um grande desafio à saúde pública, que deve preocupar a sociedade em geral e, sobretudo, os que têm responsabilidade soberana pelos destinos da nação.

Observou-se que os participantes, na sua maioria, quando crianças, passaram por experiência de sofrimento pessoal e familiar. Estiveram expostos a experiências traumáticas, presenciando episódios extremamente difíceis, vendo pessoas serem mutiladas, maltratadas, torturadas psicológica e fisicamente, situações extremas de morte, destruições incalculáveis, ataques de diversas magnitudes, fugas constantes, e passando por diversas privações, tais como, fome, sede e falta de abrigo.

A situação de conflito armado deixou impressa, direta ou indiretamente, na vida da maioria dos participantes que a vivenciaram, sentimentos de perda, tristeza, medo, culpa, revolta, indiferença, ressentimento, aflição, desgosto, abandono, solidão, arrependimento, mágoas, ódios, angústia e dor.

Assim, concluímos ser útil a reflexão e a ampla compreensão dos sentimentos aflorados, para que se possa estabelecer um equilíbrio entre tolerância e reconciliação, mediando sentimentos de revolta, indiferença, ódio e ressentimento.

Parece-nos que os efeitos da guerra que contribuíram para os diversos problemas presentes na psique da população, conforme os dados dessa pesquisa, necessitem de um tratamento adequado.

Os danos psicológicos evidenciados na pesquisa reafirmam que a sociedade angolana precisa estar aberta e receptiva às diversas iniciativas de intervenção multidisciplinar para abordar os efeitos traumáticos, repensar estratégias e sua aplicabilidade. Deste modo, pensamos que será factível proporcionar às vítimas do impacto da guerra o apoio, a superação, a cura, e ressignificar os acontecimentos vivenciados, tornando assim menos dolorosas as suas experiências traumáticas.

O presente estudo provoca uma reflexão crítica sobre as situações traumáticas vivenciadas durante a guerra e que hoje repercutem significativamente na saúde psicológica e física da população. Neste intuito, existe a intenção de contribuir para a construção de uma memória coletiva em prol da superação da memória traumática, sobretudo no campo da educação e saúde.

Deve-se considerar importante a implementação de algumas medidas que possam ajudar na resolução das consequências.

É indispensável a conscientização para o estudo ou pesquisa sobre o trauma, sua etiologia, seus efeitos e consequências. Pensamos que, conhecendo a sua natureza mais facilmente, implementar-se-ão estudos e intervenções de situações de ocorrências.

Urge a necessidade de investimento científico e tecnológico de apoio na formação especializada de incentivo e implemento de uma clínica psicológica e psiquiátrica com programas de intervenção e acompanhamento, dada a escassez deste enfoque nas escolas e hospitais públicos.

Perante a problemática sobre o trauma, revela-se imperioso o estudo sobre a temática, o desenvolvimento de mais pesquisas com diversas e adequadas metodologias que proponham indagar particularidades sobre a complexidade da abordagem. São imprescindíveis a intervenção e o acompanhamento psicológico, dada a vulnerabilidade apresentada pelos participantes face à experiência traumática e às suas marcas físicas e psicológicas evidentes que precisam ser atenuadas.

Deste modo, com a nossa presente pesquisa direcionada à sociedade angolana, recomendamos que sejam implementados estudos, ampliação de currículos em cursos de psicologia, palestras, debates e campanhas de sensibilização para a identificação de situações traumáticas; e que também sejam criados centros psicológicos e multidisciplinares com atendimento gratuito, eficiente, em colaboração com diversas instituições privadas, estatais governamentais e organizações não governamentais. É necessário que os psicólogos e profissionais de outras áreas sejam credenciados e aprovados a fim de exercerem a sua missão de acordo com normas éticas e profissionalmente legais.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA NACIONAL - **Lei de Bases do Sistema de Educação** / Diário da Republica LEI Nº 13/01 de 31 de Dezembro; Luanda, Angola. Disponível em: <http://welvitchia.com/SESA_files/Lei%20/13_01_Lei%20de%20Bases%20do%20Sistema%20de%20Educacao%20de%20Angola%202001.pdf> Acesso em: 30 maio 2017.

ASSEMBLEIA NACIONAL - **Lei de Bases do Sistema de Educação** / Diário da Republica, LEI Nº 32/16 de 11 de Agosto; Luanda, Angola. Disponível em:<http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/politica/2016/7/32/Angola-Aprovada-Lei-Bases- do Sistema de Educação, 6a8cabea-564f-45a9-a672-039c30b1100f.html>. Acesso em: 30 maio 2017.

BORGES, J. L et al Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) na Infância e na Adolescência: prevalência, diagnóstico e avaliação. **Avaliação Psicológica**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 9, n. 1, p. 87-98, 2010.

CANESIN DAL MOLIN, E. **O terceiro tempo do trauma**: Freud, Ferenczi e os desvios de um conceito. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental). Universidade de São Paulo, USP, 2013.

CARVALHO, P.; CANDEMBO, S. “O calar das armas foi a principal conquista da Paz”, **Revista Angolana de Sociologia**, [Online], n. 11, p. 123-129, 2013. Posto online: 09 dez. 2013. Disponível em: <<http://ras.revues.org/383>>. DOI: 10.4000/ras.383. Acesso em: 29 Maio 2017.

CIA-The Word World Fact Book. **População Angolana Com HIV/AIDS**. Disponível em: <http://www.photius.com/rankings/2015/population/hiv_aids_people_living_with_hiv_aids_2015_0.html>. Acesso em: 19 dez. 2016

CIA-The Word World Fact Book. **População Angolana, Censo**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ao.html>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

CONSULADO GERAL REPÚBLICA DE ANGOLA NO RIO DE JANEIRO. **Angola, País: Clima, Flora, Recursos Minerais**. Disponível em: <<https://www.consuladodeangola.org>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CONSULADO GERAL DE ANGOLA, **Símbolos Nacionais**. Disponível em: <<http://consuladogeraldeangolasp.net/index>> Acesso em: 23 de mai. 2017

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE ANGOLA. **Arquivos**. 2010. Disponível em: <http://cjcplp.org/wpcontent/uploads/2015/09/constituicao_rep_angola.pdf> Acesso em: 05 nov. 2016.

COSTA, A. M.; PACHECO, M. L. ; PERRONE. C. M. Intervenções na emergência: a escuta psicanalítica pós-desastre da Boate Kiss. **Revista Subjetividades**, Fortaleza. v. 16, n. 1, p. 155-165, 2016.

CYRULNIK, B. **Resiliência** - Essa inaudita capacidade de construção humana. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa, Instituto Piaget, 2003

D'ABREU, N. V. **Entrevista**, Rede Angola (RA). Disponível em: <<http://www.redeangola.info/especiais/a-unica-razao-pela-qual-estamos-aqui-na-vida-e-para-sermos-felizes/#.VVyWYnFKpoM.facebook/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

DENZIN, N. K.; LINCON, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagem**. São Paulo: Artmed, 2006.

DIAS, D.; WILLIAM. **Missões em Angola. Crianças mutiladas com minas em guerra Angola 2014**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=crian%C3%A7as+mutiladas+com+minas+em+guerra+Angola&safe=active&biw=1280&bih=702&tbm=isch&imgil=cYM_GuOpj4sjuM%253A%253BR5Ecyhon1vCWjM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.diariodafrica.com%25252F2008%25252F12%25252Fcrianas>. Acesso em: 6 nov. 2016.

CYMERMAN. H, **Entrevista exclusiva** à SIC Sociedade Independente e Comunicação entrevista do Chefe de Estado Angolano 'a guerra e os anos da paz, o crescimento económico e os investimentos públicos no País, a luta contra a corrupção, as desigualdades sociais', junho 2013. Disponível em: <http://jornaldeangola.sapo.ao/entrevista/entrevista_na_integra_do_chefe_de_estad_o_angolano_a_sic>. Acesso em: 10 out. 2016.

ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo**. Versão ampliada com novos capítulos sobre o nono estágio do desenvolvimento, por Joan M. Erikson. Tradução de Maria Adriana Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FALCONE, E. M. O.; OLIVEIRA, M. S. **Terapia cognitiva-comportamental: transtorno de estresse pós-traumático**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

FEINSTEIN, S. **A aprendizagem e o cérebro**. Tradução de Lígia Teopisto. Lisboa: Instituto Piaget, 2011.

FRANCISCO, S. A. **História Militar de Angola**. Luanda: Mayamba Editora, 2015.

FREEMAN, D.; FREEMAN, J. **Ansiedade: o que é, os principais transtornos e como tratar**. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2014.

FRIEDMAN, M. **Transtorno de estresse agudo e pós-traumático**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FROTSCHER, M.; STEIN, M. N.; OLINTO, B. A. Memória, ressentimento e politização do trauma: narrativas da II Guerra Mundial (Suábios do Danúbios de

entre Rios, Guarapuava- Pr). Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro- Garapuava (PR) Brasil. **Revista Tempo**, v. 20, 2014.

FURTH, G. M. **O Mundo secreto dos desenhos**: uma abordagem junguiana da cura pela arte. Tradução de Gustavo Gerheim. São Paulo: Paulus, 2015.

GÓMEZ, R. G. J. **Cuito Cuanavale**: Crônicas de uma Batalha. Luanda: Mayamba Editora, 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE ANGOLA (INE). **População de Angola** – Resultado definitivos do Censo. 2014. Disponível em:< [http://www.ine.gov.ao/xportal/xmain?xpid=ine&xpgid=home&actualmenu=767418&xl](http://www.ine.gov.ao/xportal/xmain?xpid=ine&xpgid=home&actualmenu=767418&xlang=PT) ang=PT>. Acesso em: 20 dez. 2016.

JÚNIOR, M.; DIFUILA, M. M. (Org). **História Militar de Angola**. Luanda: Mayamba Editora, 2015.

KELLERMANN. P. F; HUDGINS M. K. (Org.). **Psicodrama do trauma**: o sofrimento em cena. Tradução de Moysés Aguiar. São Paulo: Ágora, 2010.

LEVINE, P. A. **Uma voz sem palavras**: como o corpo liberta o trauma e restaura o bem estar. Tradução de Carlos Silveira Mendes Rosa e Cláudia Soares Cruz. São Paulo: Summus, 2012.

MANUEL, P. F. **História Militar de Angola**. Luanda: Mayamba Editora, 2015.

MATTA, R. M. **Trauma em crianças e acolhimento institucional**: Avaliação e Transformação por meio do Processo Psicoterapêutico da Terapia do Sandplay. Doutorado em Psicologia Clínica, PUC-SP, 2015.

MELLO, M. F. et al. **Transtornos de estresse pós-traumáticos**: diagnóstico e tratamento. São Paulo: Manole, 2006.

MUEKALIA, J. **Angola a Segunda Revolução**: Memórias da luta pela Democracia. 4. ed. Portugal: Sextante Editora, 2013.

MUEKALIA, A. C. **Angola**: Quando o impossível se torna possível. Portugal: Sextante Editora, 2015.

NAKAGAWA, C. I. **Hiroshima**: a catástrofe atômica e suas testemunhas. 2014. 163f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia de Desenvolvimento Humano e Personalidade). Universidade de São Paulo, USP, 2014.

NASCIMENTO, M. I. C. et al. **Manual de diagnóstico estatístico de transtornos mentais**. DSM-5 [American Psychiatric Association]. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. 5. ed, Porto Alegre: Artmed, 2014.

NGONDA, L. **O momento é de Unidade para tirar o País da Crise**. Entrevista ao Jornal de Angola JA). Disponível em:

<http://jornaldeangola.sapo.ao/entrevista/o_momento_e_de_unidade_para_tirar_o_pais_da_crise>. Acesso em: 2 jun. 2016

NOTA PASTORAL. Bispos católicos de Angola e São Tomé e Príncipe, Conferência Episcopal de Angola e São Tomé/ CEAST, N'Dalatando, 9 de Março de 2016. Nota Pastoral sobre a crise que vive Angola (Apostolado) 10 de Março de 2016. Disponível em: <<http://apostoladoangola.org/ceast-termina-os-trabalhos-apresenta-documentos>>. Acesso em: 10 nov.2016.

OLIVEIRA, F. H.; HERZOG, R. Guerra, violência e pulsão de morte: uma articulação não evidente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 593-601, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 nov. 2015.

OLIVEIRA, S. Dinâmicas educativas da juventude angolana, **Revista Angolana de Sociologia** [Online]. n. 8, 2011. Posto online: 13 dez. 2013. Disponível em:<<http://ras.revues.org/580>>. DOI: 10.4000/ras.580. Acesso em: 28 Maio 2017.

OLIVEIRA, T. B. **O esquecimento do passado por refugiados africanos**. 2011. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Universidade de São Paulo, USP. 2011.

PEDERSEN, D. Reformulando a violência política e efeitos na saúde mental: esboçando uma agenda de pesquisa e ação para a América Latina e região do Caribe. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. 0, p. 1189-1198, 2006. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 nov. 2015.

PEDRAS, S.; PEREIRA, M. G. Experiências Adversas, Traumáticas, TEPT e Comportamentos de Risco na População e em Veteranos de Guerra. **Temas em Psicologia**. Escola de Psicologia da Universidade do Minho, Braga, Portugal, v. 21, n. 1, p. 139-150, 2013.

PERES, J. **Trauma e superação: o que a psicologia, a neurociência e a espiritualidade ensinam**. [Reimpr.]. São Paulo: Roca, 2014.

PEREIRA, J. L. et al. (Org.). **Sexualidade na adolescência no novo milênio**. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de extensão, 2007, p. 69.

PUNZA, M. Q. **História Militar de Angola**. Luanda: Mayamba Editora, 2015.

RAMOS^a, D. G. **A psique do corpo: a dimensão simbólica da doença**. 5. ed. São Paulo: Summus, 2006.

RAMOS^a, D. G. Le complexe culturel et l'élaboration du traumatisme de l'eclavage, **Cahiers jungiens de psychanalyse**. n. 133, p. 59-77, 2011/1. DOI: 10.3917/c.jung.133.0059.

RAMOS^b, J.G. **História Militar de Angola**. Luanda: Mayamba Editora, 2015.

RIBEIRO, M. C.; RIBEIRO, A. S. Os Netos que Salazar não Teve: Guerra Colonial e memória de Segunda Geração. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, v. 5, n. 11, 2013.

RODRIGUES, C. U. Pobreza em Angola: efeito da guerra, efeitos da paz. **Revista Angolana de Sociologia** [Online], 9 | 2012, Posto online: 11 Dec. 2013. Disponível em: < <http://ras.revues.org/451>>. DOI: 10.4000/ras.451. Acesso em: 29 maio 2017.

ROSS, G. **Do trauma à cura: um guia para você**. Tradução de Marilu A. Dos Reis. São Paulo: Sumus, 2014.

RUDGE, A. M. (Org.). **Traumas**. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

_____. **Trauma, psicanálise passo a passo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RUF, B. **Destroços e traumas: embasamentos antropológicos para intervenções com a pedagogia de emergência**. Tradução de Edith Asbeck. São Paulo: Antroposofia, 2014.

SALIM, S. A. **Psicanálise, trauma e neurobiologia**. Belo Horizonte: Artesã, 2012.

SANTOS, E. F.; SIMÕES, K. **Transtornos de estresse pós-traumáticos: diagnóstico e tratamento**. Cap. 4, Técnicas Psicoterápicas, p. 29-4. São Paulo: editora Manole Ltda, 2006.

SANTOS, J. S. et al. Transtorno do Pânico Associado ao Trauma Psíquico na Infância. **Revista Conexão**, Três Lagos, MS, v. 13, n. 1, 2016.

SENDAS, S.; MAIA, A. C.; FERNANDES, E. Entre o horror, a missão e a epopeia: modalidades de atribuição de significado à participação na Guerra Colonial Portuguesa pelos seus ex-combatentes. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 26, n. 4, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312008000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2015.

SENEFONTE, F. R. A. et al. Amputação primária no trauma: perfil de um hospital da região centro-oeste do Brasil. **Jornal Vascular Brasileiro**, Porto Alegre, v. 11, n. 4, p. 269-276, 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-54492012000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2015.

SILVA, L. A.; ROBAZZI, M. L. C. C.; TERRA, F. S. Asociación entre accidentes de trabajo y los niveles de carboxihemoglobina en trabajadores moto-taxistas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 5, p. 1119-1126, 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000501119&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2015.

SILVA, Z. P. **José Luandino Vieira**: memórias de guerras entrelaçadas com a escrita. 2013. Tese. (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, USP, 2013.

SILVA, E. A.; CARVALHO, M. J. **Educação em Angola e (des)igualdades de género: quando a tradição cultural é factor de educação em angola exclusão**. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. ISBN-978-8746-71-1. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Disponível em:
<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16492/1/EDUCA%C3%87AO%20ANGOLA%20DESIGUALDADE%20GENERO.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2017.

TRACHTENBERG, A. R. C. et al. **Transgeracionalidade**: de escravo a herdeiro, um destino entre gerações: Porto Alegre, Sulina, 2013.

ANEXO A - Parecer de projeto de mestrado em psicologia clínica

Parecer de projeto de mestrado em Psicologia Clínica

Título: Estudo dos efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos em jovens, o impacto da guerra em Angola

Aluna: Maria Manuela Macandumbo

Orientadora: Denise G. Ramos

O trabalho apresenta um tema interessante e urgente, um estudo que enfoca os traumas deixados pela guerra em jovens em Angola.

O trabalho está bem escrito e ele deixa transparecer todo o drama vivido na guerra, assim como o envolvimento da pesquisadora.

Os objetivos foram bem definidos e a metodologia deixa claros os caminhos da investigação, embora a análise dos dados necessite ser mais específica e precisa, assim como os participantes precisam ser melhor definidos.

Encaminho o projeto para a aprovação



Prof. Durval Luiz de Faria P/ Conselho científico

ANEXO B - Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estudo dos Efeitos Psicológicos Decorrentes de Eventos Traumáticos em Jovens: O Impacto da Guerra em Angola

Pesquisador: Maria Manuela Nacandumbo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 67127917.0.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.071.586

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica (PEPG em PCL), vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Maria Manuela Nacandumbo, sob a orientação da Profa. Dra. Denise Gimenez Ramos.

A proposta visa "(...) compreender os efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos em jovens: o impacto da guerra em Angola. Para a compreensão do estudo, levantamos as questões específicas: que experiências traumáticas de guerra vivenciaram os jovens; como os eventos de guerra afetaram e afetam a vida dos jovens hoje. Em relação ao método de pesquisa será feito um estudo qualitativo. Para o levantamento dos dados da pesquisa, serão utilizados dois instrumentos, o questionário auto-preenchido e os desenhos para recolher os dados mais representativos. Os participantes são caracterizados pelos alunos do ensino médio da Escola Missionária Santa Maria Goretti em N'dalatando, capital da Província do Kwanza Norte, Angola. Estima-se uma população de 100 alunos, de ambos os sexos, com a idade compreendida entre os dezasseis aos vinte e seis anos. Prevê-se a inserção dos dados, coletados, no software SPHINX e

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 2.071.586

posteriormente analisados. A literatura para o embasamento teórico, apresentado por diversos autores consultados é de grande relevância e atualizada, pelo que nos ajudará a integrar os aspectos da experiência traumática e os efeitos psicológicos decorrentes da guerra. A pesquisa será submetida ao Comitê de Pesquisa e Ética, para a devida autorização.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender os efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos da guerra num grupo de jovens e adultos em Angola.

Objetivo Secundário:

- a) - Que experiências traumáticas de guerra vivenciaram os jovens ?
- b) - Como os eventos de guerra afetaram e afetam a vida dos jovens hoje?

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados bastante contributivos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados a contendo, conforme as diretrizes e indicações internas do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre.

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
	E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.071.586

posteriormente analisados. A literatura para o embasamento teórico, apresentado por diversos autores consultados é de grande relevância e atualizada, pelo que nos ajudará a integrar os aspectos da experiência traumática e os efeitos psicológicos decorrentes da guerra. A pesquisa será submetida ao Comitê de Pesquisa e Ética, para a devida autorização.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender os efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos da guerra num grupo de jovens e adultos em Angola.

Objetivo Secundário:

- a) - Que experiências traumáticas de guerra vivenciaram os jovens ?
- b) - Como os eventos de guerra afetaram e afetam a vida dos jovens hoje?

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados bastante contributivos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados a contento, conforme as diretrizes e indicações internas do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre.

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C	CEP: 05.015-001
Bairro: Perdizes	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466
	E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.071.586

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se a aprovação na íntegra da pesquisa em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	PARECER_autorizacao.jpg	17/04/2017 10:53:05	Marcos Aurélio de Oliveira	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_896475.pdf	08/04/2017 11:43:57		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_Autorizacao.docx	08/04/2017 11:32:19	Maria Manuela Nacandumbo	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_atividades.docx	05/04/2017 19:09:08	Maria Manuela Nacandumbo	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_e_Infraestrutura.docx	05/04/2017 19:05:31	Maria Manuela Nacandumbo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Esclarecido.pdf	05/04/2017 18:14:36	Maria Manuela Nacandumbo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.pdf	05/04/2017 17:57:35	Maria Manuela Nacandumbo	Aceito

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 2.071.586

Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	05/04/2017 17:52:13	Maria Manuela Nacandumbo	Aceito
----------------	--------------------	------------------------	-----------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 18 de Maio de 2017

Assinado por:
Edgard de Assis Carvalho
(Coordenador)

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

ANEXO C - Autorização de pesquisa da instituição

Direção Diocesana de Educação das Escolas Católicas

Diocese de Ndalatando

Kwanza - Norte

ANGOLA

Autorização

Aos dias 11 de Maio de 2016, compareceu nesta instituição, Maria Manuela Nacandumbo, com o pedido de autorização para a pesquisa, a qual assinamos, com o Tema "Estudo dos efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos em jovens: o impacto da guerra em Angola". Fez a solicitação para que a pesquisa fosse feita numa das nossas Escolas Católicas em Ndalatando, Província do K. Norte, concretamente com os alunos do ensino médio da Escola Missionária Santa Maria Goretti em Ndalatando.

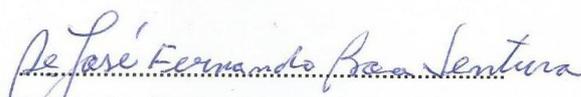
Fomos informados documentalmente que o estudo está a ser desenvolvido por ela, Maria Manuela Nacandumbo, para obtenção do título de Mestre no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, sob a orientação da Professora Doutora Denise Gimenez Ramos.

Face às consequências atuais, fruto da realidade da guerra vivida em Angola, pela urgência e pertinência do tema, autorizo a pesquisa.

Faço fé que os resultados da pesquisa, trarão grande benefício para as nossas escolas e que também se poderão generalizar a nível Nacional, no âmbito das Comissões Diocesanas.

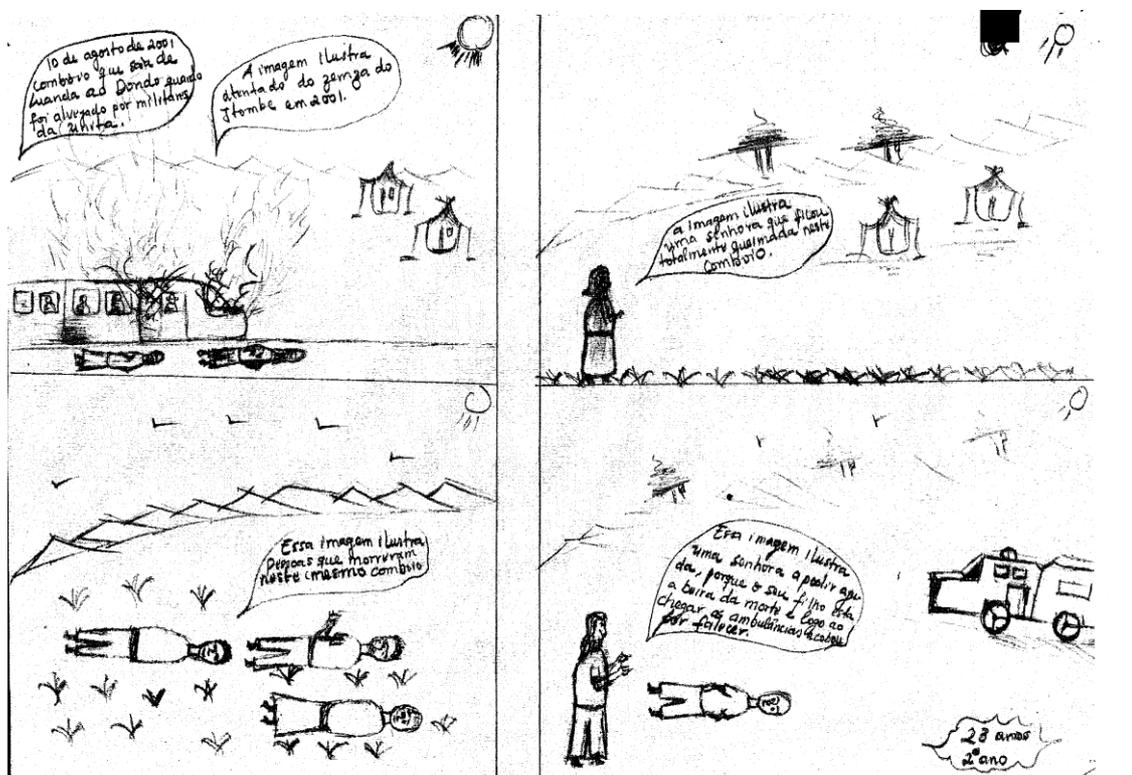
Para que não se lhe ponha qualquer impedimento, passo a presente autorização e a assino.

Ndalatando, 11 de Abril de 2017


Prof. PHD Pe. José Fernando Boa Ventura
Director Diocesano das Escolas Católicas

ANEXO D - Figuras desenhadas pelos participantes

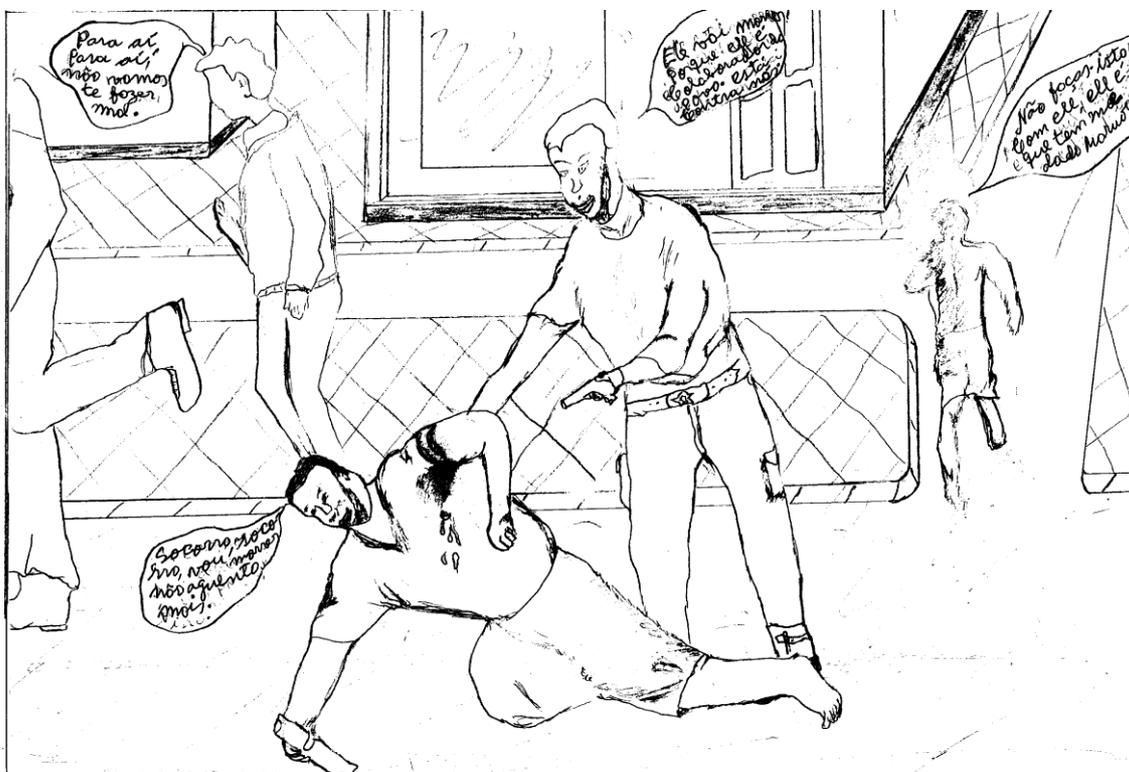
Cenas de guerra, mortes e pedido de socorro



Fome, desnutrição e sofrimento



Ferido, fuga e violência



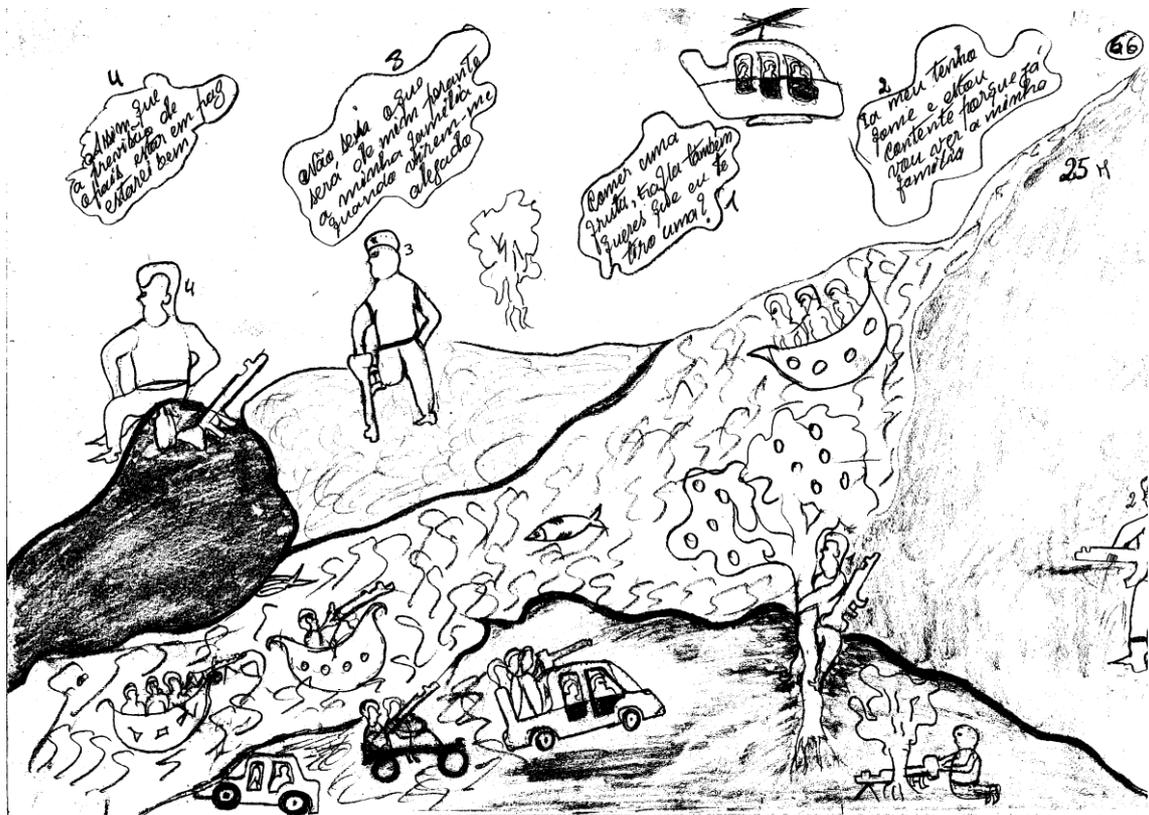
Violência e mutilação



Destruição, sofrimento e estresse pós-traumático



Auto-agressividade e destruição



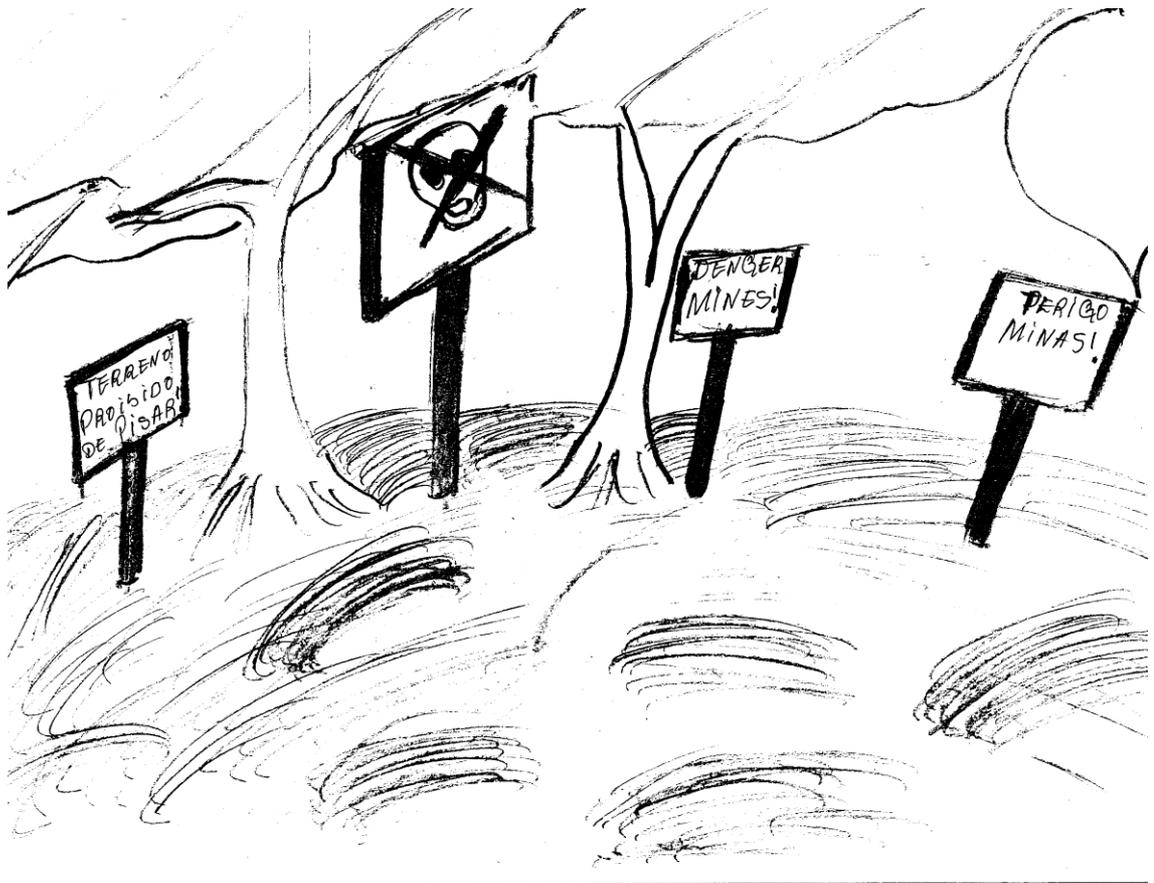
Mutilação e sofrimento familiar



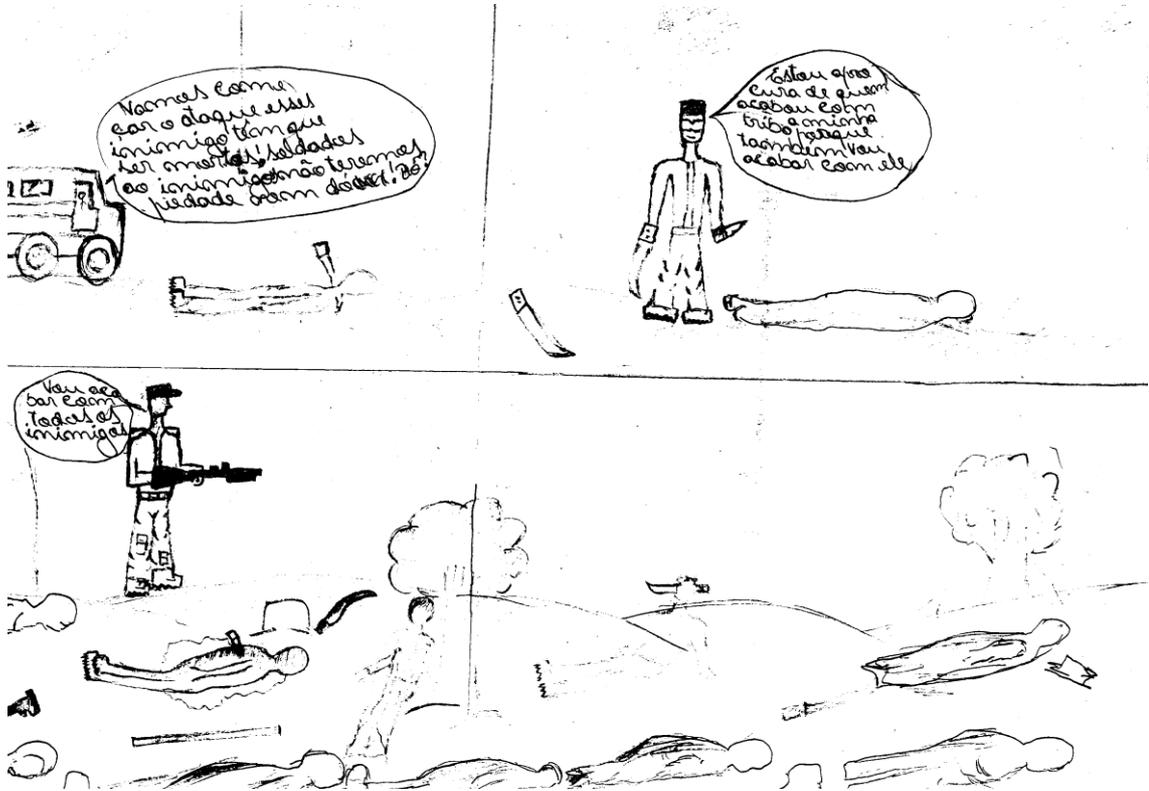
Destruição e morte



Sinalização de perigo em terreno minado



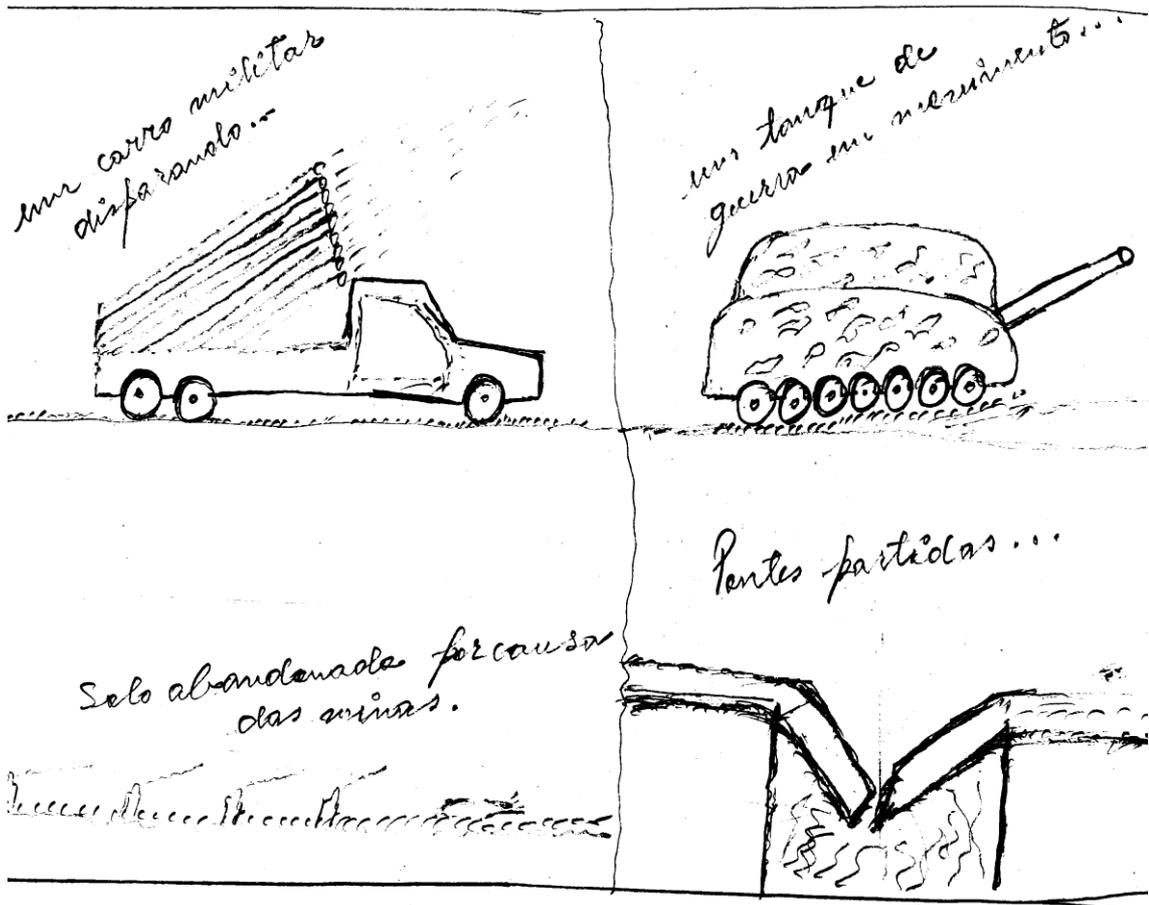
Massacre



Escola destruída



Material bélico, tanque, área minada e ponte destruída



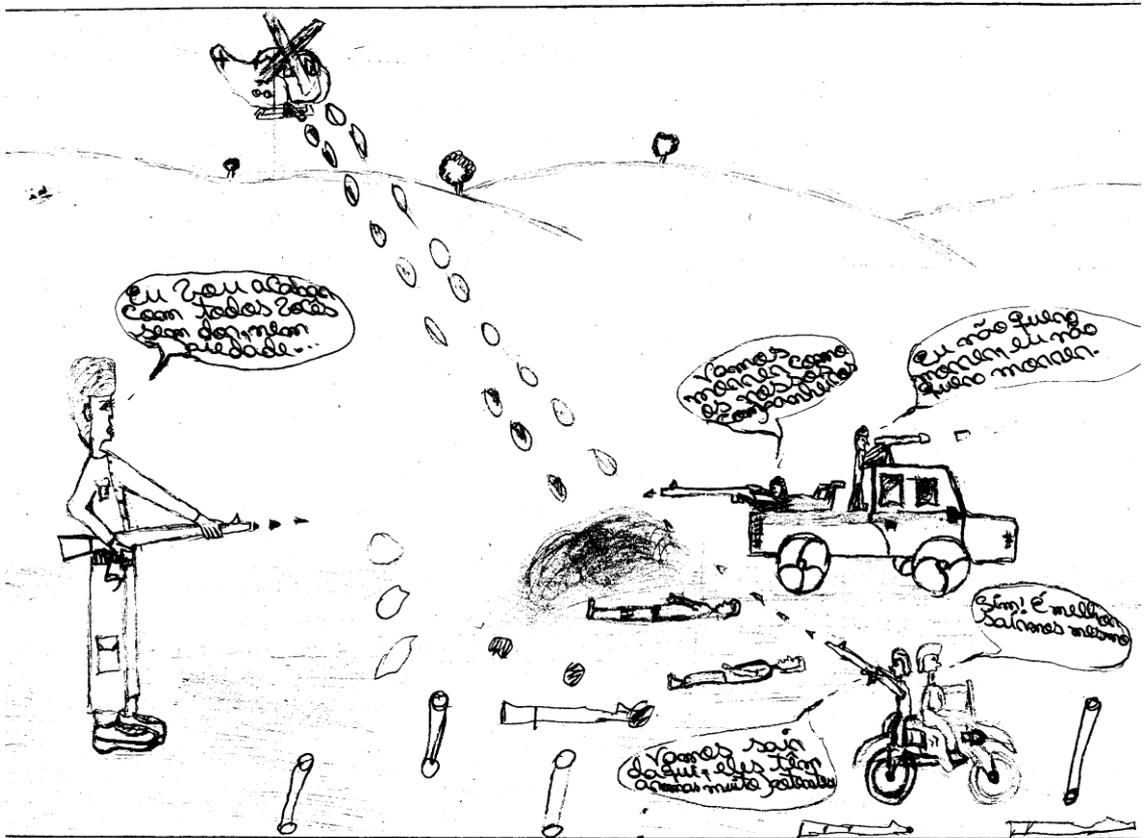
Ameaça e ataque



Destruição



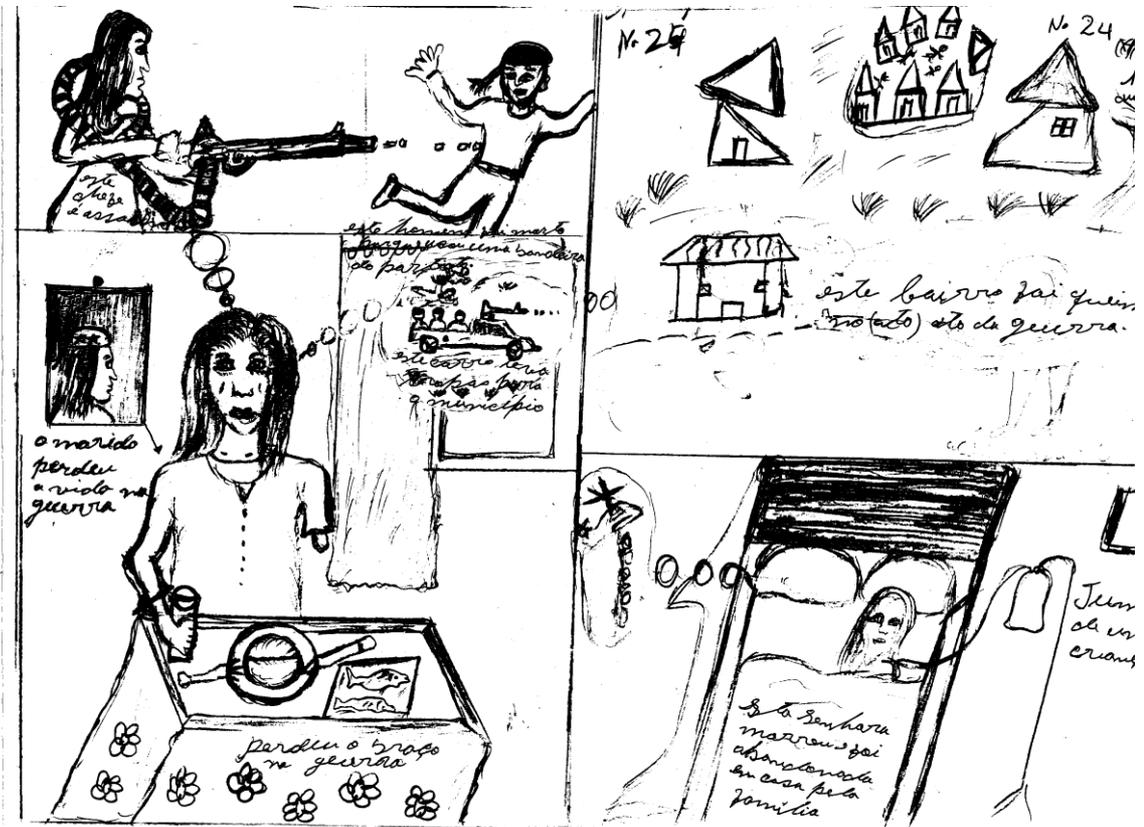
Ataque e mortes



Crianças mortas



Fuga, agressividade, sofrimento, destruição e família desestruturada



Cena de guerra



APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Caro(a) aluno(a) venho por este meio convidá-lo(a) a participar desta pesquisa que se propõe ao “ Estudo dos efeitos psicológicos decorrentes de eventos traumáticos nos jovens: o Impacto da Guerra em Angola”. A mesma está sendo desenvolvida por Maria Manuela Nacandumbo, para obtenção do título de Mestre no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, sob a orientação da Professora Doutora Denise Gimenez Ramos.

A pesquisa será realizada na Escola Missionária Santa Maria Goretti, em Ndalatando, Província do Kwanza Norte em Angola, com a autorização do diretor Diocesano das Escolas Católicas e a diretora geral da Escola, em Ndalatando. A sua participação nesta pesquisa consistirá em preencher um questionário de próprio punho e na elaboração de um desenho temático sobre a guerra por você vivenciada, e que ainda hoje lhe cause sofrimento. A participação é individual e voluntária. Poderá ser interrompida a qualquer momento, caso se recuse ou desista de participar e retire seu consentimento. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação e nenhum custo ou qualquer compensação financeira. O benefício à sua participação será o de aumentar o conhecimento científico. Os dados serão tratados de maneira anônima e confidencial, exclusivamente para fins acadêmicos. Os resultados serão publicados, mas sua privacidade será assegurada e estarão à sua disposição ao final da pesquisa, ou por solicitação à pesquisadora.

Em caso de dúvidas ou desconfortos ao longo do processo, a pesquisadora estará à sua disposição para quaisquer esclarecimentos, através do contato disponibilizado por e-mail, marimanucan@gmail.com ou telem 00244 912358411.

Agradeço sua participação,

Maria Manuela Nacandumbo.
Orientanda/Pesquisadora PUC/SP

Assinatura do participante

_____/_____/_____

APÊNDICE B - Questionário autopreenchido pelos participantes

1. Data de nascimento...../...../..... Sexo.....
 Nível de escolaridade..... Profissão..... Estado civil.....
2. Viveu momentos de guerra? Sim () Não ()
3. Que idade tinha no tempo de guerra?
4. Participou do serviço militar? Sim () Não ()
 Por quê?
5. Tem algum familiar que morreu ou sofreu na guerra? Sim () Não ()
 Se sim, diga quem e como ocorreu?

6. Que consequências a guerra lhe trouxe?

7. Que sentimentos a vivência de guerra lhe provoca hoje?
 Medo () Tristeza () Culpa () Perda () Ansiedade () Outros ()
8. Que momentos de guerra mais marcaram a sua vida?

9. Como você reage quando encontra alguém que esteve ligado diretamente à guerra?.....

10. Conte algum episódio específico de guerra pelo qual você passou? Dê exemplos.

Obrigada pela participação